



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO TURISMO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO
MESTRADO PROFISSIONAL EM JORNALISMO

MÁRCIA ELISABETH DEMENTSHUK

**CAIXAS DE RESSONÂNCIA: estudo dos suplementos jornalísticos para crianças
na Paraíba**

JOÃO PESSOA
2016

MÁRCIA ELISABETH DEMENTSHUK

**CAIXAS DE RESSONÂNCIA: estudo dos suplementos jornalísticos para
crianças na Paraíba**

Dissertação apresentada à banca
examinadora como parte dos requisitos para
a obtenção do título de Mestre pelo
Programa de Pós-graduação em Jornalismo –
Universidade Federal da Paraíba.

Orientadora: Prof^a Dr^a Joana Belarmino de
Souza

**João Pessoa
2016**

D376c Dementshuk, Márcia Elisabeth.
 Caixas de ressonância: estudo dos suplementos
 jornalísticos para crianças na Paraíba / Márcia Elisabeth
 Dementshuk.- João Pessoa, 2016.
 139f. : il.
 Orientadora: Joana Belarmino de Souza
 Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCTA
 1. Jornalismo. 2. Educomunicação. 3. Sociologia da
 infância. 4. Suplementos infantis. 5. Participação - criança.

UFPB/BC

CDU: 070(043)

CAIXAS DE RESSONÂNCIA: estudo dos suplementos jornalísticos para crianças na Paraíba

MÁRCIA ELISABETH DEMENTSHUK

Dissertação apresentada à banca examinadora como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Jornalismo – Universidade Federal da Paraíba.

Banca Examinadora:

Prof^a Dr^a Joana Belarmino de Souza (Presidente da Banca - Orientadora)

Prof. Dr. Pedro Nunes (2º Membro)

Prof^a Dr^a Adelaide Alves Dias (1º Membro)

Resultado e data

AGRADECIMENTOS

À orientadora e tão dedicada professora Joana Belarmino, quem me estimulou a me candidatar ao Programa de Pós-graduação em Jornalismo na Universidade Federal da Paraíba, me acompanhou nessa trajetória de pesquisa, estando sempre pronta a ouvir minhas ideias, discutir os enfoques, contribuir com novas perspectivas com sabedoria e paciência.

À professora Adelaide Alves Dias, por ter acrescentado a este trabalho uma perspectiva complementar que enriqueceu a discussão; aos professores do PPJ, por apresentarem conceitos ampliando a visão sobre o jornalismo ideal.

Às colegas de profissão, Juliana Doretto, por ter me apresentado o jornalismo para crianças como campo de pesquisa e, sem saber, inspirou a realização deste trabalho, Marianna Vieira, que acompanhou minha trajetória no Correio Criança e no mestrado.

Aos colegas de curso, que participaram das aulas, seminários, congressos, levantando questões controversas acerca do jornalismo, emprestando livros, motivando uns aos outros. Nem a sobrecarga diária de trabalho e da pesquisa impediu que mantivéssemos contato pelos grupos em redes sociais ou para as tarefas em grupos propostas nas disciplinas.

Agradeço à minha família pelo apoio, pela compreensão e pelo carinho, ingredientes importantes nos momentos cruciais dessa jornada.

Meus agradecimentos a Deus, que cumpre suas promessas e jamais abandona aqueles que se entregam aos seus cuidados.

E, como não poderia jamais deixar de citar, um “muito obrigada” a Walter Galvão, jornalista, editor, diretor, que acreditou e abriu as portas para implementação de um suplemento jornalístico para crianças na Paraíba.

A criança que pensa em fadas

*A criança que pensa em fadas e acredita nas fadas
Age como um deus doente, mas como um deus.
Porque embora afirme que existe o que não existe
Sabe como é que as coisas existem, que é existindo,
Sabe que existir existe e não se explica,
Sabe que não há razão nenhuma para nada existir.
Sabe que ser é estar em algum ponto
Só não sabe que o pensamento é um ponto qualquer.*

Alberto Caeiro

RESUMO

O trabalho tem por objetivo geral, realizar um estudo acerca dos suplementos infantis impressos que circularam em jornais na Paraíba, a partir de matrizes da educomunicação e da sociologia da infância. Trouxemos conceitos intrínsecos a essas disciplinas a fim de identificar a formação de ecossistemas comunicativos e como se deu a participação da criança na produção dos suplementos infantis analisados, sendo ela um sujeito de direitos. Como etapas para o cumprimento dos objetivos propostos, mapeamos a realidade atual da produção de suplementos infantis no Brasil e contextualizamos a produção dos suplementos objetos de nosso estudo, quais sejam, aqueles divulgados em João Pessoa. Nossa metodologia envolveu a análise de conteúdo dos três suplementos infantis publicados em jornais impressos na Paraíba: “O Pirralho”, “Correinho das Artes” e “Correio Criança” realizada de forma qualitativa, buscando aspectos denotativos de elementos dos conteúdos que nos deram o subsídio para uma análise aprofundada e específica. Para complementar a pesquisa, nos valem de ferramentas como a pesquisa documental e entrevistas. Em nossas reflexões, recomendamos práticas que podem contribuir para o aprimoramento do trabalho dos jornalistas para esse tipo de produção, na rotina das redações. Nessa pesquisa observamos que os suplementos analisados não contaram com um ecossistema comunicativo, como prevê a educomunicação, formando uma equipe com profissionais de diversas disciplinas para canalizar a participação da criança, e/ou formulando parcerias com instituições envolvidas em processos com crianças. Mas consolidaram a participação das crianças nos suplementos através de parcerias com os professores nas escolas, abrindo espaços de participação da criança na mídia. Constatamos que o jornalismo é um instrumento eficaz de ressonância das culturas que as crianças produzem e ressaltamos a relevância de tornar o jornalismo e os meios de comunicação acessíveis à expressão das crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo. Educomunicação. Infância. Participação.

ABSTRACT

The dissertation's general objective is about children's printed supplements that circulated in newspapers in Paraíba. We brought intrinsic concepts, from the educational communication and sociology of childhood disciplines in order to identify the formation of communicative ecosystems and how was the child's participation in the production of children's supplements analyzed, since the child it is someone who has rights. As steps to achieving the proposed objectives, we map the current reality of the production of children's supplements in Brazil and contextualize the production of objects supplements in our study, namely, those published in João Pessoa. Our methodology involved a content analysis of three children's supplements published in newspapers in Paraíba: "O Pirralho", "Correinho das Artes" and "Correio Criança", conducted qualitatively, seeking denotative aspects of elements of content that gave us the grant for a thorough and specific analysis. To complement the research, we draw on tools such as documentation research and interviews. In our reflections, we recommend practices that can contribute to the improvement of the work of journalists for this type of production, in the routine inside the newspaper. In this research we found that the supplements analyzed did not count on a communicative ecosystem, as provided for educommunication, forming a team of professionals from various disciplines to objective the participation of the child and/or formulating partnerships with institutions involved in processes with children. But the supplement's partnerships with teachers in schools, opening child participation spaces in the media. We note that journalism is an effective instrument of resonance of the children's cultures and we emphasized the importance of making journalism and the media accessible to children's expression.

KEYWORDS: Journalism. Educommunication. Childhood. Participation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Capa "O Pirralho"	68
Figura 2: Capa "Correinho das Artes"	69
Figura 3: Capa "Correio Criança"	70

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Formulário de Registro Conteúdo, Formato e Temas – “O Pirralho”	73
Quadro 2: Formulário de Registro Conteúdo, Formato e Temas – “Correinho das Artes”	75
Quadro 3: Formulário de Registro Conteúdo, Formato e Temas – “Correio Criança”	77
Quadro 4: Formulário de Registro Participação e Ecossistema – “O Pirralho”	80
Quadro 5: Formulário de Registro Participação e Ecossistema – “Correinho das Artes”	84
Quadro 6: Formulário de Registro Participação e Ecossistema – “Correio Criança”	86

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 - EDUCOMUNICAÇÃO: FUNDAMENTOS DA PESQUISA	15
1.1 Aurora da Educomunicação	15
1.2 Práticas e saberes	19
1.3 Áreas de atuação da Educomunicação	22
1.4 Ecossistemas Comunicativos	23
1.5 Desafios do campo da Educomunicação	26
1.6 Pesquisas em Educomunicação, Jornalismo e Infância	27
CAPÍTULO 2 - A CRIANÇA COMO SUJEITO DE DIREITOS: O DEBATE SOCIOLOGICO E PARTICIPAÇÃO	32
2.1 A criança existe	33
2.2 Culturas infantis	34
2.3 Acriança, a infância e as crianças	37
2.4 Geração	39
2.5 Participação: uma questão de direitos	41
CAPÍTULO 3 - JORNALISMO E INFÂNCIA: CONTEXTUALIZANDO OS SUPLEMENTOS PARA CRIANÇAS NO BRASIL E NA PARAÍBA	46
3.1 Suplementos para crianças, do impresso ao digital	46
3.2 Trajetória dos suplementos impressos para crianças no Brasil	49
3.3 Publicações e jornalismo para crianças na Paraíba	53
3.3.1 Lente histórica	54
3.3.2 “O Pirralho”	56
3.3.3 “Correinho das Artes”	59

3.3.4 “Correio Criança”	61
3.3.4.1 Repórter Teen	64
CAPÍTULO 4 - METODOLOGIA E ANÁLISE	67
4.1 Estratégias	67
4.2 A análise e seus resultados	73
4.2.1 Os dados e sua topografia	73
4.2.1.1 “O Pirralho”	74
4.2.1.2 “Correinho das Artes”	76
4.2.1.3 “Correio Criança”	78
4.2.2 Participação e ecossistema comunicativo	80
4.2.2.1 “O Pirralho”	81
4.2.2.2 “Correinho das Artes”	85
4.2.2.3 “Correio Criança”	87
4.3 Crianças e jornalistas: Reflexões e recomendações	90
CONCLUSÕES	96
REFERÊNCIAS	100
ANEXO 1 “O Pirralho”	106
ANEXO 2 “Correinho das Artes”	114
ANEXO 3 “Correio Criança”	125
APÊNDICE A Entrevista com Yolanda Limeira, editora de “Correinho das Artes”	132
APÊNDICE B Entrevista com Wilma Wanda, editora de “O Pirralho”	135
APÊNDICE C Entrevista com Marta Gleich, editora de Zero Hora	137

INTRODUÇÃO

Célestin Freinet era um homem doente e frágil, que viveu na França, no começo do século passado. Foi ferido no pulmão durante a Primeira Guerra Mundial, onde serviu como soldado. Falava e respirava com dificuldade. Tais agravantes não o impediram que ele se tornasse um professor cujas concepções pedagógicas se correlacionavam com sua opção política, o anarquismo francês. Em suas ideias eram propagados termos como educação proletária, libertadora, para a classe trabalhadora.¹

Ainda jovem, passou a dar aulas para uma turma formada por mais de 40 alunos com idades e níveis escolares diferentes, na pobre aldeia Bar-sur-Loup, Sul da França. Era o ano de 1924. Estava completamente desacreditado quanto ao sistema educacional aplicado então, um ensino mecânico, decorado, repressivo, distante da realidade da vida, que conduz o aluno ao fracasso. Como não bastasse, não conseguia chegar até o fim da aula, sofrendo ataques de tosse e perdendo a voz. Tinha que buscar outra alternativa.

Conheceu os fundamentos da “escola ativa”, mas frustrou-se ao ver que os recursos usados por estes educadores eram sofisticados e caros, distante de sua realidade e a de seus alunos. Era uma escola só para os ricos, não para o ensino público.

Sem desistir de tentar melhorar suas condições de ensino, deparou-se com um catálogo de produtos onde estava anunciada uma nova prensa manual, simples, fácil de manusear e, principalmente, barata. Juntou suas economias e comprou a mini-prensa, instalou na sala de aula e implementou o “jornal escolar”.

A produção do jornal tornou-se a principal tarefa dos alunos. O caderno individual não era mais usado. Tudo o que era pesquisado, vivido, refletido, era compartilhado e publicado nas páginas do jornal. Os alunos estavam completamente envolvidos e incentivados e o maior motivo era este: o que estavam escrevendo seria lido pelos colegas, pelos familiares, por outros moradores da aldeia.

Com essa experiência, Freinet descobriu a chave para despertar nos alunos o interesse pelo conhecimento. Desvendou o mistério. No jornal, os educandos encontraram sua “caixa de ressonância”: “escreviam para serem lidos”.

O jornal escolar foi e ainda é utilizado como instrumento pedagógico nas escolas no

1 Este é um resumo baseado na narrativa de Kaplún, “Uma pedagogia da comunicação” (1987). In Aparici, Roberto (Org.) *Educomunicação – para além do 2,0*. Paulinas, 2014. Veja Referências.

Brasil. Mas nós queremos apresentar, neste trabalho, outras importantes caixas de ressonância que crianças e adolescentes tiveram na Paraíba para compartilhar suas descobertas e expressões com leitores desconhecidos, os suplementos infantis de jornais impressos. Nos suplementos “O Pirralho” (1976), “Correinho das Artes” (1992) e “Correio Criança” (2010) – encartados em jornais do Estado – textos, desenhos, tirinhas em quadrinhos e até reportagens da garotada eram publicadas, ressoando seus pontos de vista.

Sob a inspiração das experiências de Freinet, o objetivo geral deste trabalho é realizar um estudo acerca dos suplementos infantis que circularam em jornais impressos na Paraíba a partir de matrizes da educomunicação e da sociologia da infância, tendo como concepções centrais as ideia de ecossistema comunicativo e a ideia de participação da criança como um sujeito de direito, com vistas a aprimorar o trabalho dos jornalistas nesse tipo de produção.

A metodologia envolverá a realização de uma análise de conteúdo dos três suplementos infantis publicados na Paraíba: “O Pirralho”, “Correinho das Artes” e “Correio Criança.”

Através desse estudo, pretende-se identificar se os suplementos foram produzidos incluindo as crianças no processo de produção, desde o planejamento das atividades até a publicação. Logo, os objetivos específicos estão delineados da seguinte forma:

- 1) Mapear a realidade da produção dos suplementos infantis na Paraíba.
- 2) Verificar se há um ecossistema comunicativo em torno da participação das crianças nos suplementos e em que medida se dá essa participação.
- 3) Apresentar recomendações que favoreçam o aprimoramento da prática jornalística na produção de conteúdos infantis, independente da plataforma usada na produção.

Nossa hipótese inicial é a de que nos suplementos analisados não há um ecossistema consolidado, como prevê a educomunicação, contando com profissionais de diversas disciplinas para canalizar a participação da criança, e/ou formulando parcerias com instituições envolvidas com o trabalho com crianças, apesar de que, em alguns momentos, os suplementos lançaram mão de variáveis, sobretudo com alianças com os professores e as escolas.

O cumprimento desses objetivos conduz a formação dos capítulos subsequentes desta pesquisa. O trabalho é organizado em quatro capítulos, sendo os dois primeiros dedicados à fundamentação teórica, onde discorreremos sobre a educomunicação e a sociologia da infância. O terceiro capítulo traz a contextualização do nosso objeto de estudo, no qual apresentaremos os suplementos infantis com um breve panorama sobre a circulação desses produtos no Brasil e na

Paraíba. O quarto capítulo é dedicado ao percurso metodológico e a análise dos suplementos propriamente dita.

O tema atraiu a atenção da pesquisadora a este trabalho desde quando ela foi editora do suplemento “Correio Criança” e convidou estudantes para participarem da produção de notícias, em 2011. Já era prática ouvir crianças em entrevistas para as matérias, mas elas não conheciam uma redação jornalística, nem os caminhos pelos quais a notícia passa até ser publicada. A ideia de sistematizar essa participação cresceu, ganhou apoio da diretoria do jornal e, em 2012, foi instituído o projeto “Repórter Teen”, no qual estudantes eram repórteres por um dia. As pautas levavam os repórteres mirins a investigarem sobre temas relevantes para eles, para seus colegas na escola e para a cidade onde vivem. O envolvimento entre crianças e jornalismo rendeu frutos interessantes na formação dos participantes que terminavam a experiência. Elas saíam com uma noção diferente sobre o que são as notícias que circulam todos os dias e como elas são feitas.

Em 2013, a pesquisadora participou do Seminário Internacional Infância e Comunicação realizado pela Andi, entre os dias 6 a 8 de março, em Brasília, onde o debate central foi em torno do direito de participação da criança na mídia. Ações de educomunicação através de projetos em escolas ou em ONGs foram expostas como exemplos de oportunidades para a participação da criança nos meios de comunicação.

Foi então que nasceu a aspiração de analisar metodologicamente como se deu a participação das crianças no “Correio Criança” e como isso poderia contribuir no planejamento de outras ações com focos semelhantes e com as pesquisas em educomunicação.

Algumas alterações referentes ao projeto inicial de pesquisa do Programa de Pós-graduação em Jornalismo foram necessárias para melhor delimitar o nosso objeto de estudos, adequando-o à linha de pesquisa do programa.

Inicialmente, o objeto de pesquisa estava focado apenas em uma publicação recente direcionada para crianças e adolescentes de até 12 anos, o “Correio Criança”, suplemento infantil quinzenal, encartado no jornal “Correio da Paraíba”. Mas, no decorrer das investigações, descobrimos outros dois suplementos infantis veiculados em jornais impressos em períodos diferentes, um na década de 1970 e outro na década de 1990, respectivamente, “O Pirralho” e o “Correinho das Artes”. Ambos circularam e foram mantidos pelo jornal estatal “A União”. Esse fato nos levou a considerar a importância destes dois instrumentos de ressonância da voz de crianças na sociedade.

Salientamos que nosso objeto de estudo não está dentro da escola, principal ente educador da sociedade, mas foca-se nos produtos de veículos de comunicação. Contudo, isso não descaracteriza a função educativa destes suplementos, principalmente no tocante à oportunidade que os jovens tiveram para criar a mentalidade crítica transformadora em uma sociedade. Em consonância com Baccega (2011), “a escola não é o único lugar do saber”. Bem como “os meios se constituem em ferramentas complementares para a educação, dividindo as funções antes destinadas à escola. E parece que têm levado vantagem.” (BACCEGA, 2011, p.34).

Chamamos ainda a atenção para o fato de que a análise dos conteúdos destes suplementos irá transcorrer entre décadas com diferentes desenvolvimentos tecnológicos que influenciaram nos modos de produção dos meios de comunicação. “O Pirralho” data da década de 1970, muito tempo antes de os computadores estarem inseridos nas redações, nas escolas ou nas casas das famílias. O “Correinho das Artes” foi produzido durante um momento de transição tecnológica nos meios de produção de jornais, entre os anos de 1992 e 2002. E o “Correio Criança” é mais recente, de 2010 a 2014, tendo os softwares de computadores como base gráfica de produção.

O campo da educomunicação está se fortalecendo nos últimos anos com grandes colaborações em estudos de pesquisadores, o que rendeu um bom material bibliográfico para este trabalho, assunto que será detalhado nos capítulos de fundamentação. Igualmente, a sociologia da infância nos propiciou importantes reflexões para o fortalecimento da prática jornalística voltada à criança, no cenário da educomunicação.

1 EDUCOMUNICAÇÃO: FUNDAMENTOS DA PESQUISA

1.1 Aurora da Educomunicação

Nesse capítulo, faremos uma breve contextualização histórica da constituição do campo da Educomunicação, uma vez que o tema torna-se central para a fundamentação do nosso estudo. Trabalhamos especialmente com os contributos de Freire (1968; 1987), o grande inspirador da instituição do diálogo comunicacional na educação. Numa perspectiva mais atual, recuperamos os estudos de pesquisadores latino-americanos como Soares (2011), Baccega (2011), Martín-Barbero (2011), Kaplún (1998), Citelli (2011), subtraindo das considerações epistemológicas as formulações conceituais do campo.

A relação entre comunicação e educação não é recente. Freire (1987) dizia, ainda, na década de 1970, que educar é comunicar e é pelo diálogo entre as pessoas que se adquire o conhecimento transformador do mundo.

A proposta da Educomunicação se serve das ideias de Freire (1968; 1987) quanto à liberdade que a educação deve proporcionar quando exercida de forma a levar o educando a adquirir o conhecimento e chegar à verdade através do diálogo. O indivíduo não está só, mas acompanhado no mundo, refletindo com outras pessoas, colegas, educadores, ou família, sobre esse mundo e transformando-o pela palavra resultante desse processo. Portanto, vale ressaltar que Freire (1968; 1987) questiona o sistema de ensino autoritário, “bancário, verticalizado, repetidor de conceitos e regras, e critica a postura de acomodação do ente social diante da massificação.

Para Freire (1968), a comunicação só pode ocorrer no mundo comum, onde impera a consciência do mundo. Se essa consciência fosse isolada, individualizada, não haveria como se comunicar. As consciências são comunicantes. O monólogo é o fechamento da consciência, ele não socializa, enquanto que o diálogo é a relação no mundo, é o fazer a história. A consciência é constituída pelo diálogo que atravessa fronteiras infinitamente.

Através do diálogo, o mundo é elaborado, os indivíduos se reconhecem e constroem um mundo comum, produzindo um conhecimento conjunto, transformador e humanizador do mundo:

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar (FREIRE, 1968, p. 44).

Segundo Freire (1968), a essência do diálogo é a palavra, constituída por duas dimensões, a ação e a reflexão. Estas, sempre juntas, com o mesmo peso e a mesma medida, na palavra verdadeira, autêntica, geram a práxis, a ação concreta. Por isso, o pedagogo afirma que pela palavra autêntica, verdadeira, se dá a transformação do mundo. Todos têm o direito de dizer a palavra verdadeira, mas não apenas dizê-la para o outro, e sim de uma forma a integrar a consciência com o outro no mundo. “Porque é encontro de homens que *pronunciam* o mundo, não deve ser doação do *pronunciar* de uns a outros. É um ato de criação” (Freire, 1968. p. 45). Pelo diálogo, os sujeitos conquistam o mundo, diferente de conquistar o próximo.

Em seu discurso, Freire (1968) defende que não há como dialogar sem amor, sem amar as pessoas, o mundo, o ambiente. A incompatibilidade dialógica também ocorre quando não há humildade, com pessoas que se isolam em “guetos” julgando estarem no melhor lugar do mundo acompanhados pelas melhores pessoas do mundo; com aqueles que se enxergam autossuficientes, nem com aqueles que perderam a fé nos homens, na capacidade que eles têm de refazer-se, de recriar. A ausência da fé presunha a manipulação e o paternalismo.

O campo da Educomunicação é relativamente novo e encontra-se em construção, tendo ganhado mais espaço como campo de pesquisa acadêmica a partir do final do século passado. Mas isso não quer dizer que atividades de comunicação aplicadas a estudantes de escolas não ocorressem antes que existisse o termo “educomunicação”, afinal, o campo de estudos epistemológicos originou-se justamente por haver práticas educativas que atravessavam ambos os campos – educação/comunicação.

A publicação “Mudando sua Escola, Mudando sua Comunidade, Melhorando o Mundo! Sistematização da Experiência em Educomunicação”, do Unicef, apresenta diversas ações no Brasil hoje relacionadas à educomunicação, mesmo sem terem sido identificadas por este termo na época.

Um levantamento realizado por Soares (2014) revela que as ações no final da década de 1960, início dos anos 1970, estavam vinculadas às práticas da comunicação comunitária e alternativa. Em sua maioria, os programas eram voltados para análise do conteúdo cinematográfico, transmitidos em cineclubes ou em discussões promovidas pelas paróquias ou escolas católicas. O movimento estudantil ocupou o espaço com discussões políticas voltadas para a realidade sociopolítica brasileira.

No Equador, em 1968, o pedagogo Luís Campos Martínez iniciou a análise de produções

de cinema com crianças estimulando a compreensão da linguagem audiovisual. O programa foi chamado por “Plan del Niño” (Plan DENI), que, em Português, é traduzido como “Plano da Criança”, e previa a capacitação de professores para trabalhar o cinema com os alunos na sala de aula. No ano seguinte à Organização Católica Internacional de Cinema (OCIC), assumiu o plano, disseminou-o em outros países latino-americanos e atualmente o programa segue ativo no Uruguai, Paraguai, República Dominicana e no Brasil.

Entre 1970 e 1980, as ações de comunicação na área da educação estavam relacionadas aos projetos de resistência cultural, alguns deles vinculados aos movimentos sindicais ou organizações católicas. Nos anos 1970, os latino-americanos preocupavam-se com a influência norte-americana dos programas de televisão e partiram para a implementação de projetos voltados à leitura crítica da mídia. Foi neste período que pesquisadores como Juan Diaz Bordenave, no Paraguai, Paulo Freire, no Brasil, Mario Kaplún, no Uruguai, Daniel Pietro, na Argentina e Eduardo Contreras, no Equador, iniciaram reflexões em direção à formulação do conceito da educomunicação no sentido da gestão dos processos comunicativos.

De acordo com Soares (2011), quando o termo “educomunicação” começou a entrar na pauta da Unesco nos anos de 1980, fazia referência ao esforço dos educadores para esclarecer aos alunos os efeitos nocivos que os meios de comunicação poderiam causar, e à importância de se construir uma consciência crítica. Os estudos e projetos tratavam da influência da mídia na cultura original através da midiaeducação (“media literacy”, “media education”).

Nos Estados Unidos, Canadá, bem como em países da Europa, as aplicações em “Media and Information Literacy” (MIL – em tradução livre, significa educação para os meios de comunicação, mídia e informação) ou “Media Education” (midiaeducação) estão fortemente em voga, relacionadas à leitura crítica da mídia. Os indivíduos são capacitados em competências a fim de compreender criticamente as técnicas e impactos das mensagens da mídia e produções.

Conforme Soares (2014), a aproximação do debate da “media education” entre o Hemisfério Norte e a América Latina deu-se na transição do milênio, com vistas ao fortalecimento dessa área em todo o mundo. A educação para a comunicação deixava de ser um problema exclusivo da educação e se transformava em um problema cultural, sendo tratada pelos acadêmicos brasileiros, herdeiros da tradição europeia, pelo termo “midiaeducação”.

As ações em midiaeducação têm o objetivo de empoderar pessoas através da educação para os meios de comunicação de maneira que possam tomar decisões e se engajar socialmente.

Recentemente foram revigoradas por um programa específico da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), o Global Alliance for “Partnerships on Media and Information Literacy”²² (Gapmil – Aliança Global para Parcerias em Mídia e Alfabetização Midiática), também direcionado a outros países. Através da Gapmil, a Unesco tem a intenção não só na capacitação de crianças e jovens para a mídia, como também assegurar que todos os cidadãos tenham acesso a meios de comunicação e à informação por meio de cooperação internacional.

A Unesco promove a educação para a comunicação há mais de 40 anos e tem como estratégia a formação de parcerias. Porém, a iniciativa de formação da GAPMIL é recente, foi lançada durante o Fórum Global de Parcerias em Mídia e Informação realizado na Nigéria, em junho de 2013. No Brasil, o jornalista Alexandre Le Voci Sayad, integrante do “Media Education Lab” (MEL) e da Associação Brasileira de Educomunicação, apresentou a iniciativa no 6º Encontro de Educomunicação, realizado de 10 a 12 de junho de 2015, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

A área da educação para a comunicação tem seu lugar no campo da Educomunicação e deve ser pensada e promovida a partir desta perspectiva, sendo identificada por Soares (2000) da seguinte maneira:

(...) área da educação para a comunicação: constituída pelas reflexões em torno da relação entre os polos vivos do processo de comunicação (relação entre os produtores, o processo produtivo e a recepção das mensagens), assim como, no campo pedagógico, pelos programas de formação de receptores autônomos e críticos ante aos meios (SOARES, 2011 (A), p. 26).

Nossa pesquisa encontrará suas delimitações em duas áreas: na gestão da comunicação, incluindo também a área da reflexão epistemológica sobre a inter-relação comunicação e educação como fenômeno que surge da cultura; e na área da sociologia da infância, que promove uma visão diferenciada sobre a criança, como veremos no capítulo dois.

Os educadores latino-americanos abandonaram gradativamente esta visão tradicional centrada no fenômeno midiático e partiram em busca da luta pela democratização das políticas de comunicação no continente.

Já voltada para essa perspectiva, a realização de ações em educomunicação foi

2 Aliança Global para Parcerias na Alfabetização em Mídia e Informação.
<<http://www.unesco.org/new/en/communication-and-information/media-development/media-literacy/global-alliance-for-partnerships-on-media-and-information-literacy/>> Acesso em 23 jul. 2015, 14:00)

identificada a partir de uma pesquisa feita entre 1997 e 1999, por alunos e pesquisadores do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (USP). Esta pesquisa detectou a interdisciplinaridade entre os campos educação e comunicação em ações realizadas com crianças e adolescentes. Foi aplicada em 12 países da América Latina, com 176 especialistas e observou a existência de uma prática na sociedade civil “que tomava a comunicação como eixo transversal das atividades de transformação social” (SOARES, 2011, p.11). Estava se descortinando um novo campo de intervenção social que se desenvolvia por meio da união de dois eixos distintos até então, a comunicação e a educação.

O resultado desta pesquisa levou os estudiosos da USP a proporem um novo conceito para o termo “educomunicação”, diferente à referência dada a ele pela Unesco, o qual passaria, então, a designar o conjunto destas ações no seio da sociedade civil que “produzem o efeito de articular sujeitos sociais no espaço da interface comunicação/educação” (SOARES, 2011, p.11). Ou seja, reuniria três pontos isolados em um só: **o conceito de gestão da comunicação nos espaços educativos somado à produção midiática e à leitura crítica da mídia** (grifo nosso).

A pesquisa confirmou o sentido de que a Educomunicação é de fato um campo de intervenção social onde: “(...) em função da luta pela liberdade de expressão, pessoas diferentes, em contextos diferentes, se mantêm conectadas a práticas semelhantes, com o suporte de referentes teóricos e metodológicos próximos” (SOARES, 2014, p.146).

1.2 Práticas e saberes

Segundo Soares (2011), a década de 1990 foi rica na difusão de “metodologias de abordagem para práticas de educação à mídia”. Projetos de ONGs, de extensão universitária, passaram a construir caminhos que foram ocupados por crianças e adolescentes transitando entre a produção, a leitura e a crítica da mídia.

Inúmeros estudos acadêmicos interligando a comunicação com a educação se originaram no Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE-USP) e os resultados iam pouco a pouco derrubando a barreira que separava as disciplinas comunicação/educação. Com respaldo científico um novo campo surgia, era interdisciplinar e “já pensava a si mesmo, produzindo uma metalinguagem, elemento essencial para sua identificação como 'objeto interdisciplinar de conhecimento'.” (SOARES, 2011, p. 35).

Foi com base nesta descoberta que o NCE-USP atribuiu a seguinte descrição à respeito do novo campo de intervenção social:

(...) o conjunto de ações voltadas ao planejamento e implementação de práticas destinadas a criar e desenvolver ecossistemas comunicativos abertos e criativos em espaços educativos, garantindo, desta forma, crescentes possibilidades de expressão a todos os membros das comunidades educativas (SOARES 2011, p.36).

As práticas em educomunicação aconteciam em vários estados do Brasil. O livro “Infância e Comunicação: referências para o marco legal e as políticas públicas brasileiras” (2011), organizado pela ANDI³, elenca uma série de projetos voltados para trabalhar a interface comunicação/educação, planejados e realizados por ONGs, cujas criações foram nos anos de 1990. Entre eles, o “Cala-boca já morreu”, de São Paulo, criado em 1995; a “Oficina de Imagens – Comunicação e Educação”, de Minas Gerais, originado por estudantes da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais em 1997; e a “CIPÓ – Comunicação Interativa”, fundada em 1999, de Salvador, Bahia. Todas ainda em atividade.

Na Paraíba, na década de 1990, o jornalismo impresso trazia o suplemento infantil “Correinho das Artes”, o qual proporcionou a participação dos alunos através da produção de ilustrações de páginas e com a publicação de poesias, contos e redações feitas pelas crianças.

Entre 2001 e 2004, uma experiência significativa em educomunicação usando o rádio como ferramenta despontou nas escolas municipais de São Paulo e foi adotada como política educacional pelo município. Soares (2011) menciona este exemplo em artigos e no livro “Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação”, mas é quando aborda o assunto em seminários e encontros que podemos ouvi-lo contar com satisfação. Aqui iremos descrevê-lo conforme ouvimos no 6º Encontro de Educomunicação, realizado entre os dias 10 a 12 de junho de 2015, em Porto Alegre.

O governo municipal de São Paulo, pela Secretaria de Educação, solicitou ao NCE um projeto para diminuir a violência nas escolas públicas. Pensamos no que poderíamos fazer e, juntando as possibilidades, acreditamos que os alunos se interessariam em produzir programas de rádio. Então surgiu o Educom.rádio – Educomunicação pelas ondas do Rádio (Encontro Brasileiro de Educomunicação VI, Porto Alegre, 2015).

Conforme Soares (2011, p. 38), o Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de

3 ANDI; CONANDA. **Infância e Comunicação**: referências para o marco legal e as políticas públicas brasileiras. Brasília, 2011.

São Paulo (NCE-USP) organizou um curso de capacitação na operação e produção de conteúdo para rádio, de 100 horas, para professores e educadores. Cerca de 12 mil professores, alunos e membros de 455 escolas municipais de Ensino Fundamental passaram pelo programa de 2001 a 2004. Cada escola recebeu um *kit* de produção radiofônica e passou a produzir com a participação dos alunos programas que alcançavam um raio de até 300 metros na transmissão. O projeto tornou-se lei em 2005 e se mantém, independente da troca de gestão pública.

Outra prática aplicada a educandos no Brasil relativa à educomunicação que podemos destacar é a Rede CEP (Rede de Experiências em Comunicação, Educação e Participação). Quando foi criada em 2005, a Rede CEP reunia dez organizações não governamentais que realizavam projetos educacionais e um centro de pesquisa⁴, nos estados de Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Paraná, Ceará, Minas Gerais, Pará e Amazonas. O objetivo era disseminar metodologias de educomunicação e práticas de maneira a contribuir com a formação de políticas públicas junto às escolas. O ganho na área social era obtido pelo entendimento dos educandos acerca do funcionamento dos sistemas de comunicação.

As atividades apresentadas no livro “Educomunicar – Comunicação, Educação e Participação para uma educação pública de qualidade”⁵ apresentam exemplos da participação de crianças e adolescentes em projetos de comunicação nas escolas ou em organizações não governamentais, adquirindo cultura e conhecimento por meio das atividades. Foram experiências vividas no ano de 2005 por alunos que apuravam notícias na comunidade e editavam o material que depois seria veiculado em rádios comunitárias ou nas televisões das escolas. Elas demonstraram o quanto é possível absorver, interpretar e dar voz ao mundo protagonizado por crianças e adolescentes.

E a educomunicação adentrou também na área da educação socioambiental, sendo um programa sugerido pelo Ministério do Meio Ambiente para o planejamento de ações junto ao público infantil e tem um conjunto de estratégias como sugestão. Os primeiros passos para a disseminação da educação ambiental foram dados em 1992, durante a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Rio-92, na época conhecida como ECO-92. Com o passar dos anos e com o próprio desenvolvimento da Educomunicação, as práticas foram

4 Disponível em <www.cidadeescolaaprendiz.org.br/wp-content/uploads/2014/06/educomunicar_rede-cep.pdf> Acesso em 4 abr. 2105 15:15.

5 Disponível em <www.cidadeescolaaprendiz.org.br/wp-content/uploads/2014/06/educomunicar_rede-cep.pdf> Acesso em 4 abr. 2105.

direcionadas ao ensino da preservação do meio ambiente.

A Educomunicação é uma linha de ação do Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA) que cuida da articulação de ações comunicação para a Educação Ambiental. Em atendimento à lei 9795/99, da Política Nacional de Educação Ambiental, esta linha de ação tem como objetivo proporcionar meios interativos e democráticos para que a sociedade possa produzir conteúdos e disseminar conhecimentos, através da comunicação ambiental voltada para a sustentabilidade. (BRASIL. Ministério do Meio Ambiente - Programa Nacional de Educação Ambiental – ProNEA)

1.3 Áreas de atuação da Educomunicação

Soares (2011, p. 26) elenca quatro áreas onde as ações educacionais se concretizam:

a) Área da educação para a comunicação – conforme já abordado, atua nas atividades em torno da recepção crítica diante das informações veiculadas nos meios de comunicação. São motivadas as reflexões sobre a produção dos conteúdos, o processo como eles foram produzidos e como eles chegam até o público. Esta foi a vertente que mais se desenvolveu na Europa e na América do Norte.

b) Área da mediação tecnológica da comunicação – este ponto envolve o uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs) como recursos na educação, como, por exemplo, a educação à distância ou o uso de vídeos ou outros equipamentos em sala de aula. Com o desenvolvimento e a ampliação do acesso das pessoas ao computador e à Internet, essa área registrou um crescimento grande nos últimos anos.

c) Área da gestão da comunicação no espaço educativo – compreende a execução efetiva dos projetos de comunicação junto às crianças e adolescentes, o que deverá originar o ecossistema comunicativo, dentro das condições existentes, dos recursos disponíveis e das capacidades de quem está operando neste ecossistema. As atividades podem acontecer dentro do espaço formal da escola ou fora dele, inclusive nos veículos de comunicação como nas emissoras de rádio, nos jornais, em estações de TV, em editoras, etc. E envolvem a família, a comunidade educativa, ou outros atores ligados à ação. O educador planeja, executa as ações e tem condições, posteriormente, de fazer uma avaliação dos resultados.

d) Área da reflexão epistemológica sobre a inter-relação comunicação/educação – os estudos, as pesquisas, toda a reflexão acadêmica produzida pelos pensadores e conduzidas

metodologicamente são fundamentais na construção e evolução da interface comunicação/educação. A produção acadêmica garante a unicidade às práticas educomunicativas e vai legitimando o campo.

No capítulo escrito para o livro “Educomunicar – Comunicação, Educação e Participação para uma educação pública de qualidade” (ver bibliografia), Soares cita, ainda, a área da “expressão comunicativa através das artes (práticas que visam ampliar os espaços e as modalidades de expressão)”. Mas credita maior importância à área da gestão da comunicação no espaço educativo por ser destinado a produzir o ecossistema comunicativo. “O que caracteriza a gestão é, em suma, a “costura” que alcança produzir – por meio da ação prática - entre as várias vertentes que aproximam a comunicação e a educação”.⁶

Soares (2014), contudo, prefere não sustentar que a Educomunicação seja um campo de conhecimento já formado, autônomo e consolidado. Para ele, o reconhecimento do campo interdisciplinar da comunicação/educação, como proposto pelo Núcleo de Comunicação e Educação da USP, teria que “assumir o radicalismo da procura de um tipo especial de liberdade: a liberdade da palavra” (SOARES, 2014, p.146). As ações nos espaços educativos concretizam a utopia da “luta pela liberdade da palavra”, reconhecendo o seu valor estratégico.

1.4 Ecossistemas Comunicativos

Liberdade de criar, de estabelecer relações, de argumentar, de concluir, de formular mensagens e dispará-las em todas as direções até que alcancem outros alvos: a palavra é o meio, a forma, o conteúdo que torna possível essa profusão de saberes.

A comunicação é intrínseca ao ato de educar, que em si é um ato coletivo, que só pode ser exercido como projeto comum. Educomunicação é o processo que viabiliza a construção de ecossistemas comunicativos de modo que possamos exercer nossa cidadania” (SARTORI, 2014, p. 8).

Sartori (2014) relaciona a educomunicação partindo da origem etimológica do termo e chega a um conceito que ultrapassa os limites da junção morfológica das palavras educação e comunicação. Ela divide o termo em “educó” + “comum” + “ação” e redescobre aí a exigência

6 Ano de publicação não informado no documento. Referência da citação na página 9. Disponível em <www.cidadeescolaaprendiz.org.br/wp-content/uploads/2014/06/educomunicar_rede-cep.pdf>. Acesso em 4 abr. 2105 15:15.

do rompimento de fronteiras e a “construção do diálogo, que em si é um ato político” (SARTORI, 2014, p. 8).

O primeiro artigo da Lei que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (Lei Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996) indica todos os sistemas onde a educação ocorre: “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL. Lei Nº 9.394, 20 dez. 1996).

Considerando-se os processos que formam o ecossistema comunicativo encontramos uma relação muito próxima à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira. Nas palavras de Soares (2011, p. 45), “todas as formas de relacionamento com regras determinadas e rigorosamente seguidas acabam por conformar um tipo definido de ecossistema comunicativo.” Tais formas de relacionamento seriam a convivência familiar ou escolar, em um centro de cultura, ou até pela Internet, desde que sejam baseadas em uma regra anteriormente planejada que caracterize “determinada cultura comunicativa”, com o objetivo de se obter uma convivência saudável onde todos tenham igual acesso às oportunidades. Esse processo estará sempre em construção, é aberto e nunca estará encerrado enquanto estiver ocorrendo. O ecossistema não ocorre espontaneamente, por acaso, ou por força da natureza, (de onde parte a conotação primária do termo). Ele deve ser intencionalmente construído, racionalmente estruturado, planejado e, inclusive, passível de avaliação.

Soares (2001, p. 43) lembra que o conceito de ecossistema comunicativo recebe influência primária da noção referente ao cuidado com o planeta. No campo da comunicação, o autor atribui um novo sentido ao termo e o designa como uma “nova ambiência cultural” que inclui muito mais do que um conjunto de aparelhos tecnológicos. O ecossistema comunicativo se forma pelo conjunto de informações, pensamentos, interlocuções que se circulam pelas diversas mídias e por isso ganha a característica de ser difuso. Também é descentrado porque estes dispositivos midiáticos são muito mais do que a escola e os livros.

Quando aborda as dinâmicas do ecossistema comunicacional, Martín-Barbero (2011, p. 125) destaca que a construção do saber não deve se restringir aos espaços sagrados, como escolas ou universidades, mas deve permear os ambientes frequentados pelos educandos e este é um dos desafios da comunicação para a área da educação. Ele afirma que a primeira dinâmica deste

ecossistema é a “relação com as novas tecnologias”. A segunda é a dinâmica da comunicação. E salienta que o ecossistema comunicativo incorpora um sistema complexo onde as novas tecnologias entram como tecnologias intelectuais como dispositivos de transformação, de percepção, de compreensão e de sentimento.

A escola deixou de ser o único lugar legitimação do saber, pois existe uma multiplicidade de saberes que circulam por outros canais, difusos e descentralizados. Essa diversificação e difusão do saber, fora da escola, é um dos desafios mais fortes que o mundo da comunicação apresenta ao sistema educacional (MARTÍN-BARBERO, 2011, p. 126).

As áreas de intervenção social se materializam no campo da Educomunicação e criam “ecossistemas comunicativos.”, – a área de gestão da comunicação no espaço educativo, planejamento e execução das ações que envolvem a comunicação, a cultura e a educação em sua articulação (SOARES, 2000).

Citelli (2011) diz que esse conceito é usado também por Barbero, Kaplún, Lévy, Citelli e Soares, entre outros, ao mostrar que sistemas de circulação da mensagem provocam transformações sociais.

No caso, a família, a comunidade educativa ou uma emissora de rádio criam, respectivamente, ecossistemas comunicacionais. (...) A gestão da comunicação nos espaços educativos produz-se tanto nos ambientes voltados para programas escolares quanto naqueles dedicados ao desenvolvimento de ações não formais de educação, como nas emissoras de rádio e de televisão educativas, nas editoras e centros produtores de material didático, nas instituições que administram programas de educação a distância e nos centros culturais. (SOARES, 2011, p. 27)

Soares (2011) afirma que o ecossistema comunicativo é um conceito-chave para a educomunicação, desde as reflexões epistemológicas até às ações práticas dos educadores. O termo é “usado para designar as teias de relações de pessoas que convivem nos espaços onde esses conjuntos de ações são implementados” (SOARES, 2011, p.37). E complementa salientando que o termo é usado “como uma figura de linguagem para nomear um ideal de relações, construído coletivamente em dado espaço, em decorrência de uma decisão estratégica de favorecer o diálogo social, levando em conta, inclusive, as potencialidades dos meios de comunicação e de suas tecnologias. (SOARES, 2011, p. 44). O autor adverte que as atividades educacionais devem estar pautadas nos princípios da inclusão (nenhum integrante do grupo

deve estar de fora); da democracia (as pessoas envolvidas estão em pé de igualdade); da mídia (no momento em que os meios são usados nas práticas e os produtos feitos pelas crianças devem ser valorizados); e da criatividade (considerando a produção da cultura local).

1.5 Desafios do campo da Educomunicação

Se a educomunicação está sendo construída em cada documentário produzido por grupos de alunos, em cada página dos jornais escolares que circulam entre as crianças, nos programas de rádio que estudantes fizeram e ecoam nos pátios das escolas, é a prova de que ela traz desafios constantes para todos que estão envolvidos no ecossistema comunicativo.

Baccega (2011) aponta dez desafios para atuação exitosa no complexo campo da comunicação/educação:

1º) A construção do campo comunicação/educação. A barreira a ser transposta é reconhecer os meios de comunicações como potenciais educadores. Este campo é um novo espaço teórico onde as práticas são fundamentadas e os sujeitos são formados.

2º) A tecnologia está impregnada na vida das pessoas; nas escolas, sejam elas formadas por alunos de classe alta ou baixa, a tecnologia está à disposição. O problema é a forma como ela é usada, “o lugar que ela ocupa na formação dos alunos” (BACEGGA, 2011). A educomunicação dá conta dessa discussão incluindo temas como criticidade, mediações, novos significados para a escola, para o professor, das relações de consumo, e uma visão contextualização da realidade.

3º) “Construir este campo como objeto científico, ressaltando suas relações com os meios que, a partir da realidade construída e divulgada por eles, ajudam também a conformar nossas identidades” (BACEGGA, 2011, p.35).

4º) O campo só pode ser pensado a partir de sua diversidade, da “multi, inter e transdisciplinaridade). A interseção desses saberes é o centro da investigação desse campo.

5º) A leitura crítica das mensagens que veiculam nos meios de comunicação deve estar institucionalizada na educação. “É desafio da comunicação/educação levar a saber ler e interpretar o mundo que, metonimicamente, nos é passado (...)”

6º) Inserir os atores no campo cultural, entender que este é um espaço inclusivo e a arte deve ter a presença de pessoas comuns, não apenas os ditos “intelectualizados”.

7º) Com o desenvolvimento da tecnologia e da Internet, as noções de tempo e de espaço

mudaram. É necessário se reorganizar no tempo efetivo, fazer uma nova edição do mundo que chega pautado até o cidadão.

8º) A partir da reflexão, do diálogo e da compreensão das mensagens transmitidas pela mídia, é preciso construir uma nova realidade, a realidade local, respeitando as origens, o patrimônio cultural. A educomunicação tem como desafio dar condições para o sujeito fazer essa construção e, com isso, transformar sua história.

9º) A informação chega de forma fragmentada, o que impede a formulação do conhecimento em sua totalidade.

10º) “Levar o sujeito a ter consciência da construção da cultura na qual vivemos, da importância da comunicação na trama da cultura e, sobretudo, levá-lo ao conhecimento e à reflexão sobre as mediações que conformam nossas ações” (BACEGGA, 2011, p. 40).

Ao tratar do campo educação/comunicação, Orozco-Gómez (2011) preocupa-se com a tarefa do professor em ensinar para transformar. Para ele, a vinculação entre essas duas disciplinas dá-se em diversos níveis, como o de macrossistemas educativos e comunicacionais, pois os processos de aprendizagem se modificaram depois da existência das novas tecnologias. Isso abre um desafio para a educação no sentido de procurar novas formas de construir o conhecimento.

Em nível das instituições concretas como a televisão, a escola, ou o rádio, Orozco-Gómez (2011) considera a grande influência regida pelos meios de comunicação na circulação da informação e a deficiência da escola, relegada como mera instituição social, não protagonizando transformações nem no contexto local, onde está inserida, nem no particular, dos alunos.

O caminho não é competir, e sim fazer uma aliança estratégica: servir-se dos meios e dar conta de questioná-los sobre a aprendizagem que proporcionam às crianças e, para para ser realmente relevante, fazê-lo de modo que todas os estudantes se formam de maneira mais completa, autônoma e crítica (OROZCO-GÓMEZ, 2011, p. 249).

O autor defende que o Estado e a sociedade civil devem exercer sua parcela de contribuição respaldando espaços públicos de circulação, de conhecimento, de cultura, de maneira que esses espaços não sejam invadidos pelo mercado.

Neste contexto, as novas tecnologias da informação estão no centro do desafio em busca da democratização da comunicação, da educação e do conhecimento. Elas são como um suporte de uma educação comunicativa diversificada e são, elas próprias, objeto de estudo e análise a fim

de se identificar seus efeitos, usos e representações culturais. (OROZCO-GÓMEZ, 2011, p. 249).

Podemos observar que de uma forma geral os pesquisadores em educomunicação são incisivos ao afirmar que o currículo e as atividades nas escolas precisam acompanhar as mudanças no comportamento dos alunos a partir dos hábitos adquiridos depois da popularização da Internet e das redes sociais. Muito mais do que expostos aos meios de comunicação de massa e sendo influenciados por eles, pela Internet as crianças e adolescentes podem interagir e participar de grupos sociais, fazer comentários, dar opinião, jogar com pessoas que não conhecem, acessar um universo de informação.

Baccegga (2011) salienta que a Comunicação/Educação tem o objetivo de ensinar que o mundo que se apresenta aos nossos olhos e ouvidos foi interpretado por alguém e que em vista da influência que essas informações exercem sobre o receptor, esse mundo que chega até nós editado, portanto, deve ser conhecido e criticado. Os alunos devem adquirir a capacidade de interpretar o mundo onde vivem.

Nesse campo cabem atividades digitais, de arte-educação, de meio ambiente, de educação à distância, TV, rádio, cinema, jornal, teatro, cibercultura. “Não se trata, pois, de educar usando o instrumento da comunicação, mas de que a própria comunicação se converta na vértebra dos processos educativos: educar pela comunicação e não para a comunicação” (BACEGGA, 2011).

1.6 Pesquisas em Educomunicação, Jornalismo e Infância

É grande o número de artigos e dissertações que estudam suplementos infantis de jornais do Sudeste do País, especialmente de São Paulo (tanto de jornais da capital como em jornais do interior) e do Rio de Janeiro. No Nordeste, há trabalhos sobre o “Diarinho”, (suplemento infantil do Diário de Pernambuco) e destacam-se estudos referentes ao jornalismo infantil com base no Rio Grande do Sul e na Bahia.

Através de uma busca pela Internet é possível encontrar centenas de trabalhos acadêmicos na área de Educomunicação. Salientamos o lançamento do livro “Pequeno Leitor de Papel, um estudo sobre jornalismo para crianças”, em agosto de 2014, de Juliana Doretto. A obra teve origem no mestrado pela Universidade de São Paulo e traz um estudo feito nos suplementos infantis “Folhinha”, da “Folha de São Paulo” e “Estadinho”, do jornal “Estado de São Paulo”.

Doretto (2010) identificou o leitor para quem esses suplementos se dirigem e realizou um levantamento nos textos das páginas centrais e na capa informações que comprovaram que as Redações não conseguem entrevistar, de modo igualitário, crianças de todas as faixas etárias que desejam atingir, o que indica que é preciso delinear melhor o leitor-padrão, ou modelo, dessas publicações.

Na Biblioteca virtual da Universidade Estadual da Paraíba foram encontradas duas obras, um livro de Sandra Raquew dos Santos Azevedo “Gênero, rádio e educomunicação: caminhos entrelaçados”, da editora UFPB, e uma monografia de Manassés Moraes Xavier, intitulada por “Jornalismo digital na escola: narrativas de uma prática educacional”. Na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade Federal da Paraíba foram encontradas duas dissertações. Uma de Juliana Ferreira Marques, “Nas ondas da rádio-escola: a educomunicação conectando saberes na sociedade aprendente” e outra defendida por Karine de Andrade Calado, com o título “Protagonismo juvenil e educação ambiental: estudo do Programa Projovem Adolescente do município Borborema-PB”.

No segundo semestre de 2010, os primeiros alunos de Comunicação Social com habilitação em Educomunicação começaram as aulas na Universidade Federal de Campina Grande, na Paraíba. Para a coordenadora do curso de Graduação em Comunicação Social com ênfase em Educomunicação da UFCG, Danielle Andrade de Souza, o curso foi criado para “preencher a lacuna existente de formação profissional num campo de trabalho inter e transdisciplinar, considerando, especialmente, a realidade regional” (SOUZA, 2014, p. 58).

O projeto pedagógico leva em consideração as mudanças tecnológicas promovendo a reconfiguração dos meios de comunicação, e a introdução das mídias nas práticas educativas. O curso forma profissionais aptos à elaboração e produção de mídias para os ensinos presencial e à distância. A primeira turma formou-se em 2013.

A proposta do currículo leva em conta a comunicação como prática cultural e propõe ao aluno uma formação transdisciplinar de forma que ele esteja pronto para superar os desafios trazidos pelas novas condições da profissão

(...) por meio do domínio de novas linguagens e processos tecnológicos, por meio da leitura crítica dos sistemas de comunicação, por meio da compreensão de processos de mediação social e tecnológica e, sobretudo, pelo desenvolvimento da capacidade de gestão dos processos comunicacionais em diferentes contextos (SOUZA, 2014, p. 60).

O Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP) oferece desde 2011 a Licenciatura em Educomunicação e uma grade curricular baseada na construção do profissional que deverá atuar como um coordenador, orientador ou facilitador das atividades de educomunicação nas escolas, em organizações não governamentais, em educação ambiental ou em grupos específicos de crianças.

O programa contém disciplinas de teorias em comunicação e educação e práticas educacionais com o objetivo de compreender o mundo complexo onde as gerações vivem no século XXI.

O Núcleo de Comunicação e Educação (NCE/USP) é um importante gerador de pesquisas nesta área. Segundo Soares (2014), o banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) apontou 97 dissertações e teses defendidas nos centros de pós-graduação do Brasil entre 2000 e 2012, tendo as práticas educacionais como o principal objeto de pesquisa e referenciando trabalhos de pesquisadores do Departamento de Comunicação e Artes (ECA/USP).

A Associação Brasileira de Educomunicação e o NCE-USP realizam anualmente o Encontro Brasileiro de Educomunicação (Educom), que está em sua sexta edição em 2015. Ocorrido nos dias 10 a 12 de junho de 2015, em Porto Alegre, foram registradas 168 propostas de trabalhos aprovadas para apresentação provenientes de 20 estados do Brasil, além três países da América Latina e da Espanha.

A área da infância é estudada principalmente pelos campos da educação, sociologia, psicologia e antropologia. Como veremos no próximo capítulo, pesquisas recentes na sociologia da infância apontam a necessidade em voltar o olhar para a criança como ator social pleno, respeitando a sua diversidade. A Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES) da Universidade de Campinas edita a Revista Educação & Sociedade, e atualmente publica também os Cadernos CEDES onde reúne artigos nacionais e estrangeiros sobre o tema.

Conforme Delgado e Müller (2005):

No Brasil temos um campo desenvolvido e legítimo de pesquisas em educação da infância e atualmente a sociologia da infância conta com alguns interlocutores brasileiros, que apresentaram algumas publicações na década de 1990. Ainda temos um longo caminho a trilhar no que se refere à consolidação da área da sociologia da infância no Brasil, o que Quinteiro (2000, 2002a, 2002b) já constatou em publicações recentes acerca da emergência de uma sociologia da infância no país (DELGADO e MÜLLER, 2005, p. 353).

Uma busca feita no portal Scielo Brasil⁷ preenchendo o campo de busca em assunto como “Infância, demonstrou a incidência de 593 artigos, e como “sociologia da infância”, 12 artigos. No site da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação⁸, a pesquisa como “infância” resultou em 60 artigos e como “sociologia da infância” apontou a existência de 5 artigos. No Google Acadêmico, a pesquisa com as palavras “Sociologia da infância” trouxe, aproximadamente, 95.700 resultados⁹.

Na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o campo é abordado em cursos de mestrado e doutorado do Programa de Pós-graduação em Sociologia. Na biblioteca de dissertações e teses da UFPB constam 59 títulos entre dissertações e teses relacionados à “infância” e não constam publicações sob o assunto “sociologia da infância”.

Consideramos uma parte dessa literatura na produção deste trabalho, para melhor compreensão da criança e da infância, uma vez que analisamos produções realizadas para elas e por elas.

7 Disponível em <<http://www.scielo.br/>> Acesso em 2 jul. 2016.

8 Disponível em <<http://www.anped.org.br/>> Acesso em 2 jul. 2016

9 Disponível em <<https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&q=sociologia+da+inf%C3%A2ncia&btnG=&lr=>> Acesso em 2 jul. 2016.

2 A CRIANÇA COMO SUJEITO DE DIREITOS: O DEBATE SOCIOLÓGICO E PARTICIPAÇÃO

A turma do sexto ano de uma escola particular de João Pessoa estava no pátio aguardando o início de um jogo de trilha diferente. Os alunos seriam as peças e percorreriam um tabuleiro de tamanho grande estendido no chão andando o número de casas acusadas por um dado gigante até chegar ao objetivo final. Em algumas casas, havia instruções para avançar, retornar, ficar uma rodada sem jogar, dependendo do conteúdo do texto na casa. O tema do jogo era “Cidadania”, o tabuleiro representava uma cidade com as instituições de governança, de políticas públicas e organizações do terceiro setor. O texto tratava das boas práticas no andamento da cidade em contrapartida com as ações corruptas que prejudicavam o convívio comum. “Administrador corrupto. Fique uma vez sem jogar”. “Voluntário em campanha para doação de sangue. Avance duas casas”. A equipe que chegasse primeiro com todos seus componentes ao final sairia vencedora.

Acompanhamos a aplicação deste trabalho educativo para preparar a matéria principal de uma das edições do suplemento infantil “Correio Criança”. O jogo, composto por materiais atrativos, com boa impressão colorida e pedagogicamente elaborado, faz parte de um programa da Controladoria Geral da União, instituição federal com a missão de fiscalizar as ações do governo. O projeto é realizado em parceria com as escolas, com o objetivo de inserir o aluno no ambiente político-social demonstrando a importância do exercício da cidadania.

A cena aqui descrita ilustra a discussão com a qual envolvemos nosso tema a partir de agora, ou seja, o debate reflexivo com base nos contributos da sociologia da infância. Esse é um campo de estudo recente na área da sociologia, e faz uma leitura crítica sobre os conceitos tradicionais com respeito à criança. Por muito tempo, a infância foi considerada, biologicamente, no período de amadurecimento, como um estágio intermediário de desenvolvimento do corpo em seu crescimento natural até o alcance pleno da força, do equilíbrio e das capacidades motoras. Psicologicamente, conforme será melhor explicitado adiante, a tendência foi para interpretar a criança como se ela vivesse em um mundo à parte, sendo pensada como um ser incompleto, dissociada do mundo dos adultos. Essa tendência verifica-se, sobretudo, no período moderno quando a infância foi construída por um trabalho de exclusão ao mundo dos adultos.

2.1 A criança existe

Barbosa (2014, p. 645) apresenta a origem dos estudos sobre a infância a partir da distinção entre as crianças e os adultos estabelecida na sociedade europeia no século XVII “produzindo modos distintos de vida para ambos”. Em meados do século XIX, dois campos de pesquisas nascentes, a psicologia e a pedagogia, começaram a abordar essa geração em estudos visando a melhor forma para educá-la e criaram o espaço para investigação nessa área. O mérito das primeiras investigações não é questionado, uma vez que foram responsáveis pela visibilidade da criança na sociedade. Entretanto, tais trabalhos estiveram voltados à busca da padronização do comportamento das crianças, como se seu desenvolvimento ocorresse de maneira homogênea.

Existia outra lacuna nos estudos sobre a infância na fase inicial, do zero aos seis anos, quando a criança ainda não aprendeu a escrever. Gobbi (2002) aponta as dificuldades para encontrar registros da passagem das crianças pela história, produzidos por elas mesmas, tornando inviável as pesquisas atuais sobre a infância de antigamente “quando nos propomos a pesquisar as crianças de pouca idade, desejando desvendar e conhecer seu mundo a partir de seus próprios olhares” (GOBBI 2002, p. 70). Para a pesquisadora, uma vez que a criança não produziu algum documento escrito por não dominar a técnica, os desenhos entram como meio de expressão válidos para análise porque informam sobre momentos históricos e a infância nesses momentos.

Mas, recentemente, se formulam “Novos Estudos da Criança e da Infância que estabelecem uma reflexão crítica sobre as produções existentes.” (GOBBI 2002, p. 645). A filosofia e a antropologia foram áreas que se debruçaram sobre o tema da infância apontando outras ideias, como, por exemplo, o fato de que a dimensão da infância permanecesse na pessoa embora ela cresça e se torne adulta; também, a criança filósofa. A antropologia enfoca as crianças como “agentes produtores de cultura” conforme participam e interagem com o mundo, e não apenas são determinadas pelas culturas. Portanto, para o conhecimento real dessa geração é essencial investigar o ambiente de forma global, com a criança inserida nele.

Conforme Sarmiento:

Porém, mais do que isso, a sociologia da infância propõe-se a interrogar a sociedade a partir de um ponto de vista que toma as crianças como objeto de investigação sociológica por direito próprio, fazendo crescer o conhecimento, não apenas sobre a infância, mas sobre o conjunto da sociedade globalmente considerada. A infância é concebida como categoria social do tipo geracional por meio da qual se revelam as possibilidades e os constrangimentos da estrutura social (SARMENTO, 2005, p. 363).

Em virtude do presente trabalho analisar a participação das crianças em suplementos jornalísticos à luz da educomunicação, nos apegamos à interdisciplinaridade (também própria à este campo) para trazer contribuições da sociologia da infância a fim de compreender mais profundamente aquela a quem os suplementos se destinavam e abriam espaços para participação: “sua excelência”, a criança.

Na maioria das vezes, a mídia voltada para o público de idade menor de 12 anos reforça a exclusão da criança do contexto social simbolizando a infância como uma fase de transitoriedade para uma concepção final, em processo de criação, incapacitada de criar suas próprias manifestações culturais ou compreender os princípios da boa convivência. Programas de TV ou publicações impressas destinadas a esse público adultizam as crianças apresentando-as com características desapropriadas à sua realidade.

A sociologia da infância aponta esse equívoco. A criança convive em um meio social pelo qual é afetada e também o afeta. Essa visão partiu especialmente das observações do pesquisador norueguês, Jens Qvortrup, abrindo caminhos nos círculos europeus até alcançar o Brasil através das pesquisas do português William Corsaro. Qvortrup definiu o campo que “investiga as crianças como agentes sociais, produtoras de culturas, e a infância como categoria na estrutura social” (QVORTRUP, 2010, p. 631). Desde o final dos anos de 1990, alcançou legitimidade no mundo todo com o reconhecimento do Comitê de Pesquisa da Associação Internacional da Sociologia (ISA).

2.2 Culturas infantis

Canavieira e Caldeiron, (2011) consideram que as culturas produzidas pelas crianças no Brasil começam a aparecer em pesquisas do sociólogo Florestan Fernandes (2004, *apud* CANAVIEIRA e CALDEIRON, 2011, p. 156). Em 1946, ele estudou o folclore no Bairro Bom Retiro, centro da cidade de São Paulo dedicado a compreender as relações entre crianças de idades diferentes, a formação dos grupos para brincadeiras e a origem das brincadeiras, o sentimento de pertencimento, as relações entre os vizinhos, relações de gênero, entre outros temas do cotidiano infantil. Para Florestan, esses assuntos são a base da cultura infantil, com múltiplas diversidades, produzidas nas mesmas condições sociais onde vivem os adultos.

Inspiradas nesse pensamento, as pesquisadoras afirmam que “as crianças estão sujeitas

às mesmas condições sociais que os adultos, e isso implica diretamente a produção de suas culturas”. (CANAVIEIRA e CALDEIRON, 2011, p.156).

Esse entendimento também permeia os estudos atualizados sobre a infância:

As culturas da infância são resultantes da convergência desigual de fatores que se localizam, numa primeira instância, nas relações sociais globalmente consideradas e, numa segunda instância, nas relações inter e intrageracionais. Essa convergência ocorre na ação concreta de cada criança, nas condições sociais (estruturais e simbólicas) que produzem a possibilidade da sua constituição como sujeito e ator social (SARMENTO, 2005, p. 373).

Barbosa (2014) estuda as culturas infantis sob a perspectiva de Corsaro, Sarmento e Brougère e se aproxima da abordagem proposta nesta dissertação no ponto em que analisamos a participação das crianças em suplementos jornalísticos. Da mesma forma que a mídia produz conteúdo para crianças ou sobre as crianças, deixando a desejar o incentivo de produção pelas crianças, Barbosa enfoca as manifestações culturais infantis na mesma linha:

Sob a expressão culturas infantis, observam-se, principalmente, dois tipos de manifestações: as culturas elaboradas por adultos, tendo em vista a transmissão para as crianças — cultura *para* as crianças e cultura *sobre* as crianças —, e, por outro lado, as culturas elaboradas *pelas* crianças (BARBOSA, 2014, p. 645).

O ponto de partida para a construção de uma visão original da infância foi colocar em cheque as definições prévias do que era preconizado. O jogo apresentado no início deste capítulo tem suas regras, é induzido e conduzido por pessoas especializadas, num ecossistema educacional e direcionado à finalidade da inserção cívica. Ele reproduz as instituições municipais criando um ambiente lúdico para o participante ganhar domínio e desenvoltura, e passar a formular uma compreensão da organização social. Mas as brincadeiras espontâneas feitas pelas crianças executam as mesmas estratégias, também seguem regras, sendo que, dessa vez, criadas por elas próprias. Quando uma criança monta um consultório médico em seu quarto, valendo-se do que tem às mãos para “fazer de conta” que um pedaço de fio é um estetoscópio e o lápis é a seringa, ela está interpretando uma vivência que observou em algum instante na vida. Corsaro (2005; 2009) chama a essa abordagem como “reprodução interpretativa e cultura de pares”, pares no sentido de parceiros. “As crianças criam e participam de suas culturas de pares singulares por meio da apropriação de informações do mundo adulto de forma a atender aos seus interesses próprios enquanto crianças” (CORSARO, 2009, p. 31). Para ele, as crianças criam suas

culturas nas suas atividades diárias, estando a sós, com irmãos ou amigos, na presença de adultos ou não. E têm capacidades para, inclusive, apreenderem o convívio social.

O pesquisador atenta ao fato de não se tratar de simples imitação da criança, mas da apreensão das informações e uma recriação em sua própria cultura, que será, muitas vezes, compartilhada com seus colegas. A criança constrói um gênero, uma profissão, ao dramatizar um papel, sem adotar conceitos transferidos verticalmente pelos adultos de forma direta. Dos adultos, ela apreende o fato de o médico cuidar de doenças com instrumentos que não são comuns no seu dia a dia. Corsaro depurou essa abordagem depois de realizar inúmeras pesquisas etnográficas observando crianças brincando em diversos países, em instituições de níveis econômicos e sociais diferentes, e constatou que se trata de “aspectos universais das culturas de pares das crianças”.

O ponto central defendido por Sarmento (2005) identifica a criança vinculada ao mundo dos adultos e transforma essa propriedade “dos adultos” para um mundo em geral, onde todas as manifestações estão em andamento. Ele diz que a criança não vive em um universo fechado, mas permeável e flexível e a interdisciplinaridade para compreender as culturas infantis é essencial. Entre seus apontamentos estão a interatividade entre as crianças e delas com os adultos; a ludicidade na recriação do mundo sob a posição de ser criança; a fantasia do real, pela qual as crianças transitam pelo universo fantástico e realista; e a reiteração, o tempo flui mas matem a infância na sociedade.

Sem mencionar diretamente o termo culturas infantis, Brougère (*apud* BARBOSA, 2014) traz em seu vocabulário termos que se referem ao que Barbosa destaca sobre o tema. Brougère (*apud* BARBOSA, 2014) estudou, por muito tempo, as brincadeiras e os brinquedos entre as crianças e as relações entre a cultura lúdica e a cultura infantil. Para ele, os instrumentos que as crianças forjam para brincar revelam inúmeros significados sobre suas culturas. “As crianças aparecem como participantes ativos da cultura, em todos os espaços sociais, engajadas para apreender o mundo e ressignificá-lo, introduzindo nele suas marcas” (BARBOSA, 2014, p. 661).

Para Barbosa (2014), os três autores apresentam a criança como ator social protagonista, capazes de interagir com o ambiente ao seu redor e formular modos de vivência. As culturas infantis estão em vários contextos da vida cotidiana e misturam-se ao mundo, na escola, na família, na comunidade religiosa, na mídia, seguindo o movimento e transmitindo estas culturas infantis a outras gerações. E as gerações seguintes vão reelaborando essas culturas.

2.3 A criança, a infância e as crianças

Javeau (2005) propõe, em linhas gerais, uma análise semântica conceitual dos objetos da sociologia da infância: a “criança”, a “infância” e “as crianças”. Destina-se a uma estruturação para o desenvolvimento dos trabalhos em cima desse campo, pertinente para nossa compreensão. Ele aplica o trânsito em outros campos como a psicologia, o campo demográfico e o antropológico. Cada um, respectivamente, complementa a dimensão de cada objeto específico.

Na menção à “criança”, Javeu (2005) entra no campo psicológico e afirma que o discurso da psicologia comportamental relativo às fases de desenvolvimento adquiriu legitimidade consistente. A crítica se dá ao fato de que a criança está destinada a passar por uma escalada de níveis na aquisição das competências até atingir o topo aonde só chegará com sucesso se estiver com sua personalidade formada, incluindo o comportamento e a cognição. Contudo, não se ocupa com a diversidade dos contextos onde esses indivíduos estão ao realizarem a escalada. O desenvolvimento do indivíduo acontece em determinadas condições: se a família é rica, vive num bairro planejado, tem acesso à escolas com programas de ensino mais diversificado, à Internet, à prática de esportes e ao lazer, essa criança atravessará a infância usufruindo de benefícios que outra criança da periferia jamais conheceria. Ambas viverão seus primeiros anos de vida, mas, a interação, a produção cultural, o posicionamento na sociedade poderão estar tão distantes quanto as oportunidades que eles tiveram.

A “infância” é o período da vida relativo aos primeiros anos, antes da adolescência, da fase adulta, da terceira idade, etc. Assim, a infância inicia no ponto demográfico, classificada por faixas etárias que variam de país para país e não somente geograficamente, como também, dentro de um país, as instituições estabelecem prioridades etárias consideradas em casos específicos. Juridicamente, conforme o caso, as crianças não estão com suas faculdades plenamente desenvolvidas a fim de seus depoimentos serem considerados judicialmente. Na mídia, através da classificação indicativa a censura divide a exposição da criança à violência, à pornografia, palavrado chulo ou consumo de bebidas alcoólicas entre a programação livre, em programas destinados às crianças acima dos 10 anos, 12 anos, 14 anos, 16 anos, 18 anos e público adulto. As razões que levam a essas definições são baseadas em medidas de proteção para diminuir os impactos negativos na criança. A classificação pela idade, as delimitações entre as fases como infância e adolescência, o desenvolvimento biológico, afetivo e cognitivo são constantemente

reajustados e variam de tempos em tempos. Portanto, a sociologia da infância não se preocupa com idades fixas, mas com os deslocamentos e transformações ao longo do percurso.

Conforme Javeau (2005, p. 383), sob a perspectiva demográfica, tradicionalmente a infância é considerada improdutiva. A criança ainda está por aprender e adquirir competências socialmente aceitas. Nas escolas, pedagogicamente é avaliado o seu “rendimento” e gerações de alunos estão submetidos ao êxito diante das tarefas que lhe são propostas. Não levam em conta as diferenças de capacidades no aprendizado e reprova aqueles que não se enquadram nos padrões pré-estabelecidos. O pesquisador considera que esse sistema encobre uma motivação econômica de controlar as despesas da escola.

“As crianças” constituem um “território”, tanto no sentido literal, como indivíduos agrupados, quanto no figurado, como modelo de comportamento.

Quando se fala nas crianças assume-se a visão antropológica. As crianças devem ser consideradas uma população ou um conjunto de populações com pleno direito (científico), com seus traços culturais, seus ritos, suas linguagens, suas “imagens-ações” etc. (...) As crianças não devem desde então ser vistas como um universo prefigurando o dos adultos, e ainda menos como uma cópia imperfeita do mundo adulto (JAVEAU, 2005. p. 385).

É neste grupo onde são formadas as culturas infantis retratadas de acordo com os significados da sociedade global, sujeitas aos fenômenos dominantes.

A criança vive com os subsídios que lhes estão às mãos, com instrumentos normalmente garantidos por suas famílias, pelas políticas públicas ou forjados por elas próprias. Com isso elaboram suas culturas, expressões, seus brinquedos e brincadeiras, suas rotinas. Seus modos de vida estão intimamente ligados ao modo de vida de seus pais, enfrentando as consequências do desemprego, ou da ausência quando os pais estão no trabalho, famílias formadas por casais de sexos diferentes ou do mesmo sexo. São o *background* das transformações pelas quais a criança também atravessa. Mollo-Bouvier (2005) aborda uma concepção mais ampla de socialização do que a da sociologia tradicional, onde os indivíduos buscam conhecer-se e conhecer ao próximo e promove uma construção de ambos. Não é o caso de integrar-se a uma vida coletiva, mas ajustar-se, cada um por seu turno, um ao outro, e ao ambiente social. “Essa concepção interacionista da noção de socialização implica que se leve em conta a criança como sujeito social, que participa de sua própria socialização, assim como da reprodução e da transformação da sociedade” (MOLLO-BOUVIER, 2005, p. 393).

2.4 Geração

Uma das categorias estruturais destacadas na sociologia da infância é a “geração”. Para Sarmiento (2005, p. 364), está em cheque o conceito tradicional de geração que se refere a indivíduos que nasceram numa mesma época, vivenciaram os acontecimentos desse período, têm a mesma experiência histórica (como trata o sociólogo húngaro Karl Mannheim). Ou seja, à geração é delegada uma identidade histórica muito forte, como, por exemplo, a “geração digital”, que são os nascidos depois da popularização do computador e outros dispositivos da era digital.

Contudo, Sarmiento retoma os conceitos de Jens Qvortrup para afirmar que a geração é “trans-histórica, estando prioritariamente ligada aos aspectos demográficos e econômicos da sociedade” (SARMENTO, 2005. p. 364). A infância não depende das crianças que são os atores durante o período inicial da vida. Esses atores entram e saem de cena, na trajetória dos anos. A geração continua sendo caracterizada pela permanência e mudança nas faixas etárias, por diferentes implementações de políticas públicas, pela forma como é suprimida. E ainda, o pesquisador reconceitua “geração” historicizando-o “sem perder de vista as dimensões estruturais e interacionais”. A infância é construída historicamente, durante longos anos, através de muitos concertos e consensos. A prática social atualiza continuamente o estatuto social que formulou os princípios ideológicos no lugar da infância na sociedade.

A geração é um constructo sociológico que procura dar conta das interações dinâmicas entre, no plano sincrônico, a *geração-grupo de idade*, isto é, as relações estruturais e simbólicas dos atores sociais de uma classe etária definida e, no plano diacrônico, a *geração-grupo de um tempo histórico definido*, isto é o modo como são continuamente reinvestida de estatutos e papéis sociais e desenvolvem práticas sociais diferenciadas os atores de uma determinada classe etária, em cada período histórico concreto. (SARMENTO, 2005. p. 367, Destaque do autor).

Os espaços que as crianças ocupam dentro do grupo geracional diferenciam-nas profundamente e as posicionam individualmente. Embora façam parte de um mesmo grupo elas estão em condições diversas. Essa diversidade advém da etnia, da região do planeta onde vivem, da classe social, econômica, etc. E é assinalada pela sociologia da infância diante do fato de que não há uniformização na infância. Por isso é feita a distinção semântica entre infância (a geração) e criança (o sujeito, o ator). A sociologia da infância se debruça sobre essas diferenças, na diversidade e na alteridade frente aos adultos.

Como é a criança? Como é o adulto? Quais as distinções entre “eu” e o “outro”? O que pertence a um, o que pertence ao outro? As respostas a estas perguntas são as referências do real que surgem da análise concreta feita pela sociologia da infância de uma perspectiva opositiva às propostas da ciência moderna. Nesse novo campo a infância é investigada sobre uma base geracional própria, tendo a alteridade devidamente reconhecida. Nesse debate, rejeita-se a criança projetada como um mini-adulto ou como um indivíduo imperfeito, inacabado. Segundo essa visão, inacabadas estão todas as gerações, os adolescentes, os adultos, os idosos, todos com suas lacunas a serem preenchidas pelo reconhecimento das diferenças, se ajustando uns aos outros e transformando o ambiente.

Em nosso trabalho a educomunicação é a ferramenta teórica fundamental de reflexão sobre o jornalismo para crianças. Nossa apropriação da reflexão proposta pelos autores da sociologia da infância nos permite associar esses dois campos de conhecimento no intuito de aprimorarmos estratégias voltadas à infância no campo do jornalismo e da comunicação.

A educomunicação arma a estrutura sobre a qual os atores irão criar seus movimentos expressivos e compartilhará-los com seus pares. São inúmeras ferramentas, dezenas de possibilidades de acordo com a criatividade dos participantes para proporcionar um ambiente adequado ao desenvolvimento da criança e para a descoberta das habilidades que já possui. Seja audiovisual, um documentário, uma encenação, uma história fictícia; seja em meio impresso, um jornal, uma revista, um fanzine, um mural; seja na Internet, um blog, uma *fanpage*; seja ao vivo, uma peça de teatro um esquete; a educomunicação entra com um leque de ações que podem ser escolhidas pelas próprias crianças.

A conjuntura macroeconômica do sistema capitalista que rege o Brasil, território onde foram publicados os suplementos que estamos analisando aqui, corrobora com uma prática de consequência perniciosa para a infância, como geração e para a sociedade como um todo. Programas infantis de televisão ainda enaltecem o personagem perfeito, exigindo dele uma performance incompatível com a naturalidade própria da infância. Seja esse personagem uma criança ou um adulto que muda sua fala e sua indumentária para se aproximar da criança. Esta é adultizada e aquele é infantilizado, na mais clara acepção do termo.

Os conteúdos midiáticos fabricados para as crianças respondem à lógica do marketing na sociedade de consumo, publicando jornais, revistas ou transmitindo programas encarados como produtos. Nesses produtos há espaços abertos para propaganda e, portanto, compõe uma grade na

condição de atrair determinado número de audiência. Essa condição extrapola qualquer iniciativa educacional que coloque em risco a atenção do público-alvo à propaganda.

Esse tipo comercial de jornalismo voltado à criança, em geral, reproduz uma espécie de mini sociedade capitalista, com seus negócios, suas práticas, a constituição também de um mercado de consumo. No jornalismo, os suplementos produzidos para a criança, ou, quando também são feitos com a criança, em geral fortalecem práticas adultizadas ou de consumo, salvo raras exceções, conforme será frisado na análise.

A compreensão proposta pelo debate da sociologia da infância fortalece sobremaneira práticas educacionais que incorporem o tema da infância. As atividades de educação proporcionam à criança sair da posição de um alguém que ainda ia ser, e que para isso teria que ser preparada, para ser transformada em uma criança que é. Sujeito de direito, sujeito autoral, sujeito produtor de sentidos. Não mais há de se depositar conteúdo dentro da sua cabeça como se ela estivesse incompleta, para assumir um papel e uma postura quando só quando for adulta. A criança já é alguém agora, com opiniões, com discernimentos, com desejos, e também com fraquezas, com ansiedades, com preciosismos legítimos à qualquer ser humano, independente da idade.

2.5 Participação: uma questão de direitos

É relevante nesta fundamentação teórica uma breve explanação sobre os instrumentos de garantia dos direitos da criança e do adolescente. É direito da criança e do adolescente ter oportunidades de participação nos meios de comunicação que contribuam para a formação da cidadania e possibilitem sua autonomia. Essa visão é reforçada por uma série de dispositivos legais e acordos internacionais, conforme veremos a seguir.

A liberdade de expressão, de maneira geral, está assegurada na Constituição do Brasil de 1988. A carta ficou conhecida como Constituição Cidadã por estabelecer uma série de garantias ao povo brasileiro, entre elas, a liberdade de expressão, a manifestação do pensamento, a criação, a informação, a atividade intelectual, podendo, essas manifestações, serem veiculadas em qualquer meio, sem restrição, desde que respeite os dispositivos da própria carta. (Consultar artigos 5º e 220º)¹⁰.

Especificamente, o Estatuto da Criança e do Adolescente¹¹ (ECA, 1990), principalmente

10 BRASIL. Constituição Federal de 1988. Artigo 5º, Parágrafo IX; artigo 220. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/topicos/10641516/artigo-5-da-constituicao-federal-de-1988>>

11 BRASIL. Estatuto da Criança e do adolescente Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990.

no artigo 3º, expõe a importância de dar oportunidade para os alunos participarem ativamente da produção de conteúdos e que os adultos devem considerar seriamente as opiniões das crianças. O artigo 16 do ECA declara que o direito à liberdade compreende opinião e expressão.

No cenário global, em 1948, a Declaração Universal dos Direitos Humanos diz respeito a todas as pessoas quando fala dos direitos à liberdade de expressão, o que inclui as crianças: “a liberdade de, sem interferências, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras” (DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS, 1948, p. 4).

No ano de 1982, quando os satélites de “broadcasting” ainda faziam parte de um futuro próximo e o vídeo cassete analógico era um equipamento de última geração, um grupo de representantes de 19 nações reunidas pela Unesco assina a Declaração de Grünwald. A principal preocupação era com os efeitos que a mídia poderia causar, caso as mensagens transmitidas encontrassem receptores passivos e ignorantes do poder de manipulação premente dos meios de comunicação. O recorte temático do conteúdo da declaração foi delimitado em torno da “Media Education” alertando a família, a escola e os governos para a responsabilidade da mídia educação¹².

Na América Latina, a Convenção Americana de Direitos Humanos foi originada durante a Organização dos Estados Americanos, em São José da Costa Rica, em 22 de novembro de 1969. Em 18 de julho de 1978 entrou em vigor em países latinoamericanos. No Brasil, ela só foi promulgada dezesseis anos depois, em 6 de novembro de 1992 e mantém do texto original o direito à liberdade de pensamento e de expressão.¹³

Os artigos 12, 13 e 17 da Convenção sobre os Direitos da Criança das Nações Unidas (1990), reconhecida no Brasil, reconhecem a função que os meios de comunicação exercem e a importância em cuidar para que a criança tenha acesso à informação. O texto privilegiou o direito da criança em expressar sua opinião em qualquer assunto de seu interesse e essa opinião deve ser levada em consideração. Os meios de comunicação precisam produzir conteúdos voltados a elas e os Estados devem assegurar à criança esses direitos¹⁴.

A Convenção também alerta para o fato de a criança estar exposta aos conteúdos da mídia e necessitar de proteção das informações que podem prejudicá-la. Sugere a criação de

12 ALEMANHA. Grünwald Declaration on Media Education, 1982.

13 BRASIL. Convenção Americana de Direitos Humanos, Decreto nº 678, Art. 13. 6 nov. 1992.

14 BRASIL. Convenção dos Direitos da Criança. Decreto No 99.710, de 21 de novembro de 1990.

meios colaborativos com a formação de ecossistemas comunicativos integrando a escola, a família e os veículos de forma a ampararem a criança em sua aventura pelos meios de comunicação. Essa postura traria mais resultados favoráveis ao aprendizado da criança e suas experiências do que criar sistemas de censura ou repressão. Ela teria mais clareza sobre o seu papel como protagonista daquilo que ela absorve na sociedade e encontraria instrumentos para compartilhar sua opinião.

Angeles-Bautista (1999) entende que a dinâmica nos veículos de comunicação não contribui com a desenvoltura da criança que normalmente se depara dentro de uma empresa de comunicação com salas e equipamentos que nunca viu antes, e ressalta o papel das ONGs nessa intermediação. A tarefa de inserir o aluno no ambiente da comunicação não é simples e, nem os pais, nem as escolas, nem a mídia, (nem as ONGs), podem assumir essa responsabilidade sozinhas. Mas a comunidade deve contar com políticas públicas facilitadoras dessas ações.

Há, contudo, exemplos positivos, em alguns países, de tentativas bem-sucedidas de lidar com a complexidade de equilibrar as responsabilidades das famílias, das escolas e da própria mídia em relação aos direitos da criança de ser protegida dos efeitos potencialmente negativos ou prejudiciais da exposição à mídia que ignora suas necessidades e interesses. É por isso que o diálogo sobre políticas públicas, com as pessoas que trabalham com a mídia e com os responsáveis pela elaboração de tais políticas, deve continuar e deve se converter em ação (ANGELES-BAUTISTA, 1999, p. 313).

A publicação da ANDI “Infância e Comunicação: referências para o marco legal e as políticas públicas brasileiras” (ver referências bibliográficas) apresenta organismos não governamentais ao redor do mundo que promovem a disseminação e a exigência do cumprimento dos direitos. Eles trabalham com a premissa de que a interação de crianças com a mídia fortalece a cidadania e oferece a elas uma visão crítica. Mas essa participação não é aquela em que a criança é um pontinho em um auditório assistindo ao espetáculo encenado no palco.

Ao citar o relatório sobre o debate “A infância e os meios de comunicação”, do Comitê dos Direitos da Criança das Nações Unidas (1996), atesta as várias funções que a os meios podem desempenhar e que as crianças não devem apenas consumir a informação, mas também devem participar dos meios de comunicação, e não apenas comentando ou assistindo, mas em todos os níveis da produção. (ANDI, 2013, p.43)¹⁵.

Outra instituição que permanece atuante, atenta às grandes mudanças na Sociedade da

15 “Relatório A infância e os meios de comunicação”, Artigos 244 e 245 - Comitê dos Direitos da Criança das Nações Unidas, 1996.

Informação que destacamos, é a Federação Internacional de Associações de Livrarias e Instituições (“International Federation of Library Associations and Institutions” - IFLA). Em 2005, argumentou na Declaração de Alexandria, a necessidade de colocar a alfabetização midiática e informacional no centro da educação continuada, considerando ser um direito humano em um mundo digital.¹⁶

E ainda, a Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes (“World Summit on Media for Children Foundation” - WSMCF)¹⁷, realizada a cada dois anos, promovida pela Fundação Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes. Entre os propósitos gerais deste fórum está a busca por uma maior compreensão da evolução dos meios de comunicação social das crianças em todo o mundo; que a mídia ofereça conteúdo com mais qualidade; “assegurar a disponibilização de recursos digitais de alta qualidade para as crianças tanto quanto a revolução das comunicações prossegue; auxiliar na prestação de futuras oportunidades à mídia de alta qualidade para as crianças de todo o mundo” (tradução nossa).

A Cúpula foi realizada no Brasil em 2004, quando cerca de 3 mil – 150 adolescentes de 50 países – participaram. O evento finalizou depois da redação das Cartas do Rio, pedindo por uma mídia de qualidade, pela criação de conselhos de ética e denúncia dos conteúdos da mídia, criação de mecanismos que evitem o acesso de crianças e adolescentes ao conteúdo pornográfico na Internet, e, especialmente, que fossem garantidos espaços para a participação deles nas mídias já existentes, entre outras reivindicações.

É notável a atenção de instituições de direitos do mundo inteiro para garantir à criança o direito de participar da produção cultural e midiática na sociedade. Como vimos no primeiro capítulo e neste que finalizamos agora, tanto a educomunicação como a sociologia da infância desenvolvem estudos sob a perspectiva da inserção da criança no esquema de construção da sociedade: a sociologia da infância, voltada ao entendimento holístico da criança, da infância; e a educomunicação voltada à educação e a comunicação, produção de conteúdos culturais midiáticos.

Reforçamos a importância destes dois campos, ambos multidisciplinares, para a compreensão acerca da participação das crianças nos objetos do nosso trabalho, os suplementos jornalísticos para crianças publicados na Paraíba. Eles também fundamentam a análise em busca do ecossistema comunicativo forjados nesses suplementos, tenha se concretizado, ou não.

¹⁶ EGITO. Declaração de Alexandria, 2005.

¹⁷ Disponível em: <<http://www.wsmcf.com/>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

A criança tem o direito de participar na qualidade de protagonista em todos os processos da formação de culturas, de conteúdos ou de críticas. Com isso, ela estará participando da sociedade, não apenas na condição de ouvinte passiva, mas de agente transformadora. Feilitzen (1999), considera que o aluno encontra na mídia uma forma de expressar suas opiniões sobre as coisas que a influenciam por ser uma característica própria da comunicação. Pelos canais da mídia a voz é ampliada e tem um potencial maior de gerar transformações na sociedade e a produção da criança é um elemento pelo qual ela chega ao pensamento crítico. Por isso, a educação para a mídia deveria se tornar uma parte da democracia trabalhando para construir esse pensamento, visto que atualmente, o conteúdo que a sociedade recebe pela mídia influencia nas tomadas de decisões.

A educação para a mídia também deve envolver uma tentativa para mudar a produção da mídia e a situação na sociedade, por meio da própria produção e participação da criança, entre outras coisas. O direito à mídia e à informação, o direito à liberdade de expressão e o direito de um indivíduo a expressar suas opiniões sobre as questões que o afetam devem, na sociedade de hoje, também significar participação na mídia (FEILITZEN 1999, p. 27).

Para Angeles-Bautista (1999), a participação da criança na mídia passa pela consulta sobre suas ideias quanto às formas de mídia, pois, é pensando sobre a mídia que ela começa a formular em seu pensamento os mecanismos de funcionamento da produção que ela irá conferir depois quando estiver experimentando um processo de participação. No decorrer da produção começam a se estabelecer as relações entre o que a criança vive no seu dia a dia, o conteúdo que ela prepara para um programa em vídeo ou para um jornal, a forma como esse conteúdo é difundido pelos canais de comunicação e o impacto que causa nas outras pessoas, em seus pares, ou nos adultos. Esse procedimento terá sucesso se for planejado e bem articulado.

Além disso, esse processo está inserido no contexto de vida social da criança, onde ela convive com seus familiares que também devem estar conscientes de que a criança tem o direito de emitir suas impressões, fazer parte das decisões, conversar sobre o que pode ser melhor para ela. Porque a finalidade maior dos esforços pela participação da criança na mídia é estimular a participação social, e não formar estrelas globais, mas cidadãos que pensam melhores caminhos para construir uma sociedade com menos desigualdades.

3 JORNALISMO E INFÂNCIA: CONTEXTUALIZANDO OS SUPLEMENTOS PARA CRIANÇAS NO BRASIL E NA PARAÍBA

3.1 Suplementos para crianças, do impresso ao digital

O verbete “suplemento”, no dicionário “HOAUISS” (2015), no sentido do jornalismo, significa “caderno ou página em matéria especial em jornal ou revista; encarte.” É o que “supre uma falta; um acréscimo a um livro, apresentação, etc.”. No Manual de Redação da “Folha de São Paulo” de 1996, acessível pela Internet, consta que suplemento é o “termo tradicional para designar caderno temático com periodicidade semanal.” Outro termo que substitui suplemento é “caderno”, usado preferencialmente por este jornal. “A Folha usa intensivamente o recurso de criar cadernos e subcadernos para atender a interesses específicos de seus leitores, seguindo uma tendência do jornalismo contemporâneo conhecida como segmentação”¹⁸. Além disso, dedica cadernos especiais para coberturas extensas e relevantes para o leitor de assuntos específicos como guerra, eleições, economia, etc.

Doretto (2010) traz uma definição desta palavra em uma versão mais atualizada do “Manual”, de 2001. A principal característica é ter uma circulação regular, com periodicidade semanal ou mensal em dias pré-determinados da semana ou do mês, e não diário. Sua diferenciação é feita por tratar de assuntos específicos, ser dirigido a um público eletivo e tratar temas gerais de forma aprofundada.

O jornal “Correio da Paraíba” e “A União” não possuem definições específicas ou manuais de redação e estilo, mas suas publicações para crianças eram destinados a públicos específicos, tinham datas definidas para circulação e periodicidade constante, caracterizados, portanto, como suplementos. Eles acrescentavam constantemente conteúdo ao jornal diário, com informações especiais, diagramação e ilustrações diferenciadas, conforme a definição do dicionário.

Os suplementos surgiram na imprensa brasileira com estas características a partir de meados do século passado. Em 1949, o jornal paraibano “A União” (onde circularam dois suplementos analisados nesta dissertação) lançou o suplemento literário “Correio das Artes” publicado atualmente, considerado o mais antigo do Brasil em circulação, segundo o site da

18 Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_redacao.htm> Acesso em 29 jun. 2016.

Superintendência de Imprensa e Editora A União¹⁹.

Segundo Carvalho (2007), o início do jornalismo especializado deu-se no início do século XIX, mas a década de 1960 registrou o lançamento de uma variedade de suplementos em jornais brasileiros. O jornal “Estado de São Paulo” lançou a “Edição de Esportes” em 1964 e em anos posteriores, os suplementos Agrícola, Feminino, o Literário e cadernos regulares de Economia. A cobertura esportiva especial também foi incorporada pelos jornais “O Globo” e “Jornal da Tarde”. A “Folha de São Paulo” criou o suplemento “Cadernos de Turismo”. O “Jornal do Brasil” começou com cobertura especializada em Economia e publicava o “Cadernos de Automóveis e de Turismo”.

Na década de 1970, os televisores coloridos passaram a ser vendidos no Brasil e o rádio era o meio de comunicação mais popular, alcançando, inclusive, o interior do país. Contudo, os jornais exerciam forte influência na opinião pública. Carvalho (2007) afirma que, embora essas novas mídias tenham surgido, os jornais incorporaram as mudanças na forma como as notícias eram dadas e tornaram-se uma extensão das manchetes tratadas superficialmente nos veículos eletrônicos, redimensionando o fato e explanando-o.

Nos anos de 1980 e 1990 os jornais impressos se valem de estratégias de marketing para atrair mais leitores e buscar uma vida útil maior. As empresas de comunicação começam a usar pesquisas de opinião e a moldar os assuntos e a linha editorial conforme estas pesquisas. “É a filosofia de jornal-empresa que toma corpo e forma nos jornais” (CARVALHO, 2007, p. 12). Os suplementos tornam-se o meio mais adequado de atingir ao público segmentado, conforme os assuntos de interesse; e são cada vez mais parecidos com as revistas:

As diferenças entre o fazer jornalístico do jornal e o dos suplementos aproximam-se e assemelham-se aos praticados nas revistas. Como nas revistas, os suplementos têm um público específico determinado pela temática adotada: há suplementos para a “galera” de adolescentes, a turma “antenada” em cultura, ao setor empresarial, aos “noveleiros” de plantão, aos turistas de primeira, segunda ou terceira viagem e assim por diante... Para cada leitor um tipo diferente de “jornal-revista” (CARVALHO, 2007, p. 14).

Com o aparecimento da Internet comercial em 1995 a manutenção do jornal impresso ficou em uma situação realmente ameaçada. Diante da característica multimídia da novíssima mídia, que incorpora o texto, a imagem, o som, os jornais se aliaram ao “inimigo” e lançaram edições online. As empresas jornalísticas passaram a estudar o mercado emergente e a buscar

19 Disponível em: <<http://auniao.pb.gov.br/institucional>> Acesso em 29 jun. 2016.

novos formatos para dar a notícia.

Nesse novo cenário, o modo de fazer jornalismo também mudou. As empresas de comunicação buscaram compreender o mercado para adequar a informação às plataformas tecnológicas que se popularizavam. O jornal sulino Zero Hora empreendeu estudos (desde 2011) que resultaram na publicação “The Communication (R)Evolution”²⁰ (A [R]Evolução da Comunicação), em 2013, delineando as tendências da comunicação. Com essa visão, a Diretora de Redação de Zero Hora, Marta Gleich falou em entrevista²¹ para esta pesquisa sobre a produção jornalística transmídia:

Os conteúdos de ZH são distribuídos em diferentes plataformas. Às vezes, a mesma informação se repete em diversas plataformas, mas “empacotada”²² de maneira diferente para ser bem consumido naquela plataforma. Às vezes, é disponibilizado só em uma plataforma. A gente sempre pensa a partir da *necessidade do público*, como é a melhor forma para o *público* receber aquela notícia. Assim, buscamos o formato. O jeito como a gente conta a história no papel, ou como a contamos na Internet ou no aplicativo, são jeitos diferentes. Os *públicos* estão lendo aquilo de uma maneira diferente e em horários diferentes. O mundo está mudando. Ou a gente fornece informação do jeito que o *consumidor* está *consumindo* ou a gente fornece uma informação que vai ser *consumida* por pouquíssimas pessoas. O leitor vai deixar de *consumir* esse veículo e vai *consumir* outro que esteja fornecendo no formato, ou no aparelho que ele optou para ler, assistir ou ouvir (GLEICH, 2015, entrevista concedida em 11 fev. Ver Apêndice.).

Os grifos nas palavras “públicos” (duas vezes), “público”, “consumidor”, “consumindo”, “consumida”, “consumir” (duas vezes) foram feitos por nós, propositalmente, para chamar a atenção sobre o pensamento voltado ao ambiente de marketing e negócios. Se há cerca de 10 ou 15 anos atrás se fazia jornalismo pensando em entregar uma “boa história”, com o foco no conteúdo para o leitor (DINES, *apud* Carvalho, 2007), agora se pesquisa que tipo de notícia este leitor gostaria de ler em qual plataforma, um jornalismo com o foco no leitor-consumidor.

Gleich (2015) informou que 50% dos leitores de Zero Hora estão “consumindo” notícias pelos *smartphones*, ou outros dispositivos móveis. “Considero o texto escrito superimportante, mas não podemos impor o comportamento, as tendências. Elas acontecem. Não posso agora oferecer apenas o texto escrito para o meu *consumidor* que está a cada dia mais me buscando pelo *smartphone*”, pondera a diretora.

20 Disponível em: <<http://www.thecomunicationrevolution.com.br/>> Acesso em: 29 jun. 2016.

21 Entrevista presencial realizada em 11 fev. de 2015. A transcrição completa está no anexo deste trabalho com outras informações sobre jornalismo digital.

22 “Empacotar” é o fechamento da matéria na plataforma depois de entregue pelo repórter: editor, diagramador, designer gráfico, pessoas que trabalham com arte (infografistas, ilustradores), editor de vídeo, editor de foto, etc.

O leitor de Zero Hora está cada vez mais “lendo” vídeos, (as novas manchetes) para atrair a atenção dos leitores mais jovens:

Temos publicado cada vez mais vídeo. É uma loucura como o público tem abertura para assistir a vídeos. Temos vídeos enviados pelo público através das redes sociais, vídeos feitos pelos fotógrafos, pelos repórteres... E vídeo será a linguagem por excelência. E é isso que vai “pegar” a gurizada. Depois de assistira o vídeo, pode ser que eles tenham interesse em buscar mais informação, o que, então, virá pelo texto escrito. Publicamos cerca de 20 vídeos por dia, editados no jornal (GLEICH, 2015, entrevista concedida em 11 fev. Ver Apêndice.).

Sobre o interesse das crianças pela leitura em papel ou em plataformas digitais, GLEICH (2015) é categórica e veemente ao dizer que esta irá se voltar completamente para o digital:

O fato é que existe uma mudança de comportamento absurda, veloz, que é inexorável e, por mais se se queira colocar crianças em sala de aula lendo um livro em papel, não é desse jeito que elas irão comprar a informação daqui alguns anos. A criança pode receber a informação digital. A escola está mega, hiper defasada em termos de tecnologia e de estar adaptada ao jeito em que hoje as crianças estão se desenvolvendo. A escola está afastando as crianças porque ignora que a criança está consumindo as coisas nos meios digitais. Tenta amarrar no pé da cadeira e fazer com que ela leia o livro no meio papel. Esse conteúdo que estaria impresso deve estar em meio digital. Temos que ter em mente que se consome alguma coisa quando se precisa daquilo. Quando o adolescente vai estudar pro Enem ele começa a se interessar pelo jornal. Antes de o professor cobrar que o estudante leia Política ou Economia. Ele começa a ler Esportes ou Entretenimento, aquilo que interessa a ele (GLEICH, 2015, entrevista concedida em 11 fev.).

3.2 Trajetória dos suplementos impressos para crianças no Brasil

No Brasil, as crianças começaram a dispor de publicações impressas exclusivas no final do século XIX e começo do século XX. As primeiras revistas foram histórias em quadrinhos. Entre os títulos pioneiros produzidos para as crianças, com conteúdo mais diversificado do que somente histórias, destacamos “O Jornal da Infância”, e a revista “O Tico-Tico”. O primeiro, de 1898 era semanal e ilustrado, tinha oito páginas em preto e branco. Era uma revista de assuntos gerais como ciência, religião, educação, trazia textos literários como contos ilustrados, lendas, crônicas, poesias e passatempos. O nome do diretor era Luiz H. Lins de Almeida e o proprietário era João de Pino & Cia. Teve o curto tempo de circulação de 20 exemplares (MERLO, 2004, p. 4).

Em 1905, o jornalista Luís Bartolomeu de Souza e Silva começa a publicar “O Tico-

Tico”, uma revista em quadrinho totalmente direcionada às crianças. Ela atravessou gerações de infância por 56 anos, com edições semanais. Foi a primeira a publicar histórias em quadrinhos no Brasil, e tinha quatro páginas coloridas e as restantes usavam uma combinação de branco com vermelho, verde ou azul. Os desenhos eram inspirados uma revista francesa para crianças, a “La Semaine de Suzette”. Tinha várias seções, correspondência, passatempos, contos, a seção Gaiola do Tico-Tico com a participação dos leitores, Lições do Vovô, ciências, matemática, geografia, artes e moral e cívica. A revista continha anúncios de propaganda. “O Tico-Tico representou um marco na história do ensino e educação no Brasil realizado de maneira digna, fiel, divertida e com muita paixão. Foi responsável, em parte, pelo surgimento de grandes nomes de nossa literatura, artes e cultura em geral” (MERLO, 2004, p. 5).

Para Alberto Dines, (DINES *apud* Ferreira, 2007), o suplemento infantil é um esforço para contribuir com a educação das crianças. De acordo com Doretto (2010), o suplemento infantil mais antigo no Brasil que circulou em um jornal diário é o “Globinho”, iniciado em 1938, semanal, às sextas-feiras, encartado no jornal O Glubo, fundado em 1925. Em 1960, havia a “Tribuninha”, do Jornal “A Tribuna”, de Santos (SP). A “Folhinha” começou a circular em setembro de 1963.

No *site* da Associação Nacional de Jornais²³ consta um rol de 128 jornais impressos associados. A maior concentração de títulos é nas regiões Sudeste e Sul, aproximadamente dois terços (86 jornais). As relações sobre esses números poderiam envergar para a densidade demográfica, ou níveis educacionais. Mas no contexto desta pesquisa, vamos comparar ao número de jornais que mantêm suplementos infantis impressos.

Através de um levantamento nosso feito pela Internet, encontramos informações atualizadas da publicação de cinco suplementos para crianças impressos no Brasil: “Guri” (“Estado de Minas” – Minas Gerais); “Diarinho” (“Diário de Pernambuco” – Pernambuco); “Super” (“Correio Braziliense” – Distrito Federal) – “JC Criança” (“Jornal da Cidade” – Bauru, SP); “DC na Sala de Aula” (“Diário Catarinense” – Santa Catarina).

A busca pela Internet confirma as previsões da então coordenadora do programa Jornal e Educação, da ANJ, Ana Gabriela Borges. Em resposta a um e-mail enviado para esta pesquisa, a coordenadora estimou que “apenas 5 [jornais] possuam suplementos voltados para o público

23 Disponível em: <<http://www.anj.org.br/associados/>> Acesso em 19 ago. 2015. Com atualização do fechamento da Folhinha.

infantil”.²⁴

Na década passada, o cenário era outro, havia mais suplementos impressos. Uma pesquisa feita pela Andi e Instituto Ayrton Senna, no ano de 2001, apontou a existência de 36 cadernos para crianças em jornais impressos do Brasil²⁵.

Recentemente, vários suplementos tradicionais saíram de circulação: em 2013, o “Globinho”, do jornal “O Globo” e o “Estadinho”, do “Estado de São Paulo”, que circulou durante 25 anos. A “Folhinha” (“Folha de São Paulo”) ficou apenas com a edição online e, desde abril de 2016, no impresso, os assuntos para crianças são tratados no suplemento “Sãopaulo”, um caderno de assuntos diversos para adultos. Na Paraíba, “O Pirralho” circulou até 1979, o “Correinho das Artes” até 2002 e o suplemento “Correio Criança”, foi publicado até março de 2015.

O programa de incentivo à leitura de jornais, Jornal e Educação, da ANJ, foi descontinuado em 2016. Segundo a então coordenadora do programa, Ana Gabriela Borges, 44 jornais associados da ANJ participavam desse programa com ações junto à escolas e comunidades. Consistia em atividades de estímulo à leitura de jornais, concursos, visitas de turmas escolares às redações dos veículos, com o objetivo de formar leitores críticos.

O levantamento apresentado demonstra a pouca quantidade no Brasil de conteúdo jornalístico para crianças em jornais impresso. Ainda que o nosso propósito não seja investigar os fatores que levaram ao fechamento dos jornais infantis, observamos a justificativa de “O Globo” à época em que o “Globinho” ficou só na versão online, extraída de uma notícia do “Portal dos Jornalistas”: “Conforme o próprio jornal publicou, ao anunciar a mudança, a experiência (...) mostrou que o público jovem buscava seu conteúdo principalmente no *site* do jornal”²⁶. A “Folha de São Paulo” deu a notícia em um quadro pequeno, ao canto da página. Como justificou “O Globo” e observamos na entrevista de Gleich, a informação está sendo buscada em plataformas digitais e móveis. Mas a qualidade da produção de conteúdo para e por crianças, independente da plataforma, é comprometida por limitações de recursos humanos.

A tradição dos cadernos infantis impressos parece estar acabando, o número de suplementos no Brasil direcionado a este público é realmente pequeno, mas não quer dizer que o jornalismo para e por crianças vá terminar também. As ações podem acompanhar a evolução das

24 Enviado de e-mail pessoal em 18 ago. 2015. Retornado em 20 ago. 2015.

25 ANDI. **Esqueceram de mim** – Jornais brasileiros ignoram o potencial dos cadernos infantis. Andijovem, 2001.

26 Disponível em: <http://www.portaldosjornalistas.com.br/noticias-conteudo.aspx?id=1671> Acesso em 25 ago. 2015.

plataformas emergentes, mas precisam evitar a continuidade de fazer um trabalho desligado dos direitos inerentes à esse público. Os jornais impressos mantinham suplementos muitas vezes com vistas à abertura de mais um produto comercial sem investir em suporte pedagógico que daria ao caderno o posicionamento educativo e de instrumento de participação. O estudo da Andi e Instituto Ayrton Senna (2002, p. 3) atesta:

A maioria dos cadernos não agrega inovações que poderiam otimizar sua concepção. Trata-se de um fenômeno que ocorre, ao que tudo indica, porque as empresas não estão conscientes da importância desses espaços enquanto instrumento pedagógico valioso para o desenvolvimento de um espírito cidadão desde a infância (ANDI; IAS, 2002, p. 03).

Paiva (2009) analisa os meios de comunicação e a consequente subordinação destes aos modelos de produção em massa e ao capitalismo, tendo a propaganda como orientação para o conteúdo editorial. Mesmo matérias que antes tinham um tom autêntico, de notícia e informação, agora preenchem as páginas dos jornais claramente por interesses comerciais. As produções para crianças sofrem ainda mais por conta disso:

Os espaços para as discussões sobre o tema infância são muito tímidos nos nossos meios de comunicação. Mesmo revistas, os programas de televisão e os cadernos dos jornais que são dirigidos à criança são, via de regra, questionáveis. Editorialmente, esses temas são tratados como algo menor, algo que pode ser feito de qualquer jeito, aos pacotes e à mercê dos apelos comerciais (PAIVA, 2009, p. 251.)

Conforme Doretto (2010), a Redação do jornal “Folha de São Paulo” não contava com profissionais especialmente dedicados à produção de conteúdo para a “Folhinha”, nem mantinha uma estrutura que possibilitasse ações para a participação das crianças. No período da pesquisa de Doretto, as edições contavam com uma editora, uma editora-assistente, um repórter não contratado colaboradores. No “Estadinho”, havia uma repórter, “sem um editor, formalmente contratado para o cargo, de abril de 2009 a maio de 2010” (ibid, 2010).

Nossa experiência na Redação do Jornal Correio da Paraíba era semelhante. Não havia uma equipe destacada para a produção do Correio Criança. Os repórteres fotográficos executavam diversas pautas no dia e, entre estas, estava a do suplemento para crianças. As matérias eram feitas pela editora, que dividia o tempo de trabalho com outras funções na Redação, e com a contribuição de colaboradores.

Esses exemplos demonstram a dificuldade para contar em uma empresa de comunicação

com uma estrutura adequada para alcançar um desempenho satisfatório no trabalho jornalístico feito para e por crianças, como sugere a educomunicação. O resultado desse acúmulo de atividade, segundo relatório da Andi e Instituto Ayrton Senna (2002), é a perda da qualidade no material produzido e da qualificação nos espaços infantis:

Uma prova de que os cadernos infantis têm recebido um tratamento periférico por parte das empresas jornalísticas é que a maioria desses suplementos é produzida por uma só pessoa, que acumula as funções de repórter, editor, fotógrafo e revisor (ANDI; IAS, 2002, p. 28).

3.3 Publicações e jornalismo para crianças na Paraíba

Depois da abordagem sobre a problemática da produção dos suplementos para crianças nos jornais impressos, cabe falarmos sobre os suplementos infantis produzidos na Paraíba vinculados a um jornal. Foram três títulos, publicados em dois jornais, em três épocas distintas. “O Pirralho”, lançado em 1976, O “Correinho das Artes”, lançado em 1992, ambos produzido pelo jornal estatal “A União”; e o “Correio Criança”, lançado em 2010, publicado pelo jornal Correio da Paraíba. Todos os suplementos traziam conteúdos produzidos por crianças.

Os paraibanos também produziram uma série de revistas em quadrinhos com conteúdo para crianças e adolescentes. Muitos deles publicaram tirinhas nos jornais locais “O Norte”, “Diário da Borborema” e “A União”. A mais antiga foi “As Aventura do Flama”, de 1963, heroína campinense de Deodato Borges. Era uma telenovela da Rádio Borborema e foi escrita para ser distribuída entre os ouvintes da rádio. Teve cinco edições. Oriundos “d’O Pirralho”, quadrinistas publicaram vários títulos independentes de histórias em quadrinhos criados na Paraíba, nas décadas de 1980 e 1990, entre elas, a “Velta” (Welta), de Emir Ribeiro, a “Maria”, de Henrique Magalhães (QUADRINHOS DA PARAÍBA, 1993).

Entre 2003 e 2004, outra revista para crianças com conteúdo literário circulou na Paraíba, mas não vinculada a um jornal. O título era “Verdes Anos”. Depois que o “Correinho das Artes” deixou de ser publicado, os editores Yolanda e Cláudio Limeira investiram nesta publicação independente para crianças na Paraíba. Iniciou em maio/julho de 2003 e encerrou em junho/dezembro de 2004. A linha editorial era a mesma do “Correinho das Artes”, literatura. A tiragem era de 500 exemplares, vendida nas bancas e em escolas. Transcrito para esta pesquisa pela editora Yolanda Limeira, o editorial da primeira edição da revista explicava:

Verdes Anos é a retomada de um trabalho que vinha sendo desenvolvido ao longo de quase dez anos em nossas escolas públicas e privadas. Esta revista continuará com o mesmo propósito de despertar nas crianças e adolescentes o gosto pela leitura e pelas artes em geral, abrindo para elas mais uma porta para o mundo da criatividade (LIMEIRA, 2013, entrevista concedida em 25 Jun. Ver Apêndice.).

A participação das crianças seguia o mesmo esquema do “Correinho das Artes”, em colaboração com professores nas escolas. A equipe era formada de um Coordenador Geral, os editores, um Conselho editorial, um digitador e um diagramador.

3.3.1 Lente histórica

Através de uma lente histórica, encontramos “O Pirralho” no contexto da Ditadura Militar quando havia uma censura sobre a imprensa. A primeira edição de “O Pirralho”, em julho de 1976 aconteceu na atmosfera do Ato Institucional número 5, o mais cerceante da liberdade de imprensa. Além das tirinhas, as crianças enviavam desenhos e textos de contos e poesia para a editora “d’O Pirralho”, os quais eram publicados semanalmente ou quinzenalmente (em alguns momentos a periodicidade variava). Algumas tirinhas faziam crítica ao sistema de governo. O suplemento circulou até 1979 e foi referência para uma geração de quadrinistas que hoje são expoentes mundiais nesta arte, com trabalhos publicados em revistas de quadrinhos internacionais.

A Superintendência de Imprensa e Editoria A União é um órgão da administração indireta do Governo da Paraíba, responsável por três publicações permanentes, o “Diário Oficial da Paraíba”, o jornal “A União”, fundado em 1893, em tamanho tabloide, e a revista “Correio das Artes”, (o suplemento literário mais antigo em circulação no Brasil desde 1949). O jornal “A União” divulga principalmente as ações do governo estadual da Paraíba. Durante o período ditatorial, o jornal apoiava a administração federal destacando as ações do governo nas notícias políticas e, em âmbito estadual, realizava a cobertura dando a entender que o governo estava com o controle ante os protestos e manifestações²⁷ contra o sistema.

Na área da educação, a década de 1970 marcou o início da disseminação dos estudos

27 GONÇALVES, Lidiane e LINS, Stenio. **O ano que acabou:** 1968 na imprensa paraibana. XXII Simpósio Nacional de História, 2003. Disponível em: <anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.745.pdf> Acesso em 4 jul. 2016

pedagógicos de Paulo Freire. Os autores que hoje são referência para os estudos da educomunicação, como Martín-Barbero, ou Jorge Huergo, buscavam compreender a influência que os meios de comunicação passavam a exercer na sociedade.

Os anos de 1990, quando circulou o “Correinho das Artes”, foram marcados por grandes mudanças políticas, econômicas e culturais globais a partir da queda do muro de Berlim, colocando fim à uma política mundial que separava os países da Europa Oriental em um bloco comunista e os países ocidentais em um bloco capitalista²⁸. No Brasil, a abertura da economia decretada por Fernando Collor de Mello, (Plano Collor I) permitiu a entrada de equipamentos eletrônicos importados no Brasil provocando a modernização tecnológica no país. Mas a população vivia uma opressão econômica gerada pela inflação e sucessivos planos econômicos desastrosos, que levou o país à recessão.

Nessa década, em 1992, surgiu a primeira edição do “Correinho das Artes”, em 25 de dezembro. Foi integralmente ilustrada por crianças. Em uma leitura flutuante, observamos que o conteúdo privilegiava a literatura, com textos de autores famosos, e atividades do tipo passatempo. Durou 10 anos, nos primeiros, era uma publicação trimestral, depois passou a ser mensal.

Com o avanço da Internet, a partir de 1995, o final do milênio anunciava a Era da Informação. No novo milênio, uma cascata de transformações ocorreram especialmente provocadas pelo avanço da tecnologia em diversas áreas como saúde, telecomunicações, computação, engenharia, ou até nas residências, com as casas inteligentes. CARLSSON fala no surgimento de uma nova ordem mundial e a forma como a mídia é afetada:

O processo é particularmente pronunciado no que diz respeito à mídia de comunicação de massa. A informação flui de forma cada vez mais livre. A “nova ordem” possibilita que pessoas de todo o mundo compartilhem sons e imagens de outras partes do mundo. Enquanto isso, os produtos da cultura de massa produzidos por relativamente poucas corporações de mídia, sediadas basicamente nos EUA, Europa e Japão, alcançam um número e uma faixa cada vez maior de consumidores em todo o mundo, como nunca se viu antes. Não é exagero dizer que os indivíduos mais vulneráveis neste mundo da mídia globalizada são nossas crianças (CARLSSON, 1999, p. 13).

Em 2010, ano de lançamento do “Correio Criança”, pelo jornal “Correio da Paraíba”, os pequenos leitores estavam familiarizados com notebooks, computadores, tablets e smartphones.

28 Para referência desta época ver HOBBSAWN, Eric. **A Era dos Extremos**: O breve século XX. Cia das Letres, 1994.

As redes sociais pela Internet já eram comuns e o “Correio Criança” teve seu perfil no Facebook criado em novembro de 2011²⁹. A interatividade com os leitores através da rede social é identificada nas páginas do suplemento. A diagramação absorveu as influências do webdesing, acompanhando as mudanças nos padrões gráficos proporcionados pelos programas de computadores.

O jornal “Correio da Paraíba” foi fundado em 5 de agosto de 1953, por Teotônio Neto, com a colaboração de Afonso Pereira, em formato standard. Na década de 1980, a empresa foi adquirida pelo empresário Roberto Cavalcanti, em sociedade com o jornalista Paulo Brandão, brutalmente assassinado em 1984. Superada a tragédia, o jornal “Correio” trabalhou para alcançar a liderança em vendas na Paraíba³⁰ e se tornou o jornal mais vendido. O “Correio” também iniciou com transmissão de rádio em João Pessoa, a capital da Paraíba, com retransmissão em municípios do interior e depois a empresa tornou-se afiliada à atual Rede Record de Televisão. Entre os veículos de mídia, ainda há uma revista cujo público-alvo é a alta sociedade local, dois portais de notícias na Internet e outro jornal popular, tamanho tabloide. O conglomerado de mídia é conhecido como Sistema Correio de Comunicação.

Em seguida, apresentamos especificidades de cada suplemento. As informações foram obtidas através de entrevistas via e-mail com as editoras dos suplementos e de matérias publicadas no jornal “Correio da Paraíba”.

3.3.2 “O Pirralho”

O relato que faremos neste tópico tem como base a entrevista realizada com a pessoa que criou o suplemento e foi responsável pela sua publicação durante a existência. Também buscamos informações no próprio suplemento, para compreender a interação com os leitores. Este foi o meio mais adequado encontrado por nós para recuperar essa história, diante da ausência de bibliografia.

No ano de 1976 “O Pirralho” começou a ser editado no jornal estatal “A União”. Conforme fala a responsável pelo suplemento, Wilma Wanda³¹:

²⁹ Conforme matéria publicada no jornal Correio da Paraíba, dia 12 de novembro de 2011, página B6, Editoria de Cidades.

³⁰ As informações foram extraídas do caderno “Correio da Paraíba 60 anos – Em dia com a história”, 2013

³¹ Entrevista concedida por e-mail dia 9 jul. 2013.

‘O Pirralho’ surgiu da vontade do diretor técnico do Jornal ‘A União’ à época, Barreto Neto, de oferecer à meninada um espaço para publicar desenhos, em sua maioria quadrinhos, que chegavam à redação com muita frequência, com pedido para publicação. Não fizemos projeto nenhum. Tudo foi muito rápido. Era uma época em que o jornal mantinha um corpo de redatores da melhor qualidade e vivia uma situação financeira muito boa. Depois de uma rápida reunião para definir o que íamos fazer, ficou decidido: vamos abrir espaço para os novos talentos em HQ (história em quadrinhos) na Paraíba (WANDA, 2013 , entrevista concedida em 9 Jul. Ver Apêndice.).

Era um suplemento semanal, publicado aos domingos. Como subtítulo usava a expressão “Suplemento infanto-juvenil”, indicando que se dirigia a leitores adolescentes, apesar de também ter atraído o público infantil. Circulou durante quatro anos, inicialmente com formato tabloide horizontal e, a partir da quinta edição, em tamanho tabloide vertical. A proposta era divulgar quadrinhos e revelar novos talentos. Wilma Wanda complementa:

Os meninos (entre seis e 15 anos) apareciam aos montes no jornal com suas tirinhas. Em sua maioria eram meninos pobres, da periferia, de escolas públicas, porque divulgávamos o suplemento nessas escolas. Fizemos concurso de redação... É bom lembrar que numa época sem videogame, sem Internet e de pouquíssimos aparelhos de TV nas casas, os meninos e meninas liam revistas, liam livros e usavam e abusavam de lápis e papel (WANDA, 2013 , entrevista concedida em 9 Jul. Ver Apêndice.).

“O Pirralho” circulou até 1979. Segundo Wilma Wanda, em entrevista, “o suplemento deixou de circular porque mudou o governo e conseqüentemente a direção do jornal. A nova equipe chegou com outros interesses”. Era colorido, o número de páginas variava entre 8 e 12. Tinha a coordenação de Wilma Wanda e a arte de Milton Nóbrega. Conforme publicado na edição número 53 de 17 de julho de 1977, em comemoração a um ano de “O Pirralho”, a produção do o suplemento tinha o propósito de levar informações e matérias educativas e contava com a colaboração de pessoas que faziam os passatempos, os jogos educativos e as historinhas, além da contribuição dos leitores. A editora, Wilma Wanda, escreveu:

Com o propósito de levar às crianças não apenas divertimentos como também informações e matérias educativas, estivemos por todo esse ano a fazer o melhor possível para dar a vocês o melhor. E isso nos foi possível não apenas através do nosso esforço, mas também de todos aqueles que todas as semanas cooperam com o suplemento (WANDA, 1977, p. 2).

“O Pirralho” foi uma referência na produção de histórias em quadrinhos na Paraíba revelando artistas consagrados atualmente. Entre os colaboradores estavam nomes como Emir

Ribeiro, Henrique Magalhães, Assis Valle, Cloves Santos, Danielito Graneros, ente outros.

Um dos garotos que colaborava “n’O Pirralho”, Emir Ribeiro criou a personagem “Velta” (que, no início era com a letra “W”, Welta”) em 1976 e publicou pela primeira vez parte de uma história na primeira edição do suplemento. A personagem, detetive e aventureira, com mais de 2 metros de altura e cabelos loiros que por pouco não alcançam o chão, se tornou a musa dos quadrinhos brasileiros. Depois de conquistar os leitores no jornal, teve edições em revistas e fanzines, em álbuns luxuosos e livros.

Outro menino que visitava a redação do jornal “A União” para entregar seus desenhos era Henrique Magalhães, o “pai” de “Maria”, a personagem solteirona que vivia pedindo um marido e soltava críticas à política da época. “Maria” ganhou dez edições de uma revista independente. Está com 41 anos. Henrique Magalhães foi editor de fanzines e revistas, criou a editora Marca de Fantasia. Atualmente é acadêmico e pesquisa histórias em quadrinhos na Universidade Federal da Paraíba.

A editora Wanda Wilma lembra como era realizado o trabalho e afirma que não havia uma equipe especializada para a produção:

Era um tempo de muito papel, muita pasta, muito arquivo, muita gaveta para abrir e fechar até encontrar o que a redação pedia. Toda pesquisa era feita a mão, folheando papéis velhos e datilografando numa máquina que imagino você nunca tenha usado. Então a minha função era essa e Barreto [Diretor Técnico] não me cobrava muito mas acompanhava toda a edição do suplemento. Não havia equipe para editar ‘O Pirralho’. Lembro que começamos timidamente. (...) Você não faz ideia da alegria dos meninos ao ver seus trabalhos publicados. Era uma algazarra só dentro da minha sala. E cada vez mais a turma de desenhistas aumentava. Todo mundo queria aparecer... (WANDA, 2013, entrevista concedida em 9 Jul. Ver Apêndice.).

O suplemento trazia em suas páginas tirinhas e histórias em quadrinhos feitas por crianças, histórias em quadrinhos da Turma da Mônica, de Maurício de Sousa, histórias escritas por crianças, matérias direcionadas ao público infantil e passatempos. Esses assuntos eram constantes nas edições, mas não apareciam em páginas definidas. As seções mais constantes eram a “Gente Nossa”, com tirinhas feitas pelas crianças, a seção “Divertimentos”, com passatempos, a “Escolhinha de Artes”, com desenhos feitos por crianças e a “Welta”, que ganhava uma página. As idades das crianças e adolescentes que participavam variava entre os 5 e os 16 anos. Eram todos estudantes.

A primeira página sempre trazia a ilustração de uma criança ou de mais. Em todas as

edições, era colorida, e feita por um “colaborador” mirim. Nem sempre refletia o conteúdo das matérias internas. Mas quando se tratava de datas especiais, como Dia das Mães, Descobrimento do Brasil, Aniversário do Suplemento, a capa abordava o tema da edição.

As páginas dois e três não tinham uma seção fixa, o conteúdo variava entre um texto literário de um autor adulto, podendo ser um conto, uma poesia, uma fábula, ou outros. Um ou mais textos informativos ou educativos. Ou trazia uma história em quadrinho de alguma criança. Tinham ilustrações feitas por crianças ou não a variavam entre impressão em preto e branco ou colorida. O expediente do suplemento estava sempre na página dois.

Nas páginas seguintes, quatro e cinco, geralmente era publicada a seção “Gente Nossa” com as tirinhas ou charges das crianças. Os desenhos eram assinados e as historinhas às vezes continuavam na edição seguinte. Na outra página havia uma história em quadrinho da Turma da Mônica, de Maurício de Sousa, ou “Divertimentos”, uma seção de passatempos. Essas páginas às vezes eram coloridas, às vezes preto e branco.

As páginas 6 e 7 também tinham conteúdo variado, conforme a edição, com histórias em quadrinhos de crianças, desenhos, um texto educativo ou informativo um desenho para colorir, passatempos, ou contos. A história em capítulos de “Welta”, de Emir Ribeiro, ganhou uma página exclusiva, era sempre publicada na contra-capas e quando terminava uma série, iniciava outra, na edição seguinte.

Na edição de comemoração de um ano do suplemento³², a editora publicou um agradecimento especial aos colaboradores. Eram as crianças e adolescentes que mais frequentavam a redação e faziam historinhas, passatempos, ou material educativo que era publicado: Emir Ribeiro, Cloves Santos, Robério Soares, Rogério Erik, Mirson, Henrique Magalhães, Assis Valle, Bapo, Danielito, Mirtes, Jomar, Hemilton, entre outros.

3.3.3 “Correinho das Artes”

O suplemento “Correinho das Artes” surgiu, também, no jornal “A União”. O primeiro número circulou no dia 25 de dezembro de 1992. O último, quase dez anos depois, no dia 4 de maio de 2002, pelo desinteresse do então superintendente. Segundo Yolanda Limeira, responsável pelo suplemento, a autorização para a circulação do “Correinho” foi dada diretamente do

32 O Pirralho. Suplemento infanto-juvenil. Número 53, ANO I. Jornal A União, Paraíba. 1977.

superintendente de “A União” na época, Itamar da Rocha Cândido. Era feito em formato meio tabloide, variando entre dezesseis ou doze páginas.

O “Correinho” circulava encartado no “Correio das Artes”, um suplemento literário para adultos, fundado em 27 de março de 1949 pelo jornalista Edson Regis, tem o formato de revista e é encartado, por sua vez, no jornal “A União”. O “Correio das Artes” contribuiu com o fortalecimento do Jornalismo Cultural da Paraíba, valorizando autores locais, publicando seus textos intercalados aos de autores consagrados (SILVA, 2014, p. 1). Daí a característica literária do “Correinho das Artes”. A partir do quinto número do “Correinho das Artes”, em 17 de outubro de 1993, constava impresso nele seu próprio expediente, com os nomes na editoria. Nos números anteriores figurava o expediente do “Correio das Artes”.

Conforme Yolanda Limeira³³:

Em termos práticos sua criação está ligada ao meu envolvimento com o ‘Correio das Artes’, quando Sérgio de Castro Pinto voltou a editá-lo em setembro de 1992, ao lado de Cláudio Limeira. Foi a partir daí, desse envolvimento, que amadureci a ideia de uma publicação que não fosse apenas um estímulo para as crianças se iniciarem na leitura de jornais, mas, principalmente, fosse um incentivo à leitura do texto literário. Queria mais do que um jornal com jogos e outros atrativos para a meninada. Queria um jornalzinho literário, onde os pequenos fossem não apenas leitores, mas parte ‘ativa’ na elaboração do jornal, através de ilustrações, comentários, ou recriações de textos. E, além do trabalho feito com a leitura de poemas e contos de escritores consagrados, que as crianças pudessem divulgar também suas próprias criações, suas historinhas, etc. A aceitação e a autorização para a circulação do ‘Correinho’ veio diretamente do superintendente de ‘A União’, à época Itamar da Rocha Cândido. Logo que colocamos nossa ideia para sua apreciação ele acatou, autorizando de imediato sua publicação (LIMEIRA, 2013, entrevista concedida em 25 Jun. Ver Apêndice).

Durante os cinco primeiros anos, o suplemento tinha circulação trimestral. Em agosto de 1997, quando “A União” passou a ser dirigida por Zélio Marques e o “Correinho” passou a ser veiculado mensalmente. Conforme Yolanda Limeira, era uma publicação cultural, baseada num trabalho didático-pedagógico, destinada a incentivar nas crianças e adolescentes o gosto pelas artes em geral e pela literatura em particular.

Segundo a editora, a participação infantil se dava da seguinte forma: Primeiramente eram selecionados textos de poetas e escritores. Estes textos eram entregues nos colégios, com as devidas orientações. As coordenadoras repassavam para as professoras para que trabalhassem os textos com seus alunos. Paralelamente, estas escolas passavam para a editora o que era produzido pelas crianças. “A meninada vibrava com a publicação, conforme depoimentos das professoras.

33 Entrevista feita por e-mail dia 25 jun. 2013.

Pude também constatar a empolgação das crianças, nas vezes que tive contato direto com elas”, informou Yolanda Limeira, na entrevista.

A equipe que trabalhava no suplemento era formada pelos editores Yolanda Limeira e Cláudio Limeira, dois funcionários de “A União”: um responsável pela editoração eletrônica e um revisor. As primeiras edições foram impressas com duas cores, o preto em combinação com outra cor, vermelho, verde ou azul. Depois as edições começaram a ser impressas em preto e branco. O tamanho era de um quarto do tabloide, como um boletim.

Na capa, o desenho de uma criança era a ilustração do suplemento, conforme o tema da edição. A página dois trazia um expediente em um box. E numa coluna, um editorial comentando qual era o conteúdo daquela edição. No número um, de lançamento, a editora assinou como “Yó Limeira” e escreveu que aquela publicação destinava-se à crianças, mas que também seria interessante para os pais lerem, os avós, os tios, os professores, “enfim, para essa gente 'grande' que muitas vezes só tem altura”. (CORREINHO DAS ARTES, 1992).

As páginas seguintes eram preenchidas com histórias, poesias, redações de alunos, de escritores paraibanos, brasileiros e estrangeiros. Havia uma página com jogos nas primeiras edições, geralmente de palavras-cruzadas, mas que deu lugar a textos de alunos. A seção frequente era o “Registro”, onde era destacado uma data relevante para a literatura ou para o aluno, como o aniversário de um escritor para crianças, Dia de Natal ou nomeando os colaboradores da edição e as escolas participantes. O texto informativo era dado quando entrava o perfil de algum artista mirim, ou uma entrevista com um escritor local, normalmente em uma página. Algumas edições continham textos pedagógicos sobre a importância da leitura, incentivando a prática. A contra-capas também não vinha com um conteúdo fixo, variando entre o resultado do passatempo, textos escritos por crianças, ilustrações, entre outros.

3.3.4 “Correio Criança”

A estreia do “Correio Criança” deu-se no dia 10 de outubro de 2010, vindo suprir a carência de publicações locais direcionadas a esse público na Paraíba. Sendo mantido pelo Sistema Correio de Comunicação, o “Correio Criança” circulava quinzenalmente, aos domingos, com oito páginas coloridas. Quando a empresa reformulou o jornal impresso como um todo, em 2015, fazendo ajustes para adequar os custos, o “Correio Criança” foi descontinuado. A última

edição de número 116 circulou no dia 15 de março daquele ano.

Inicialmente, o suplemento “Correio Criança” foi implementado a partir de um projeto proposto pela pesquisadora, o qual veio ao encontro da vontade pessoal do então diretor geral do jornal, Walter Galvão. Ele apresentou proposta para a diretoria da empresa e não obteve aprovação imediatamente. Cerca de três meses após, a liberação veio, com a condição de que não aumentasse o quadro de funcionários e que o suplemento abrisse espaços comerciais para anunciantes. Dessa forma, a jornalista Janaína Araújo, que era subeditora de Cidades, assumiu a editoria, e o departamento comercial formulou planos para o novo produto. A pesquisadora começou como colaboradora voluntária e, após um mês, preencheu uma vaga para reportagem aberta na Redação para a editoria de Cidades, agregando as matérias para o suplemento.

A equipe inicial contava com a editora, a repórter e o diagramador. Nenhum deles atuava exclusivamente no “Correio Criança”. O fotógrafo era dos quadros do jornal. Esse formato gerou um suplemento com características de informativo voltado para crianças que começou, aos poucos, abrir espaços para que ele fosse também produzido por crianças.

A publicação misturava o viés comercial e o educativo. Era mantida por uma empresa de comunicação e, portanto, incorporou estratégias comerciais desde a sua primeira edição, abrindo espaços para anunciantes. Outras estratégias envolveram a promoção de concursos culturais com apoio de patrocinadores. A presença desses anúncios no suplemento demonstra que o mesmo era posicionado como um produto cujo objetivo era o lucro.

Por outro lado, os esforços da equipe do suplemento e do então editor do jornal “Correio da Paraíba”, Walter Galvão, contribuíram para produzir um suplemento que podia ser usado por professores da Educação Básica com a função de informar, incentivar a leitura e a participação infantil no processo de produção. Com a saída da editora Janaína Araújo, em 2012, a pesquisadora assumiu como jornalista responsável, exercendo as funções de editoria e reportagem e ampliou a participação de alunos com o projeto Repórter Teen.

Ao longo dos quatro anos de duração, o “Correio Criança” trazia matérias informativas, textos literários de autores paraibanos ou nacionais, atividades, agenda cultural, entre outros assuntos. Na capa havia referência à matéria principal e breves chamadas para outros assuntos da edição. A imagem era uma fotografia ou uma ilustração feita pelo diagramador. O conteúdo era produzido em parceria com colaboradores comprometidos com a periodicidade do suplemento que assumiam a produção de sessões fixas.

As páginas internas continham seções fixas, com pouca variação. Algumas sessões mudaram de nome no decorrer dos anos, outras foram suprimidas ou ainda criadas. No período correspondente à edição que estamos analisando neste trabalho o suplemento apresentava o seguinte conteúdo:

A página dois abria espaços para desenhos e/ou textos enviados por crianças na Seção Foquinha. O conteúdo variava com indicações de leitura, o lançamento de uma charada com participação pela rede social para dar ao vencedor um livro doado por uma editora, ou trazia uma informação curta, de interesse geral e fechava a página com o expediente. A página três informava a agenda cultural de João Pessoa e/ou Campina Grande. As páginas quatro e cinco, centrais, traziam a matéria principal, com muitas fotos ou ilustrações. Na página seis era publicado um texto literário de um escritor ou de alguma criança, na seção “Conte um Conto”, feita em colaboração da Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil (Aeilij); dividia a página com outra matéria de interesse geral. A página sete constava atividades produzidas por professoras colaboradoras com um rodízio entre tarefas de matemática, chamada como “Matemágica” ou português “Português Mágico”. Na última página, havia duas matérias que ocupavam a metade da página cada uma. Posteriormente, nessa página foi aberto um espaço para abordar novidades e o bom uso dos jogos de computador. Era a coluna “Fullgames”, conduzida colaborativamente por um psicólogo.

Esses colaboradores faziam parte do conselho editorial do “Correio Criança”, formado gradativamente, a partir de 2011. No início, o conselho contava com um psicólogo e duas professoras de escola particular. Em seguida, outra professora de escola pública juntou-se ao grupo. Com o acréscimo da participação de alunos como “aprendizes de repórteres mirins”, dois estudantes integraram o conselho, e outra aluna começou a participar mais depois, chegando com esse formato até a edição final. Além dessas pessoas, outros colaboradores contribuíam aleatoriamente com sugestões de pautas, de fontes ou instrumentos para realização das matérias, inclusive alunos, através do Facebook. É importante frisar que a participação de todos era voluntária. O corpo de funcionários que trabalhava no suplemento era formado pela editora e o diagramador, que não eram exclusivos desta editoria, como já foi dito acima.

O conselho editorial fazia reuniões presenciais a cada seis meses para uma avaliação geral das edições e analisar propostas novas. O contato era mantido constantemente por meio das redes sociais, por telefone e e-mail, onde eram dadas sugestões de matérias, ideias para concursos

culturais ou para edições comemorativas.

3.3.4.1 Repórter *Teen*

No “Correio Criança”, as crianças participavam na elaboração de matérias, seja como entrevistados ou como repórteres mirins, e ainda como produtores de textos literários ou de desenhos. A participação era presencial ou pelas redes sociais com sugestão de pauta, ou, ainda, interagindo com a editora nas escolas, clubes, ONGs e outros locais. Por outro lado, uma parte do conteúdo era feito “para” as crianças, e não “por” elas.

Em 2011, a pesquisadora iniciou o acompanhamento informal de crianças que solicitavam participar da produção de matérias e formatou-se um projeto-piloto de participação infantil. Em 2012, havia subsídios suficientes para formular o projeto Repórter *Teen*, o qual foi apresentado à diretoria e recebeu apoio oficial da empresa favorável à entrada de crianças nas dependências da empresa para a produção do suplemento, desde que não aumentasse os custos de produção nem que precisasse contratar outros profissionais.

O projeto Repórter *Teen* foi implementado com o objetivo de abrir espaço no veículo de comunicação e proporcionar ao aluno a oportunidade de conhecer os processos que envolvem as rotinas de produção de conteúdo midiático. Acreditou-se desde o início que a atitude de orientar e conduzir a criança na vivência da construção da notícia iria proporcionar a ela um entendimento sobre como é construída a sociedade em que vive. Como o Sistema Correio engloba diversas mídias, as crianças tinham a oportunidade de conhecer um pouco de cada veículo.

Com a sinalização positiva da empresa, foi-se em busca do apoio da Secretaria Municipal de Educação de João Pessoa, com a finalidade de oferecer aos alunos vagas para participar do projeto. A Secretaria de Educação tornou-se parceira e cinco escolas públicas entraram no projeto. Também foram abertas vagas para alunos de escolas particulares com a participação de cinco escolas privadas. O departamento comercial do jornal “Correio” apoiou o projeto buscando patrocínios para produção de camisetas e eventos que reuniam os repórteres mirins.

As parcerias feitas para a realização do Repórter *Teen* não envolveram negociações financeiras. Os parceiros contribuíram com deslocamento para realização das matérias, com a escolha e o preparo dos participantes e com brindes, distribuídos nas oficinas. Os contatos e a

logística foram realizados pelo jornal “Correio”, com o apoio da Secretaria de Educação, dos diretores de escolas e dos pais dos alunos. Posteriormente, depois da publicação das matérias, as escolas analisavam os textos com os alunos e os repórteres mirins compartilhavam a experiência com os colegas.

Para atuar como repórter *teen* as crianças eram selecionadas nas escolas parceiras do projeto. A editora fazia um primeiro contato com o aluno selecionado para definição de pauta e transmissão de orientações. Também era feito o contato com os pais ou responsáveis, que autorizavam a participação da criança no projeto e se responsabilizavam por trazê-la até a empresa e buscá-la ao final.

Os repórteres mirins compareciam com a pesquisa pronta sobre a pauta (orientados pelos professores). Eles atuavam na produção da matéria, apuração, entrevistas e redação do texto. Ficavam durante um turno do dia na redação do jornal com acompanhamento da equipe do “Correio Criança” (editora, fotógrafo e motorista). Muitas vezes, o fotógrafo e o motorista saíam com outras pautas, além da matéria para o “Correio Criança”.

Os alunos recebiam as orientações e conceitos sobre apuração de matérias, registro fotográfico, redação de texto jornalístico e outras questões do ambiente midiático. O processo de construção tinha seu ponto culminante com a publicação da matéria no suplemento impresso. Elas também concediam entrevistas em programas locais de rádio ou às assessorias de imprensa das instituições onde a matéria estava sendo feita.

Em 2012 o projeto alcançou dez escolas e onze crianças diretamente. Uma dessas crianças tinha necessidades especiais. O aluno era cadeirante e contou com uma estrutura da escola, da família e do jornal para participar. No ano de 2013 o trabalho foi desenvolvido pelo jornal “Correio”, com o apoio de algumas escolas particulares, em torno da demanda de alunos que voluntariamente solicitavam a participação no projeto.

Em 2013, houve mudança na Secretaria de Educação e a pessoa que coordenava essa atividade foi alocada em outra função e a prefeitura não manteve a parceria. O projeto continuou pelo interesse da editora, dos alunos que queriam ser repórteres e solicitavam particularmente e com a permissão da empresa. Nestes anos, cinco crianças participaram, foram publicadas 13 matérias assinadas, e três deles passaram a compor o conselho editorial do suplemento. E ainda, foram desenvolvidas três oficinas em colégios que resultaram em três matérias coletivas.

Já em 2014, até o mês de outubro, foram publicadas 18 matérias assinadas por oito

repórteres mirins novatos além dos três que integram o conselho editorial. Foram realizadas quatro oficinas de reportagem mirim. Neste ano o projeto teve o apoio institucional de escolas particulares, do Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop), da Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc) e da Associação Nacional para Inclusão Digital (Anid).

Em números totais, contando desde o projeto piloto aplicado em 2011 até outubro de 2014, 26 crianças estiveram nas dependências do jornal “Correio” construindo o conteúdo para o “Correio Criança”; foram feitas sete oficinas.

4 A METODOLOGIA DA ANÁLISE

4.1 Estratégias

Todo estudo pressupõe uma etapa básica indispensável que é a pesquisa exploratória ou de levantamento, envolvendo pesquisa bibliográfica e documental, estratégias que vêm sendo empregadas nesse estudo desde a formulação do projeto de pesquisa, ao planejamento e execução, as quais foram indispensáveis para o cumprimento do primeiro objetivo específico do trabalho, qual seja, mapear a realidade da produção dos suplementos infantis na Paraíba.

Como estratégia complementar, utilizamos, ainda, a entrevista como instrumento de coleta de dados, buscando informações junto à editora do suplemento “O Pirralho”, Wilma Wanda, e à editora do suplemento “Correinho das Artes”, Yolanda Limeira. As duas entrevistas foram feitas por e-mail, em razão da própria solicitação das entrevistadas. Já a entrevista com a diretora de Redação do jornal Zero Hora, de Porto Alegre, Marta Gleich, foi realizada de forma presencial por ocasião de viagem que fizemos à capital gaúcha em 2015.

Para cumprimento do segundo e do terceiro objetivos específicos do estudo, nos apoiamos na estratégia metodológica de análise de conteúdo³⁴, que pode ser definida como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1977, p. 42).

Vale reprisar os dois objetivos citados: verificar como se dá a participação da criança nos suplementos infantis, investigando até que ponto esses mecanismos propiciam ou não a criação de ecossistemas comunicativos; apresentar recomendações que favoreçam o aprimoramento da prática jornalística na produção de conteúdos, independente da plataforma usada na produção.

Bardin (1977) sugere a realização de uma leitura flutuante sobre os objetos de estudo antes de ser feita a análise. Para realização dessa leitura flutuante do nosso próprio objeto de estudo, buscamos os arquivos de cada jornal, onde os exemplares estão conservados, embora

34 As possibilidades de aplicações são vastas e não importa qual a mensagem, nem mesmo de que forma ela é transmitida, pode ter seu conteúdo aprofundado e ampliado por meio desta metodologia, pois seu conjunto de técnicas permitirá descobrir o que está além do conteúdo puramente impresso. A área de ação da análise de conteúdo pode enfocar mensagens linguísticas ou comunicações visuais. Para maior aprofundamento ver em Bardin, 1977.

tivéssemos dificuldades em encontrar algumas edições.

O universo total da amostra são todos os suplementos infantis que pudemos levantar e mapear por ocasião da pesquisa documental. O conjunto total dos conteúdos constituiu-se de 116 edições do “Correio Criança”, dez edições do “Correinho das Artes” e 36 edições de “O Pirralho”. Cabe aqui uma breve descrição de como se realizaram as pesquisas destes documentos.

As edições do “Correio Criança” estão encadernadas nos mesmos livros onde são arquivados os exemplares do jornal “Correio da Paraíba”, seguindo uma ordem por data. A partir da edição número 30, os suplementos começaram a ser armazenados digitalmente, na plataforma issuu.com (issuu.com/correiocrianca) e eram compartilhados pela rede social *Facebook*. Como participamos da produção desde a primeira edição, acompanhamos o planejamento, o desenvolvimento e a realização de todas as ações voltadas para os leitores e para a divulgação do suplemento, tanto educativas e educacionais, quanto promocionais e de marketing. Tivemos o cuidado de manter um arquivo pessoal o qual foi consultado como fonte desta pesquisa.

O “Correinho das Artes” e “O Pirralho” estão arquivados no jornal “A União”. O “Correinho” está encadernado juntamente com o suplemento para adultos, “Correio das Artes”, nos dias da sua publicação. Apesar de termos procurado os exemplares nos períodos previstos de circulação, nossa busca (com o auxílio dos funcionários do arquivo) não encontrou todas as edições trimestrais ou mensais (houve ocasiões em que o periódico circulou trimestralmente, enquanto que em outras, tinha edições mensais). “O Pirralho” está encadernado em livros separados com todas as edições e com fácil acesso.

Decidimos por constituir o *corpus* analítico da investigação, com amostra de três suplementos, ou seja, uma edição de cada título. (As páginas das edições constam em anexo). Do suplemento “O Pirralho”, escolhemos a edição Nº 81 – Ano II de 22 de janeiro de 1978, conforme figura abaixo:

Figura 1: Capa "O Pirralho"



Fonte: Arquivo jornal "A União"

Do suplemento "Correinho das Artes", escolhemos a edição número 48 - Ano VII de Junho 2000, conforme Figura 2.

Figura 1: Capa "Correinho das Artes"



Fonte: Arquivo jornal "A União"

Do suplemento "Correio Criança", escolhemos a edição Nº 55 - 11 de novembro de 2012, conforme a figura da capa abaixo.

Figura 1: Capa "Correio Criança"



Fonte: Arquivo Pessoal

A escolha desses suplementos obedeceu a critérios gerais como: terem sido publicados em jornais de circulação de massa, serem destinados ao público infantil e impressos. Deu-se preferência por uma escolha aleatória, ainda que tenhamos adotado como um critério de exclusão os exemplares publicados até dois anos após às datas de lançamento do suplementos. A investigação não trabalhou com unidades de conteúdos determinadas, mas antes, tomou a totalidade dos conteúdos de cada suplemento como unidades de análise.

O *corpus* analítico constituído pode parecer pequeno em relação ao universo total dos conteúdos. No entanto, conforme será melhor detalhado adiante, nossa pesquisa é de natureza qualitativa, e a nossa observação inicial dos documentos revelou que os suplementos não contém grandes diferenças no que tange às questões inerentes à nossa investigação, qual sejam, participação da criança e ecossistema comunicativo.

O procedimento da análise de conteúdo não é obrigatoriamente quantitativo, conduzindo a pesquisa à exaustão. A análise qualitativa traz resultados tão valiosos quanto a quantitativa, sendo aplicada com sucesso em *corpus* reduzidos como o nosso, porém, refere-se somente aos

objetos aqui analisados, não sendo aplicada aos suplementos em geral. “A análise qualitativa apresenta certas características particulares. É válida, sobretudo, na elaboração das deduções específicas sobre um acontecimento, ou uma variável de inferência precisa, e não em inferências gerais” (Bardin, 1977, p. 115).

De acordo com Bardin (1977), o pesquisador pode criar as regras que seguirá para chegar às deduções lógicas sobre os problemas que está investigando e terá suas conclusões finais fundamentadas. Nesse trabalho determinamos categorias de classificação indicando a forma como se deu a participação da criança nos suplementos, tomando como ponto de partida as reflexões da educomunicação e da sociologia da infância. Estamos falando da análise categorial que “funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias, segundo reagrupamentos analógicos” (BARDIN, 1977. p. 153).

Conforme Bardin (1977), o “método das categorias” é como separar os conteúdos em “gavetas”, ou seja, um exemplo prático pode ser dado se tomarmos o material pedagógico de uma sala de aula da pré-escola: podemos separar os lápis de cor em uma gaveta, as hidrocores em outra gaveta, as tintas, os pincéis, e assim por diante. E ainda podemos classificar os lápis por suas cores: os verdes, os vermelhos, etc. Esses objetos são índices que, naturalmente, podem levar a uma dedução, indicando alguma significação, dependendo do que está proposto.

O direcionamento da análise foi focado na participação da criança na produção do suplemento, nos processos que originam os ecossistemas comunicativos, procurando identificar se a produção foi feita com a criança e/ou para a criança, e os atores envolvidos no ecossistema.

Para o tratamento dos dados, adotamos como procedimento inicial o que chamamos de categorização topográfica dos conteúdos, a qual reuniu no primeiro formulário de registro índices tais como: quantidade de conteúdos, formatos e temas, conforme será explicitado na decodificação dos dados.

A segunda categorização diz respeito ao problema central do estudo: como se dá a participação da criança nos suplementos? Em que medidas os suplementos forjaram ecossistemas comunicativos? Para tanto, os conteúdos foram analisados a partir das categorias de participação e ecossistema, cujos índices foram levantados conjuntamente no segundo formulário de registro, conforme se verá adiante. Para a análise, observamos os níveis de atuação para os ecossistemas, conforme detectamos o envolvimento da cadeia de instituições ou pessoas que integram o ecossistema formado.

4.2 A ANÁLISE E SEUS RESULTADOS

Damos sequência à exploração do material e a codificação das informações, que serão apresentadas a partir de agora. Os resultados foram descritos juntamente com as inferências sobre cada categoria e as interpretações acompanharam as descrições. Esse procedimento está de acordo com Bardin (1977), “o que caracteriza a análise qualitativa é o fato de a inferência - sempre que é realizada - ser fundada na presença do índice (tema, palavra, personagem, etc.), e não sobre a frequência de sua aparição, em cada comunicação individual.” (BARDIN, 1977, 115). A interpretação foi feita primeiro com relação aos conteúdos, formatos e temas de cada suplemento em separado e, a seguir, foi apresentada a interpretação quanto à participação e ecossistema comunicativo.

4.2.1 Os dados e sua topografia

Conforme frisamos na metodologia, esse tópico objetivou apresentar uma visão geral dos conteúdos dos suplementos, quanto à sua quantidade de páginas, seções, formatos e temas dos conteúdos. Para uma melhor compreensão desses índices trabalhamos cada unidade de análise em formulário próprio. E para simplificar a organização das informações e a visualização estabelecemos legendas para cada índice selecionado, conforme segue:

Legenda 1

A) Formulário de Registro – Conteúdo, Formato e Temas

Total de Páginas: TTP

Total de Seções: TTS

Total de Conteúdos com Títulos: TCcT

Total de Conteúdos sem Título: TCsT

Expediente: EX

Texto Poesia: TP

Texto Notícia: TN

Texto Crônica: TCr

Texto Redação: TR

Texto Conto: TC

Texto Outros: TO

Anúncio: AN

Quadrinhos: HQ

Ilustração: IL
 Charge: CH
 Desenho: DS
 Temas: TE

Na análise, nos referimos por “conteúdo”, cada material publicado com um título ou sem título: um texto, uma HQ ou tirinha, ou uma notícia. Contamos os desenhos, ou qualquer um dos outros índices especificados acima, separadamente.

4.2.1.1 “O Pirralho”

Quadro 1: Formulário de Registro Conteúdo, Formato e Temas – “O Pirralho”

Formulário 1 – Análise de Categorias		A) Conteúdo, Formato e Temas	
Suplemento: “O Pirralho”		Tamanho: Tabloide	
Edição: Nº 81 – Ano II		Data: 22/01/1978	
ÍNDICES	QUANT.	OBS.	
TTP	8		
TTS	3	A seção Divertimento traz passatempos reproduzidos de publicações da Turma da Mônica, de Maurício de Sousa.	
TCcT	10		
TCsT	2		
EX	1		
TP	0		
TN	0		
TCr	0		
TR	0		
TC	1		
TO	1	O TO é em formato de quadrinhos, mas traz informações educativas.	
AN	0		
HQ	8		
DS	0		
IL	1		

ÍNDICES	QUANT.	OBS.
CH	2	
Temas	Humor; racismo; segurança pública (assalto); biologia (sobre os micro-organismos); heroína (Welta); terror.	

Fonte: Próprio autor

A edição analisada de “O Pirralho” encontra correspondência com o depoimento da editora Wilma Wanda, mencionado no capítulo três deste trabalho, apresentando quadrinhos na maior parte do conteúdo. A publicação traz, no total, doze conteúdos com e sem título. (Ver as páginas no Anexo 1). Destes, oito são histórias em quadrinhos ou tirinhas; dois são charges. Ou seja, 83,3% dos conteúdos são quadrinhos (inclusive nas capas de todas as edições integrantes da análise flutuante) e charges. Nesta edição, “O Pirralho” não publicou desenhos de crianças (que não fossem os quadrinhos), embora publicasse em outras edições. Na página dois há um texto em formato de conto, ilustrado.

Como observamos na leitura flutuante, as três seções que aparecem nessa edição se repetem em quase todas as outras, com as mesmas características, apenas com alteração, às vezes, na localização da página. A seção “Divertimentos”, na página 4, é uma reprodução dos passatempos de revistas da “Turma da Mônica”, de Maurício de Sousa. O conteúdo remete aos quadrinhos, uma vez que usa personagens clássicos dessas historinhas. A seção “Gente Nossa” publica duas tirinhas e as duas charges.

O conteúdo da página 7 também foi considerado como uma seção, por se repetir em outras edições com as mesmas características. O título é “Micro-História da vida” (mantivemos as letras maiúsculas e minúsculas como no impresso). O conteúdo está identificado como uma “Pesquisa Ilustrada”. É disposto na página em três quadros, com ilustrações de micro-organismos marinhos e textos arrumados nos cantos dos quadros, da mesma forma usada pela linguagem de quadrinhos. Falam sobre o início da vida no Planeta.

O tema predominante é o humor que aparece nas historinhas contadas. Mas também há a inserção de uma historinha de terror, o conteúdo da “Pesquisa Ilustrada”, referente à biologia, e uma charge que chama atenção por tratar do tema do racismo (um ladrão rouba até as calças de uma pessoa negra, sai correndo, e este o xinga por “racista”). E finalmente, na última página, a heroína Welta aparece em mais uma de suas aventuras.

As historinhas trabalham com personagens criados pelos autores. Há os garotos Jubinho,

o Kébinho, o Lalô; o magricela Palito; o assustador Eskeleton-Man e a heroína Welta. Eles retornam em outras edições do suplemento, bem como aparecem novos personagens como o super-herói Shifazum, o adulto Saturno, o índio Itabira, a garota Tica, o Dr. Feiosofredo, o gavião Gavilú, o Dyno e a solteirona Maria, entre outros.

O Expediente era informal, contendo o nome do suplemento, a coordenação de Wilma Wanda e Arte de Rosalvo Fernandes.

Na edição analisada, bem como nas edições observadas na leitura flutuante, não encontramos nenhum anúncio. Conforme falamos no capítulo três, este é um jornal estatal, mantido pelo governo, embora a edição diária (as antigas e as atuais) para adultos contenha anúncios.

Uma pesquisa futura que pudesse aprofundar a análise dos conteúdos publicados, poderia revelar que as publicações valorizavam pouco os aspectos da cultura local e regional. Observamos, ainda que de forma superficial, que tanto os conteúdos como os nomes dos personagens privilegiam valores estrangeiros, como no caso de Welta e Eskeleton-Man; quase não há referências a valores das culturas locais ou regionais, nem das culturas vivenciadas pelas crianças, conforme o que argumentam Corsaro (2009), Sarmento (2005), entre outros pesquisadores da sociologia da infância.

4.2.1.2 “Correinho das Artes”

Quadro 1: Formulário de Registro Conteúdo, Formato e Temas – “Correinho das Artes”

Formulário 2 – Análise de Categorias	A) Conteúdo, Formato e Temas	
Suplemento: “Correinho das Artes”	Tamanho: ½ Tabloide	
Edição: 48 - Ano VII	Data: 06/2000	
ÍNDICES	QUANT.	OBS.
TTP	12	
TTS	1	
TCcT	28	Na página central (6 e 7) foi contado apenas um título, o geral, como conteúdo. Os textos foram desmembrados em TP/TN/Tcr/TR/TC/OT.
TCsT	0	

ÍNDICES	QUANT.	OBS.
EX	1	
TP	22	
TN	3	
TCr	0	
TR	0	
TC	12	
TO	4	O registro das escolas que participaram do suplemento; três resenhas literárias.
AN	0	
HQ	0	
DS	14	
IL	18	
CH	1	
Temas	Data comemorativa: (São João), perfil de Gilberto Freyre; literatura (contos, poemas); ecologia (a água; a primavera); resenha literária.	

Fonte: Próprio autor

Muitos textos, longos e curtos, poesias, muitos desenhos e ilustrações. O “Correinho das Artes” (ver as páginas no Anexo 2) priorizava a literatura e os desenhos das crianças (a edição contém 41 textos diversos e 32 desenhos e ilustrações). Os formatos de textos mais usados foram o de poesia (22) e o de conto (12). Apesar de ter mais páginas, o tamanho era menor, assim, o espaço corresponde ao dos outros suplementos analisados nesse trabalho.

O “Correinho das Artes” publicava textos mais curtos e os desenhos em tamanhos pequenos conseguindo, assim, maior variedade no conteúdo. Havia apenas a seção “Registro”, repetida em todas as edições observadas na leitura flutuante, com o registro da participação das escolas na edição. Consideramos o conteúdo da página 11, “O prazer da leitura: o melhor para ler (8)” como uma série de resenhas pois o número “8”, entre parênteses, indica que aquela é a oitava inserção. E os textos de “Comentando... os livros”, também como resenhas.

Pela leitura flutuante, vemos que as capas sempre traziam desenhos de crianças. Em algumas edições (as primeiras), observamos também que o suplemento dedicava uma página para o perfil de um artista mirim. Também havia espaços com passatempos, em geral, palavras cruzadas. Depois, observamos que nas edições seguintes, essas seções foram descontinuadas.

O tema principal da edição analisada foi o São João, uma das festas mais importantes do Nordeste, senão a mais festejada. Para o tema, foram dedicadas as páginas centrais, 6 e 7, com uma poesia de Manoel Bandeira, um pequeno conto de José Américo de Almeida, cinco poesias de crianças e nove desenhos. Mas na edição também houve menção a Gilberto Freyre, autor nordestino, com um breve perfil e um conto grande que ocupou o espaço da página 3, com duas ilustrações.

A água foi tema de pequenos contos, poesias e desenhos da página 4, com outro conto sobre a “Prima Vera” e uma charge abordando o tempo gasto na escola. O conto da página seguinte também tem quatro ilustrações. A página 8 contém nove pequenos textos, além de quatro ilustrações. À seguir, é publicado um poema o qual foi trabalhado por crianças, recriando-o e republicado na página 10, onde aparecem mais textos curtos e desenhos. Na última página também constam poesias e desenhos.

O Expediente era parecido com o do suplemento literário “Correio das Artes”, formal, com informações do jornal “A União” e do “Correinho das Artes”: Editores: Yó Limeira e Cláudio Limeira; Diagramação Eletrônica: Maurício Barros; Revisão: Gilberta Figueiredo; endereço para correspondência e um alerta avisando que as publicações eram de responsabilidade dos autores.

Da mesma forma que “O Pirralho”, o “Correinho das Artes” não tinha anúncios.

Sendo uma espécie de réplica infantil do “Correio as Artes” para adultos, o suplemento carrega em seu formato o que poderíamos chamar de uma “versão adultizante”, conforme a discussão apresentada nos capítulos um e dois desta dissertação. Entretanto, conforme veremos no item 5.2.2, apesar do formato “adultizante”, o suplemento apresenta forte conteúdo para criança. Ainda que a arte seja o foco central, tal como ocorre no suplemento para adultos, observa-se que, ao contrário de “O Pirralho”, o local e o regional aparecem nas tematizações, à exemplo da festa junina, uma festa de muito valor, e de autores regionais usados.

4.2.1.3 “Correio Criança”

Quadro 1: Formulário de Registro Conteúdo, Formato e Temas – “Correio Criança”

Formulário 3 – Análise de Categorias	A) Conteúdo, Formato e Temas
Suplemento: “Correio	Tamanho: Tabloide

Formulário 3 – Análise de Categorias	A) Conteúdo, Formato e Temas	
Criança”		
Edição: 55	Data: 11/11/2012	
ÍNDICES	QUANT.	OBS.
TTP	8	
TTS	4	
TCcT	13	
TCsT	1	
EX	1	Na pág. 2 , no Expediente e na seção Foquinha, consta o contato para a criança que queira participar do suplemento.
TP	2	As poesias foram inseridas dentro das matérias informativas.
TN	9	2-A matéria principal foi feita por uma repórter mirim, no projeto Repórter Teen.
TCr	0	
TR	1	
TC	1	
TO	0	
AN	1	
HQ	0	
DS	1	
IL	1	
CH	0	
Temas	Circo; arte; agenda cultural com teatro e exposição; navio pirata; concurso nas escolas; passatempo com jogo interativo de matemática; biologia (nascimento dos bebês); lançamento de livro de um aluno.	

Fonte: Próprio autor

Diferentemente dos outros dois suplementos analisados, o “Correio Criança” continha mais textos informativos (dos 14 conteúdos, nove eram notícias) do que outros textos (um conto, uma redação, duas poesias). Portanto, sua característica pendia para suplemento noticioso, replicando, em certa medida, o modelo de jornalismo feito para adultos.

Na capa (ver páginas no Anexo 3) constam as chamadas para o conteúdo dentro da

edição, seguindo o modelo das revistas para adultos. A foto de capa e a chamada principal remetem à matéria da página central, sobre a vida no circo. As outras três chamadas menores indicam a leitura do conto, a atividade de passatempo e à matéria da última página.

O conto ilustrado aparece na seção “Conte um Conto”, que leva o selo a Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil (AEILIJ). Essa associação consta no expediente como apoiadora do suplemento.

A redação é publicada na seção “Foquinha”, na página 2, que traz os endereços físico e eletrônico do suplemento para as crianças enviarem trabalhos que podem ser publicados. O título dessa seção faz alusão ao jornalista profissional iniciante na redação, que é chamado de “Foca”, o que entendemos como uma reprodução do universo adulto. Nesta mesma página, também há a publicação de um desenho na seção “Artes” e duas matérias informativas com temas de arte e de piratas.

O Expediente traz informações da diretoria do Jornal “Correio da Paraíba”, Walter Galvão, editor Geral; Glícia Rangel, diretora Comercial; fotos de Mano de Carvalho; coordenação e textos, de Márcia Dementshuk; revisão de Marianna Vieira; programação visual e diagramação de Klécio Bezerra. Consta a indicação de um Conselho Editorial, formado, nessa edição, pelos professores Francisco Fernandes, Alessio Toni, Ana Paula Holanda, Kay Francis e Sérgio Gino; pelo psicólogo João Bezerra Guedes Jr.; e pelas crianças Pedro Lins e Caio Nóbrega. Acrescenta o apoio de Zarinha Centro de Cultura, e da AEILIJ.

Verifica-se aqui a enunciação da diretoria Comercial, e os apoios, reforçando uma estratégia de produto mercadológico. Isso ocorre, sobretudo, por que o suplemento está inserido num jornal comercial, ao contrário dos outros dois. Nessa linha comercial, destacamos, na página 7, a presença do anúncio pago de duas colunas por oito centímetros, de uma escola.

Uma página inteira é dedicada a informações sobre entretenimento para crianças (parque, exposição, teatro) e outra, à seção “Passatempo”, com um jogo de dominó de multiplicar. E na contra-capas, há duas matérias, uma sobre a experiência de alunos cuidando de um ovo como se ele fosse um bebê, e outra sobre o lançamento de um livro por um aluno.

4.2.2 Participação e ecossistema comunicativo

Nesse item, estabelecemos índices que identificam a natureza da participação das

crianças nos suplementos, assim como a existência ou não de ecossistemas comunicativos. Para uma melhor visualização dos dados, adotamos também uma legendagem desses índices.

Legenda 2

B) Formulário de Registro – Participação e Ecossistema

Identificação com Assinatura de Criança: IcAC

Identificação com Assinatura Indefinida: IcAI

Identificação com Assinatura de Adulto: IcAA

Identificação Ausente: IA

Crianças Entrevistadas: CE

Fotos com Criança: FcC

Fotos sem Criança: FsC

Menções: M

Idade: ID

Escola: ES

Série: SÉ

Família: FM

Comunidade: CM

Organização Não Governamental: ONG

Observações: OBS

4.2.2.1 “O Pirralho”

Quadro 1: Formulário de Registro Participação e Ecossistema – “O Pirralho”

Formulário 4 – Análise de Categorias	B) Participação e Ecossistema	
Suplemento: “O Pirralho”	Tamanho: Tabloide	
Edição: Nº 81 – Ano II	Data: 22/01/1978	
ÍNDICES	QUANT.	OBS.
IcAC	0	
IcAI	9	
IcAA	1	A identificação do adulto foi feita pelo reconhecimento do nome no jornalismo paraibano.
IA	1	
CE	0	
FcC	0	
FsC	0	

ÍNDICES	QUANT.	OBS.
M	1	
ID 0-6	0	
ID 7-12	0	
ID 13-16	0	
ES	0	
SÉ até 1ª	0	
SÉ 1ª - 3ª	0	
SÉ 4ª - 6ª	0	
SÉ 7ª - 9ª	0	
FM	0	
CM	0	
ONG	0	

Fonte: Próprio autor

Analisar a natureza da participação da criança em um suplemento impresso do final da década de 1970 tornou-se, para nós, um desafio, o qual só pode ser minimamente respondido, além da análise de conteúdo, a partir de entrevistas com a editora do jornal (ver no apêndice B.) e de pesquisas na Internet, em busca de informações sobre alguns dos atores a partir das assinaturas que aparecem no suplemento.

Assim, diante das poucas informações que conseguimos obter apesar dos esforços, não foi possível o aprofundamento das inferências, como era nossa intenção. Dos dez conteúdos com assinatura, não se pode depreender, pela análise, se eram produzidos por crianças, adolescentes ou adultos. Não consta a idade ou a série à qual a criança pertencia. Também não há entrevistas com crianças, nem fotos. Na edição analisada, não há menção de escolas ou instituições que possam ter tido relação com a produção do suplemento.

Contudo, buscamos informações através de outros meios, descritos em nossa metodologia, e nos apoiamos ainda na leitura flutuante, a qual descortinou, em edições próximas ao lançamento, duas seções que traziam mais informações que marcaram a presença da criança na produção do suplemento. Podemos afirmar que esses espaços foram preenchidos por produções de crianças, coletadas em escolas. Mas não sabemos como se deu essa interação: Uma é a seção “A Criança Escreve”, com textos de crianças e adolescentes identificados pelos editores com o

nome, e, às vezes, a idade e a escola. Outra é a seção “Escolinha de Arte”, com sugestão para produção de artefatos artísticos ou com a publicação de desenhos de alunos, identificados ou não, no próprio desenho. Mas nas edições de meados de 1977 em diante, essas seções foram descontinuadas.

A leitura flutuante também demonstrou que em algumas edições ao longo dos anos aparece a seção “A Hora é de Brincar”, com passatempos e atividades criadas pelo suplemento (como não estão identificadas, não conseguimos saber se foi por crianças ou pelos editores).

Através das pesquisas pela Internet, constatamos que, pelo menos, um dos conteúdos publicados na edição analisada foi assinado por um jornalista adulto, o Anco Márcio. Ele foi um jornalista conhecido no mercado paraibano e faleceu em 2013.

“O Pirralho” era editado enquanto as ideias de Paulo Freire acerca da educação eram disseminadas nos ambientes educacionais. Como abordamos em nossa fundamentação, a noção de ecossistema comunicativo é recente, tendo suas raízes sido lançadas no final dos anos de 1990. Naturalmente, a condução deste suplemento não era planejada com a intenção de formular um ecossistema que favorecesse, amparasse, facilitasse, ou orientasse as crianças na produção dos conteúdos que estavam prestes a publicar. Ainda assim, através da entrevista com a editora, sabemos que ela estabeleceu um sistema colaborativo com as crianças que demonstravam interesse em ter suas ideias e opiniões circulando em um veículo de comunicação de massa, como era o jornal impresso, naquela época, certamente, sem um sistema de cobrança.

Mas há um ponto a se destacar: o desejo demonstrado pelos alunos de terem um espaço na mídia para apresentarem às pessoas suas criações. Como vimos no capítulo três deste trabalho, Wilma Wanda, em entrevista, afirmou que uma grande quantidade de crianças apareciam no jornal com suas tirinhas e tinham entre seis e 15 anos.

Em sua maioria eram meninos pobres. Da periferia. De escolas públicas, porque divulgávamos o suplemento nas escolas. (...) Você não faz ideia da alegria dos meninos ao ver seus trabalhos publicados. Era uma algazarra só dentro da minha sala. E cada vez mais a turma de desenhistas aumentava. Todo mundo queria aparecer... (WANDA, Wilma, 2015. Entrevista concedida à pesquisadora³⁵)

Essa iniciativa vem ao encontro do que a sociologia da infância apregoa (ver capítulo 2), quando Corsaro (2005; 2009), Sarmento (2005) e outros autores falam sobre a produção das

35 A entrevista completa está no Apêndice B.

culturas e a importância em compartilhar essa produção com a sociedade. Ao ler “O Pirralho”, encontramos as histórias em quadrinhos desses pequenos colaboradores que transmitem seus pontos de vista sobre o lugar onde vivem, os problemas que enfrentam, etc. Os trabalhos estão publicados como chegavam à redação e nossa leitura entra em sintonia direta com o que a criança ou o adolescente produziu naquela época.

Os temas das tirinhas e das histórias em quadrinhos eram livres (ver anexo 1) e muitas delas não se encerravam na edição, mas as histórias tinham seguimento nas edições posteriores. Os conteúdos do suplemento, bem como as seções, variavam muito de edição para edição. Às vezes os passatempos eram reproduzidos de revistas existentes, às vezes eram assinados por um dos colaboradores. Às vezes havia uma página com historinhas da Turma da Mônica publicada. Às vezes havia apenas a produção desses “meninos” que enviavam conteúdos... É como se a editora não estabelecesse um assunto central para a edição, com exceção das datas como Natal, São João, Dia das Mães, e outras. Essa atitude permitia que as crianças ou adolescentes que colaboravam tivessem liberdade para criar seus personagens, seus enredos, seus traços e seus estilos.

Pelo depoimento da editora, o suplemento era distribuído nas escolas, incentivando a leitura de jornais entre as crianças. Vemos que a mídia procurava as escolas para distribuir o suplemento pronto, mas não estabelecia vínculos para a produção. Se considerarmos os conceitos de ecossistema comunicativo abordados no capítulo 1, a escola é uma instituição fundamental na formação do ecossistema para os jornalistas alcançarem os alunos e trazê-los para o ambiente onde é produzido o jornal.

O ecossistema comunicativo formado pelo suplemento “O Pirralho”, em torno da participação da criança, não incluía profissionais de outras disciplinas para conduzir os trabalhos com as crianças. Dava-se entre a editora e os colaboradores, (no caso, “os meninos que apareciam na redação”).

Através do depoimento da editora, constatamos que eram as crianças que chegavam na redação com os conteúdos para publicar. Ou acompanhadas por algum adulto, ou por algum adolescente mais velho no grupo. Não temos essa informação. Isso nos leva a pressupor que essas crianças poderiam até pertencer ao convívio dos jornalistas e ou dos seus familiares. O que nos leva a propor que não havia um ecossistema comunicativo consolidado, mas, antes, um ecossistema comunicativo voluntário e espontaneísta.

Vemos que as crianças e adolescentes contavam com seus pares na busca pela publicação de suas produções, pois “apareciam aos montes no jornal com suas tirinhas”. Mas não identificamos na edição analisada a participação de escolas, ou a menção aos familiares. Pensamos que cada um, em sua casa, contava com o apoio dos pais que deviam dar-lhes materiais e permitirem que dedicassem tempo para fazerem os desenhos, já que deviam ter tarefas escolares.

4.2.2.2 “Correinho das Artes”

Quadro 1: Formulário de Registro Participação e Ecossistema – “Correinho das Artes”

Formulário 5 – Análise de B) Participação e Ecossistema	
Formulário 5 – Análise de Categorias	
Suplemento: “Correinho das Artes”	Tamanho: ½ Tabloide
Edição: 48 - Ano VII	Data: 06/2000
ÍNDICES	QUANT. OBS.
IcAC	52
IcAI	1
IcAA	5
IA	11 Alguns textos ou desenhos sem identificação podem ser da mesma autoria do texto ou desenho publicado próximo.
CE	0
FcC	0
FsC	3
M	7
ID 0-6	0
ID 7-12	2
ID 13-16	0
ES	11 Uma das escolas participantes é de Salvador-BA.
SÉ até 1ª	0
SÉ 1ª- 3ª	31
SÉ 4ª - 6ª	4

ÍNDICES	QUANT.	OBS.
SÉ 7ª - 9ª	11	
FM	0	
CM	0	
ONG	0	

Fonte: Próprio autor

A participação dos alunos no “Correinho das Artes” foi inquestionável. Constatam-se 52 conteúdos identificados com assinaturas de crianças contra cinco assinados por adultos e onze sem assinatura. A questão é procurar entender como se dava essa participação.

Pela análise de conteúdo, observamos na presente edição a menção de onze escolas. Em média, cinco alunos por escola tiveram conteúdo publicado nesse dia. Destes, 31 estavam entre a primeira e a terceira séries (pelo sistema curricular vigente, o Ensino Fundamental se encerrava na oitava série e o aluno completava sete anos na primeira série, oito anos na segunda e nove anos na terceira). Isso quer dizer que a maioria das crianças tinham entre sete e nove anos.

Através da leitura aprofundada do “Correinho das Artes” percebe-se o esforço dos editores em mostrar que o círculo de atores em torno das crianças produtoras era extenso. Na maior parte das publicações os nomes dos autores são citados (entre 41 textos diversos e 32 desenhos e ilustrações, apenas onze conteúdos não foram encontrados nomes dos autores), e os nomes das escolas, séries dos alunos e/ou idade, também são facilmente identificados, especialmente através de menções (notas no “pé” da matéria informando sobre os autores (Ver Anexo 2). Por conta destas referências, podemos depreender o ecossistema formado em torno desta participação.

Confirmando a nossa descrição sobre o suplemento realizada no capítulo três³⁶, constatamos na análise dessa edição o ecossistema formado entre as escolas, através dos coordenadores e professores, e a redação do suplemento, através dos editores. Na pesquisa flutuante, vemos também que as escolas participantes das edições são frequentemente citadas. O ecossistema está muito claro, envolve os editores do suplemento, coordenadores e professores das escolas. Dá-se entre veículo de comunicação e escola. Observado do ponto de vista da educomunicação, havia apenas duas instituições envolvidas, mas, em cada edição, o número de

36 As informações do capítulo 3 foram obtidas por entrevista com a autora (Apêndice B) e confirmadas, agora, pela análise

escolas participantes era razoável e propiciava a participação de um grande número de crianças.

E ainda, o suplemento circulou por dez anos, um período onde as relações com as escolas puderam ser fortalecidas. Dessa forma é gerado um fluxo contínuo no sistema de trabalho agilizando-o com a experiência. O ecossistema que garantia a participação das crianças no veículo era, então, resultado desse fluxo fortalecido a cada edição publicada.

A edição analisada contém duas páginas e meia com textos de poesia, conto, desenhos e ilustrações inteiramente assinadas por crianças, com referências às escolas participantes. Nestes espaços, os títulos dos trabalhos variam e não há indicação de que houvesse um tema imposto por adultos, a não ser que em sala de aula essa orientação viesse dos professores. Entendemos que neste caso, a escolha dos temas foi livre. Outro trabalho publicado por alunos, na página 4, tem como título geral na página “A Água”, sinal de que houve um trabalho com os alunos em cima do assunto (Ver anexo 2.4).

Nesse suplemento, tal como em “O Pirralho”, as crianças tinham seus conteúdos publicados sem que fossem alterados por adultos. Elas contavam com um espaço onde podiam mostrar suas visões do mundo, mesmo que o tema fosse proposto pelos adultos. Esse é um dos pontos fundamentais que a sociologia da infância destaca, que a criança possa emitir suas opiniões através de um canal próprio para alcançar outras pessoas, e o “Correinho das Artes” proporcionava isso. Diante de tantos textos e desenhos, vemos que as crianças eram capazes de interagir com os fatos que aconteciam ao seu redor.

A interação também se dava nas propostas lançadas pelo suplemento aos alunos, na área da literatura. Entre os conteúdos publicados na edição analisada, o trabalho de recriação da poesia “O Lápis da Imaginação”, da poeta paulista Fani Feldman, por exemplo, foi recriado por crianças e publicado na página seguinte.

Ressaltamos ainda que, pela análise, não sabemos até que ponto a criança participava das decisões sobre os temas a serem abordados na edição. E, assim como ocorria em “O Pirralho”, os alunos estavam no papel de “fornecedores de conteúdo”. As edições eram elaboradas pelos editores.

4.2.2.3 “Correio Criança”

Quadro 1: Formulário de Registro Participação e Ecossistema – “Correio Criança”

Formulário 6 – Análise de B) Participação e Ecossistema	
Formulário 6 – Análise de Categorias	
Suplemento: “Correio Criança”	Tamanho: Tabloide
Edição: 55	Data: 11/11/2012
ÍNDICES	QUANT. OBS.
IcAC	6 Duas assinaturas de crianças foram identificadas porque constava no expediente. Outras duas foram autores das poesias publicadas, e não foram entrevistadas para a matéria.
IcAI	0
IcAA	2
IA	8
CE	2
FcC	7
FsC	17
M	2
ID 0-6	1
ID 7-12	4 Uma das crianças era integrante do projeto “Repórter Teen”.
ID 13-16	0
ES	4
SÉ até 1ª	0
SÉ 1ª- 3ª	0
SÉ 4ª - 6ª	1
SÉ 7ª - 9ª	1
FM	0
CM	0
ONG	0

Fonte: Próprio autor

Os resultados da análise da edição do “Correio Criança” apresentam mais conteúdo voltado para a criança e menos conteúdo produzido pela criança. Seis alunos participaram da produção de conteúdos: um, com uma redação; um com um desenho; dois alunos fizeram uma

matéria em conjunto e uma aluna participou da produção da matéria principal. Outros dez conteúdos foram feitos por adultos, sendo que dois deles, claramente identificados. Entende-se que o restante foi produzido pela redatora do suplemento.

As crianças também não foram maioria nas fotografias que acompanhavam as matérias. Das 24 fotografias do suplemento, apenas sete eram com crianças. Certamente, não há uma obrigatoriedade em constar somente fotos com crianças no suplemento, mas consideramos sete fotos um número baixo, visto que não chega a um terço do total.

A página sete traz o passatempo e, na oito, é onde os alunos mais aparecem: em uma matéria sobre um projeto escolar, e em outra matéria, sobre um aluno que lançou um livro de poesias. Na matéria sobre o projeto escolar, duas crianças deram o entrevista, contando sobre suas impressões diante da experiência vivida.

A matéria feita com a participação da repórter mirim, publicada na página central, foi num ambiente que as crianças adoram, o circo, mas nenhuma criança oriunda do circo foi ouvida. O texto conta a história da vida de artistas que já estão adultos, mas começaram a carreira circense ainda crianças. Ressaltamos a importância de o repórter mirim ter participado e ter conhecido o processo de produção da matéria.

Ou seja, nesta edição do “Correio Criança”, o “mundo dos adultos” está muito mais bem retratado do que as crianças em seus ambientes, tratando de assuntos próprios das suas rotinas.

Apesar das limitações apontadas, o “Correio Criança” formou um conselho editorial com a participação de crianças (ver no anexo 3.2). Na edição analisada, essas crianças chamam-se Caio Lucas Nóbrega e Pedro Lins, tinham 12 anos, na época, e estudavam em escola pública. Eles participaram do projeto Repórter *Teen* no meio de 2012 e pediram para frequentar mais a redação do jornal. Caio e Pedro sugeriram a pauta e apuraram a matéria da página seis (ver anexo 3.5) do suplemento, sobre o projeto “Ano Cultural”, da Secretaria Municipal de Educação de João Pessoa.

Mesmo com um modelo comercial e tendencialmente “adultizante”, o “Correio Criança”, na edição analisada, apresentou um ecossistema comunicativo envolvendo a participação das crianças e das escolas, através do projeto Repórter *Teen* (Ver capítulo 3). Também o modelo do conselho editorial incluiu as crianças e um psicólogo, além de professores. Nota-se o esforço de ampliar a interdisciplinaridade para “pensar” as edições, e considerar a voz das crianças, conforme defende a sociologia da infância. O fato de ocupar um lugar no

suplemento onde as decisões são tomadas restaura à criança o seu direito de lutar pela liberdade de expressão. No conselho editorial, a criança era estimulada a trazer sugestões de assuntos a serem tratados no jornal que lhe interessavam, refletiam o seu dia a dia.

Vê-se, ainda, forte influência do modelo comercial do jornal para adultos. Diferentemente dos outros suplementos que se desenvolviam em empresas públicas, o “Correio Criança” trouxe apelos comerciais em um anúncio, e no expediente.

4.3 Crianças e jornalistas: Reflexões e recomendações

Quando iniciamos a produção dessa dissertação, nos inquietava a questão, como fazer jornalismo para a infância? Os aparatos teóricos da educomunicação e da sociologia da infância nos permitiram um olhar crítico sobre nossa própria prática profissional e sobre outras práticas desenvolvidas nos suplementos analisados.

Vimos que é possível abrir espaços de participação de crianças na mídia, como esses três suplementos demonstraram. Também é viável organizar uma estrutura que possibilita a participação crítica da criança na produção de conteúdos midiáticos. Freinet não fazia isso no começo do século XX com poucos recursos? Os anos se passaram, a tecnologia evoluiu, mas os desafios são os mesmos e crescem na Era da Informação, com ferramentas disponíveis que proporcionam mais recursos. Era assim nos dias de “O Pirralho”, na década de 1970, era assim na virada do milênio, durante a publicação do “Correinho das Artes”, e, da mesma forma, enquanto o “Correio Criança” circulava. E é o mesmo de hoje, quando a Internet ocupa a preferência dos jovens no espaço midiático.

A produção de jornais foi a marca pedagógica de Freinet. Fizemos um relato daquela experiência na introdução desta dissertação e retomamos o tema agora para falar sobre o empoderamento das crianças diante do aparato midiático transformando-o em caixas de ressonância das culturas criadas pelas crianças. Nossas recomendações não são definitivas, mas advém das reflexões acerca desta extensa pesquisa.

Como vimos durante esta pesquisa, a publicação de suplementos impressos para crianças diminuiu consideravelmente nos últimos anos e o cenário indica que a mídia impressa precisa ser reposicionada. Por isso, nossa proposta neste momento é discutir a produção jornalística para crianças feita por crianças, independentemente da plataforma utilizada. Nós lemos sobre

experiências conduzidas por ONGs em diversas mídias, mencionamos a experiência da Secretaria Municipal de São Paulo, com o projeto “Educom Rádio”, e, em cada uma delas há um objetivo comum, dar à criança subsídios para ela exercer os seus direitos.

Para além dessas experiências, parece que o profissional jornalista precisa dar um passo adiante, para concretizar jornalismo feito por, para, e pelas crianças. Em nossa análise, pudemos apontar diversos indicadores que demonstraram ausência da criança nos próprios suplementos, ou mesmo conteúdos que não retratavam a produção e a decisão da própria criança, no fazer desses jornais. Portanto, a primeira e mais relevante recomendação que se coloca, diz respeito à mudança de visão dos profissionais, que precisam pensar a criança como um sujeito completo, com vontades, com agendas, com capacidade de pensar seu próprio modelo jornalístico comunicativo.

De fato, a produção de conteúdo para e pela criança é um tema sobre o qual nem a sociedade, nem a comunidade midiática se debruçam, salvo raríssimas exceções, em que as produções em geral são pensadas e dirigidas por profissionais adultos. Felizmente, a academia tem desenvolvido fundamentos para a prática jornalística para crianças, tornando possível que a produção seja feita pelas crianças através de projetos de educomunicação. Quando a teoria alcança a prática, os resultados são surpreendentes, como demonstraram os artigos apresentados nos grupos de trabalho do VI Educom, Encontro Brasileiro de Educomunicação, realizado nos dias 10 a 12 de junho de 2015, em Porto Alegre³⁷. Nossa ressalva, é pelo fato de que a maioria das experiências não estão dentro dos veículos de comunicação.

Nessa perspectiva, impõe-se uma segunda recomendação. Os profissionais do jornalismo precisam buscar reforço nessas ferramentas advindas da pesquisa universitária, mais particularmente da educomunicação e da sociologia da infância. É frequente lermos e ouvirmos afirmações de que o jornalismo precisa se reinventar. Repensar práticas de produção de suplementos infantis, pode ser um importante fator de renovação e de composição de um espaço para esse novo leitor/produtor/audiência que principia na infância, sobretudo na idade escolar.

De acordo com Baccega (2011), o campo da educomunicação é transversal e dialoga tanto com as disciplinas de educação quanto com as de comunicação. Neste sentido, o jornalismo se faz presente nas atividades educacionais aplicadas nas escolas, aos alunos, ou aos participantes de projetos sociais, como a produção de jornais escolares, programas de rádio,

37 Disponível em <<http://6educom.blogspot.com.br/>> Acesso em 10 jul. 2016.

documentários em vídeos ou construção de blogs. Meninos e meninas experimentam criar roteiros, entrevistar pessoas e pesquisar assuntos polêmicos. Depois formatam o conteúdo para mídias que estão ao seu alcance, conforme as condições de cada realidade social e as disponibilidades tecnológicas, e tem o conteúdo construído coletivamente, propagado.

Se por um lado a participação em projetos educacionais é garantida, por outro, a participação na produção de conteúdos não se dá em empresas jornalísticas, cuja produção está limitada aos jornalistas contratados e pagos pela empresa. O espaço do leitor no jornal impresso normalmente está restrito à sessão de Cartas ou à página de Opinião. Mais longe ainda está a voz da criança e do adolescente. Portanto, a decisão de lançar um conteúdo dedicado ao público infantil deve ser comemorada. E, mais ainda, quando a política editorial prevê a participação de crianças. Nasce, então, uma caixa de ressonância.

Ora, o jornalismo pode ser uma ferramenta de construção da cidadania para crianças e adolescentes. E no campo da comunicação, o jornalismo se mostra como um mecanismo em potencial para a formação cidadã. Entre outras significações, Traquina (2005) afirma que o jornalismo pode ser explicado como a resposta a perguntas que muitas pessoas fazem todos os dias: “O que aconteceu? No mundo? No meu País? Na minha cidade? Na minha comunidade?” (TRAQUINA, 2005, p. 20).

Pode-se dizer que o jornalismo é um conjunto de ‘estórias’, ‘estórias’ da vida, ‘estórias’ das estrelas, ‘estórias’ de triunfo e tragédia. (...) Os jornalistas veem os acontecimentos como ‘estórias’ e as notícias são construídas como ‘estórias’, como narrativas, que não estão isoladas de ‘estórias’ e ‘narrativas’ passadas (TRAQUINA, 2005, p.21).

Essa característica do jornalismo como atividade intrinsecamente ligada aos acontecimentos em uma sociedade pode contribuir de forma positiva na percepção ainda infantil das crianças com respeito ao ambiente onde elas são atores sociais. Temos a certeza de que, embora sejam crianças, elas podem ser agentes de transformação das condições em que vivem, não importando a classe social ou o poder aquisitivo da família.

Depois de reunir as informações e absorvida a visão geral dos fatos, o jornalista narra o acontecimento de forma escrita (no jornal impresso ou na Internet) ou oral e visual (no caso do rádio ou televisão e também na Internet). Embora o jornalismo priorize uma abordagem objetiva, um repórter sai da redação em busca de “estórias” e, ao contar “estórias”, o repórter transfere para o texto as influências desta cultura. Outros autores concordam que: “As notícias fazem parte

de uma prática cultural antiquíssima, a narrativa e o contar “estórias”, que parece ser universal (Rayfield, 1972; Schoels, 1982; Turner, 1982).” (BIRD e DARDENNE, 1999, p.265). Tuchman é direta ao mencionar que “os relatos de acontecimentos noticiosos são 'estórias' – nem mais, nem menos.” (TUCHMAN, 1999, p.258).

Ao participarem de rotinas de produção da notícia, ou ao prepararem conteúdos para serem veiculados, as crianças e adolescentes experimentam as vivências dos repórteres e, de alguma forma, absorvem os fatos à sua volta e constroem suas narrativas, seja por meio de textos, de histórias em quadrinhos ou de desenhos.

E contando com um lugar onde possam publicar estas “histórias”, que serão distribuídas a um grande número de pessoas, elas ganham voz na sociedade, tornam-se visíveis e passam a construir culturalmente o lugar onde vivem.

Feilitzen (1999) justifica que a dificuldade para inserir a criança na mídia como participante crítica do processo de produção está na própria mídia, principalmente pelos resguardos dos direitos autorais de produtores capitalistas: “(...) também pode ser difícil persuadir a mídia estabelecida a transmitir programas de sucesso feitos por crianças em outros contextos.” (FEILITZEN, 1999, p. 29).

Através das publicações no “Correinho das Artes”, vimos o quão equivocado é este pensamento da mídia, identificado por Feilitzen. O suplemento publicava textos de contos e poesias criados pelas crianças da segunda série, terceira série, com a mesma consideração dada aos textos de crianças da oitava série ou de autores consagrados como Manuel Bandeira, Gilberto Freyre ou José Américo de Almeida. Todas as produções eram importantes. E com essa fórmula o suplemento permaneceu em circulação por 10 anos. Os textos, os desenhos, refletiam o imaginário de seus pequenos autores e revelavam o modo como eles se relacionavam socialmente.

Com “O Pirralho”, acontecia a mesma lógica. O conteúdo era aquele produzido pela criança e, neste caso, com menos interferência ainda de adultos para sua criação, como inferimos antes. E esse conteúdo configurou as edições dos quatro anos de existência do suplemento.

E foi esta magia que se perdeu no “Correio Criança”, na edição que analisamos. Embora a criança acompanhasse a produção da matéria, fosse estimulada para perguntar, para escrever, o resultado final era apresentado em formato inspirado no jornalismo adulto. O modelo adulto entregue aos leitores infantis. Certamente, as crianças que participaram do projeto Repórter *Teen*

apreenderam uma infinidade de informações durante a experiência, mas faltou resgatar a “contaçoão de histórias” que a atividade jornalística proporciona, criada pela própria criança.

A geração trans-histórica, como entende Sarmento (2005), pode ser encontrada em “O Pirralho” e no “Correinho das Artes” em suas expressões originais. Estão registrados nesses suplementos as produções feitas pelas crianças, refletindo suas reconstruções acerca dos ambientes onde vivem, influências que recebem da sociedade. A diversidade das histórias em quadrinhos em cada edição de “O Pirralho” aponta o quanto seus autores são diferentes. No “Correinho das Artes”, mesmo que se tenha um tema geral proposto, as abordagens são únicas, advindas da mente de cada autor. Cada texto traz uma abordagem diferente.

No “Correio Criança”, esse retrato é formado a partir da edição feita por adultos, até o momento em que as crianças começaram a participar do conselho editorial e influenciarem da escolha das pautas das edições. Qual o assunto importante para elas? O que pertence às crianças, ou o que pertence aos adultos? As crianças vivem as mesmas condições de vida dos adultos que as cercam, nos mesmos ambientes que os adultos frequentam e sofrem as consequências as consequências do que os adultos sofrem, seja o desemprego, uma doença na família, ou prosperidade. Mas, embora essa convivência ocorra, a criança não é um adulto pequeno. Como vimos em estudos da sociologia da infância, (no capítulo dois) ela tem uma visão própria dos fatos que lhe cercam. Ela tem a capacidade de formular uma reação própria. Esse ponto de vista pode ser expresso em histórias jornalísticas e publicadas na mídia. Aliás, na mesma mídia usada para publicar as notícias dos adultos.

Feilitzen (1999) defende que a educação para a mídia, através da participação da criança como produtora da própria mídia, deve estar cada vez mais próxima aos “avanços teóricos da ciência da comunicação e da pedagogia” e estar amparada pela cooperação constante de “outros grupos que não o de professores, por exemplo, pais, pesquisadores, profissionais de mídia e grupos ativos de espectadores.” (FEILITZEN, 1999, p. 29). Esta visão é um retrato do ecossistema comunicativo ideal para essas práticas no jornalismo para e pelas crianças, de acordo com a educomunicação. Eis outra recomendação nossa, mas acrescentamos a isso a necessidade de cuidar para que a produção das crianças, reconhecidas como uma parte de suas culturas, sejam expostas tal e qual foram criadas, e não editadas para assumirem formatos adultos.

Mais um ponto importante nessa nossa análise está nas reflexões de Valderrama (2014). O pesquisador colombiano traça um marco da relação entre a comunicação e a cidadania. Ele

demonstra os quatro componentes-chave que integram a relação comunicação e cidadania: “o diálogo, a narração, a hermenêutica e a dimensão tecnológica e midiática.” (VALDERRAMA, 2014, p. 296).

O exercício da cidadania passa por essas quatro dimensões nas sociedades modernas equipadas com aparatos tecnológicos tanto das novas mídias, quanto das mídias antigas que não caíram em desuso, mas se renovam. Para Valderrama, o diálogo encontra-se na base do exercício de convivência na sociedade democrática onde os interlocutores exprimem pontos de vista, argumentam e contra-argumentam, acertando as divergências com a visão voltada às utopias comuns que lhes permitam viver em comunidade. Por sua vez, a narração, a narrativa, constroem identidades individuais e coletivas, relatando os fatos do cotidiano dialogado, tornando compreensível a própria cultura e compreendendo outras culturas.

A mídia, por sua vez, é agente distribuidora da informação, portadora de opiniões e também “a) agente político; b) configuradora de novos espaços da vida pública e c) geradora de horizontes de sentido ético-político.” (VALDERRAMA, 2014, p. 298). Geram-se, daí, tensões.

Vimos no capítulo um que o diálogo também é um dos temas fundamentais na obra de Paulo Freire, amplamente citado nos estudos relativos ao campo da Educomunicação dentro ou fora do Brasil. Ele insiste repetidamente que sem a comunicação, o ato de conhecer não existiria. Para Freire o diálogo não se esgota na relação entre o “eu-tu”, mas é um pronunciamento do mundo envolvendo a “todos”, está na essência da educação e, mais do que isso, é gerador de conhecimento e propiciador da transformação.

Pensar sobre o lugar da criança nos suplementos infantis, ou na produção midiática como um todo, é outra recomendação fundamental para a prática dos jornalistas. Modelos comerciais de produção de suplementos, ou mesmo jornalismo público para crianças, não são as melhores respostas para a constituição desse lugar, e para a formação do cidadão crítico, do sujeito de direitos, desde a infância.

Portanto, encerramos nossas reflexões com essa citação do “pedagogo da liberdade”, na esperança de que nenhuma criança silencie:

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. (FREIRE, 1968, p. 44).

CONCLUSÕES

Concluir um trabalho de pesquisa não é tarefa simples, sobretudo no campo do nosso objeto de estudo, ou seja, o jornalismo para crianças. O tema sempre estará inacabado, sempre solicitará novas reflexões, novas pesquisas.

Mais que isso. Concluímos a pesquisa num momento em que o próprio jornalismo vive uma das mais profundas crises da história – tanto moral, como de modelo de negócio – e, no bojo dessa crise, o jornalismo para crianças é um dos primeiros produtos que tem seus suplementos cortados, tal como ocorreu recentemente com vários títulos no Brasil, inclusive com um dos objetos que compuseram o corpus analítico do nosso estudo. Os cadernos deixaram de ser publicados e converteram-se em materiais para a pesquisa e a história do jornalismo.

Antes de enfatizar os achados obtidos com a análise, importa salientar os vínculos que buscamos estabelecer entre o jornalismo, a educomunicação e a sociologia da infância, nos capítulos da fundamentação teórica, materiais que podem reverberar na prática profissional dos jornalistas, trazendo transformações no fazer cotidiano, para o fortalecimento das audiências e da conquista da cidadania, no plano da difusão da informação.

Igualmente, foi relevante a pesquisa de levantamento realizada para contextualizar a produção de conteúdos para as crianças não somente no jornalismo brasileiro, mas, sobretudo, nos jornais paraibanos. Desde meados da década de 1970, começou-se a fazer jornalismo para crianças na Paraíba, com o suplemento infantil “O Pirralho”. Nos anos 1980, esse caderno foi descontinuado e a lacuna foi preenchida na década seguinte, até a virada do milênio, com o “Correinho das Artes”. Essas duas publicações circulavam em jornal estatal. Na segunda década do século XXI, o caderno infantil “Correio Criança” foi criado em uma empresa de comunicação, encartado no jornal diário mais lido do estado da Paraíba.

Analizamos estas publicações considerando a lente histórica entre os anos que separam cada título e descobrimos que esses suplementos representam uma janela na imprensa paraibana por onde, quem olhar, poderá conhecer os pensamentos de uma geração trans-histórica, a infância, e suas expressões, ao longo de quatro décadas. Observamos que todos os suplementos buscaram estratégias para alcançar as crianças e abrir-lhes espaços de participação na mídia. Mas os resultados aqui apresentados foram além e demonstraram as características dessas participações.

Nosso estudo baseou-se em fundamentos nos campos da educomunicação e da sociologia da infância, abordados nos capítulos um e dois, procurando compreender como são compostos os ecossistemas comunicativos que possibilitaram tal participação. Esse objetivo geral norteou nossa pesquisa e julgamos que foi cumprido a contento. Entre outros pontos necessários para o cumprimento de nosso objetivo geral, estava a necessidade de mapear a produção de suplementos infantis na Paraíba, o que foi apresentado de forma geral no capítulo três, e de forma específica, no capítulo cinco. Munidos de informações sobre as publicações, partimos para a verificação do ecossistema comunicativo e da participação das crianças nos suplementos, sob influência dos fundamentos teóricos principais do trabalho, já mencionados. Esse foi nosso segundo objetivo específico, trabalhado no capítulo cinco. As reflexões sobre este processo de produção midiática permitiram algumas sugestões sobre a prática do jornalismo para e com as crianças, no final do capítulo cinco.

Os resultados da análise conferem com nossa hipótese inicial. Em nossos objetos de estudo não há ecossistemas comunicativos tal como prevê a educomunicação, contando com profissionais de diversas disciplinas para canalizar a participação da criança, e/ou formulando parcerias com instituições envolvidas com o trabalho com crianças. Ainda assim, os suplementos buscaram apoio efetivo nas escolas, junto aos professores, e com colaboradores, os quais eram as próprias crianças e adolescente, no caso de “O Pirralho”, indicando a existência de um sistema que gerava um fluxo em favor da participação das crianças.

Contudo, essa participação poderia ser mais explorada. As crianças poderiam estar no centro da produção desses suplementos, definindo as pautas da edição, as escolas que participariam, o espaço que seria dado para cada conteúdo, etc. Os adultos continuariam presentes no processo, conduzindo as crianças pelos meandros do “fazer jornalístico”, mostrando-lhes os caminhos já conhecidos e instigando a criança a refletir sobre a prática para ter subsídios a fim de criar seus próprios caminhos, suas culturas jornalísticas. A presença dos adultos deveria promover um relacionamento produtivo com a criança, buscando identificar nas suas atitudes os canais de expressão, respeitá-los e encorajar a criança a usar as caixas de ressonância para ocuparem seus espaços no mundo.

O jornalismo pode ser um instrumento de alcance das crianças aos meios de comunicação, empoderando os pequenos de forma a dar-lhes as condições necessárias para que desenvolvam suas habilidades existentes. Pois as crianças já “são alguém” e têm o direito de

mostrarem quem são, o que pensam, como vivem, para, assim, participarem ativamente, como protagonistas na sociedade, contando suas próprias histórias, fazendo história. O jornalismo proporciona o aprendizado para usar os meios por onde essas histórias ganham ressonância na comunidade. É intrínseco do jornalismo a observação e a reflexão sobre os fatos, a investigação e o confronto com a realidade, um instrumento, portanto que pode ser colocado ao alcance das crianças.

O direito à comunicação e expressão das crianças precisa estar inserido na pauta de debates da sociedade, especialmente no que diz respeito à parcela de responsabilidade dos veículos de comunicação no cumprimento dos direitos das crianças. Para tanto, os jornalistas devem estar preparados para o convívio com as crianças no ambiente de trabalho, nos momentos em que as crianças, naturalmente, não estariam trabalhando, mas estariam exercitando seus direitos e definindo seus territórios na sociedade.

Os jornalistas profissionais podem ampliar sua compreensão sobre a participação das crianças na mídia como autores e protagonistas de suas gerações, a partir de suas identidades e alteridades próprias e ceder espaços para a participação. Devem cercar-se de outros profissionais que dominam os princípios da pedagogia, da psicologia, da sociologia e da educação para conduzir a experiência tornando-a proveitosa.

Estamos com essa questão ainda aguardando desmembramentos, o que pode valer como uma continuidade desta pesquisa no futuro. É um desafio buscar aprimorar os processos de participação da criança na mídia a partir do entendimento de suas culturas, do contexto onde vivem, a forma como elas interagem com seus pares e com os adultos, e elaborar canais de expressão – caixas de ressonância – de suas opiniões e vivências. Com o objetivo final de contribuir com a formação de “pequenos” cidadãos capazes de transformar para melhor o lugar onde vivem.

O conhecimento acadêmico deve ser colocado em prática no ambiente midiático com as possibilidades de resultar em produções de conteúdos interessantes, reinventando o modelo de jornalismo como o conhecemos atualmente. Afinal, as histórias continuam a fazer parte das culturas infantis, as crianças têm muitas histórias para contar e ouvir.

Está em nossas mãos evitar o silêncio de uma geração possuidora de uma riqueza cultural autêntica, verdadeira, expressa de forma espontânea. Retomamos nossa epígrafe, um poema de Fernando Pessoa, na pele de Alberto Caeiro, registrada no início deste trabalho, para,

junto com as crianças, “pensar em fadas; saber que as coisas existem, existindo e não se explica; saber que ser é estar em algum ponto; e descobrir que o pensamento não é um ponto qualquer” (trecho adaptado de “A criança que pensa em fadas”, Alberto Caeiro).

REFERÊNCIAS

- ALEMANHA. **Grünwald Declaration on Media Education**, 1982. Disponível em: <http://www.unesco.org/education/pdf/MEDIA_E.PDF>. Acesso em: 18 abr. 2014.
- ANDI; CONANDA. **Infância e Comunicação**: referências para o marco legal e as políticas públicas brasileiras. Brasília, 2011.
- _____: IAS. **Esqueceram de mim**: Jornais brasileiros ignoram o potencial dos cadernos infantis. Andijovem, 2001. Disponível em: <<http://www.andi.org.br/sites/default/files/andijovem10.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2014.
- ANGELES-BAUTISTA, Feny de los. A mídia e nossas crianças: A promessa de participação. In Carlsson, Ulla e Feilitzen, Cecília von (Orgs.). **A criança e a mídia**: imagem, educação, participação. Unesco, Brasil, p. 307-317, 1999.
- ANJ - Associação Nacional de Jornais. Brasília, 2008. Disponível em: <<http://www.anj.org.br>>. Acesso em: 20 jun. 2015.
- APARICI, Roberto (Org.). **Educomunicação**: Para Além do 2.0. São Paulo: Paulinas, 2014.
- AZEVEDO, Sandra Raquew dos Santos. **Gênero, rádio e educomunicação**: caminhos entrelaçados. João Pessoa: Universitária/UFPB, 2005.
- BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. In Citelli, Adílson Odair; Costa, Maria Cristina Castilho (Orgs.). **Educomunicação**: construindo uma nova área de conhecimento. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2011, p.31-42.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Culturas infantis: contribuições e reflexões. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, vol. 14, n. 43. , 2014, p. 645-667.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BIRD, Elisabeth; DARDENNE, Robert. Mito, registro e “estórias”: explorando as qualidades narrativas das notícias. In Traquina, Nelson. **Jornalismo**: Questões, teorias e “estórias”. 2 ed. Lisboa: Veda, 1999, p. 263-277.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. Brasília, DF, 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 03 set. 2013.
- _____. **Convenção Americana de Direitos Humanos**, Decreto nº 678, Art. 13. 6 nov. 1992. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/anexo/and678-92.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2015.

_____. **Convenção sobre os Direitos da Criança** (1990). Unicef, 21 de setembro de 1990. Portugal, 1990. Disponível em: <http://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf>. Acesso em 03 out. 2013.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF, 1996. Disponível em: <<http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/109224/lei-de-diretrizes-e-bases-lei-9394-96#art-47>>. Acesso em: 14 set. 2013.

_____. Ministério do Meio Ambiente. **Educomunicação socioambiental**: comunicação popular e educação. Organização: Francisco de Assis Moraes da Costa. Brasília: MMA, 2008. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/educacao-ambiental/educomunicacao>>. Acesso em: 21 jul. 2015.

CAEIRO, Alberto. **A criança que pensa em fadas**. Livro de Domínio Público. Edição e-book Amazon.

CANAVIEIRA, Fabiana Oliveira; CALDEIRON, Ana Cláudia. Relações entre as crianças pequenas e a produção das culturas infantis: vistas, ouvidas e citadas. In **Culturas Infantis em creches e pré-escolas**: estágio e pesquisa. Campinas, SP: Autores Associados, 1 ed., 2011, p. 153-170.

CARLSSON, Ulla; FEILITZEN, Cecília von (Orgs.). **A criança e a mídia**: imagem, educação, participação. Unesco, Brasil, 1999.

CARVALHO, Carmem. Segmentação do jornal, a história do suplemento como estratégia de mercado. In: **Congresso Nacional de História da Mídia**, 5, 2007, São Paulo. Anais eletrônicos. São Paulo: Intercom, 2007. Disponível em: <<http://goo.gl/d9LLnp>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

CITELLI, Adílson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Orgs.). **Educomunicação**: construindo uma nova área de conhecimento. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

CORREINHO DAS ARTES, Ano 1, Nº 1. João Pessoa, 1992.

CORSARO, William A. Reprodução Interpretativa e Cultura de Pares. In Muller, F & Carvalho, A.M.A. (orgs.) **Teoria e prática na pesquisa com crianças**: diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. P. 443-464. In **Educação & Sociedade**: Revista de Ciência e Educação. Dossiê: sociologia da infância: pesquisas com crianças. Vol. 26, n. 91. Campinas: Cedes, 2005,

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DELGADO, Ana Cristina Coll; MÜLLER, Fernanda. Sociologia da infância: pesquisa com crianças. In Educação & Sociedade: Revista de Ciência e Educação. **Dossiê: sociologia da**

infância: pesquisas com crianças. Vol. 26, n. 91. Campinas: Cedes, 2005, p. 351-360.

DORETTO, Juliana. **Pequeno leitor de papel:** jornalismo infantil na Folhinha e no Estadinho. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudo dos Meios e da Produção Mediática) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-05112010-113714/>>. Acesso em: 16 ago. 2015.

_____. **Após 52 anos, 'Folhinha' deixa de circular.** Disponível em: <<https://ojornalzinho.wordpress.com/2016/04/16/apos-52-anos-folhinha-deixa-de-circular/>> Acesso em 12 jun. 2016.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** 2 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

EDUCOM, IV. **Encontro Brasileiro De Educomunicação, IV.** Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<http://www.abpeducom.org.br/p/educomunicacao-o-conceito.html>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

EGITO. **Declaração de Alexandria,** 2005. International Federation of Library Associations. Disponível em: <<http://www.ifla.org/files/assets/wsis/Documents/beaconinfosoc-pt.pdf>> Acesso em: 20 jul. 2015.

FEILITZEN, Cecília von. Educação para a mídia, participação infantil e democracia. In Carlsson, Ulla e Feilitzen, Cecília von (Orgs.). **A criança e a mídia:** imagem, educação, participação. Unesco, Brasil, 1999.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, 106p.

GOBBI, Márcia. Desenho infantil e oralidade: Instrumentos para pesquisas com crianças pequenas. In: De Faria, Ana Lúcia Goulart, Demartini, Zélia de Brito Fabri e Prado, Patrícia Dias (Orgs.). **Por uma cultura da infância:** metodologias de pesquisa com crianças. Campinas: Autores Associados, 2002, p. 69-91.

GONÇALVES, Lidiane; LINS, Stenio. **O ano que acabou:** 1968 na imprensa paraibana. XXII Simpósio Nacional de História, 2003. Disponível em: <anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.745.pdf>. Acesso em: 4 jul. 2016

HUERGO, Jorge A. Um guia de comunicação/educação, pelas transversais da cultura e da política. Aparici, Roberto (Org.). In **Educomunicação – Para Além do 2.0.** São Paulo: Paulinas, 2014, p. 81-120.

JAVEAU, Claude. Criança, infância (s), crianças: que objetivo dar a uma ciência social da infância? In Educação & Sociedade: Revista de Ciência e Educação. **Dossiê: sociologia da infância:** pesquisas com crianças. Vol. 26, n. 91. Campinas: Cedes, 2005, p. 379-389.

JORNAL CORREIO DA PARAÍBA, Suplemento Correio Criança. Edições alternadas de: 26 a 106. João Pessoa, 2011-2014.

JORNAL A UNIÃO, Suplemento Corrinho das Artes. Edições alternadas de: 1 a 50. João Pessoa, 1992-1977.

_____, Suplemento O Pirralho. Edições alternadas de: 1 a 84. João Pessoa, 1976/1978.

KAPLÚN, Mário. Processos educativos e canais de comunicação. In Citelli, Adílson Odair; Costa, Maria Cristina Castilho (Orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2011, p.175-188.

_____. **Uma pedagogia da comunicação**. Aparici, Roberto (Org.). Educomunicação – Para Além do 2.0. São Paulo: Paulinas, 2014, p. 59-78.

LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (Orgs.). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

MARQUES, Juliana Ferreira, **Nas ondas da rádio-escola: a educomunicação conectando saberes na sociedade aprendente**. Dissertação (Programa de Pós Graduação em Mestrado em Gestão de Organizações Aprendentes), Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2014. Disponível em: <<http://tede.biblioteca.ufpb.br/handle/tede/5935>>. Acesso em: 8 ago. 2015.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Desafios culturais: da comunicação à educomunicação. In Citelli, Adílson Odair; Costa, Maria Cristina Castilho (Orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 121-134.

MAYRA, Fernanda Ferreira. **Jornalismo Infantil: por uma prática educativa**. Intercom. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santos, 2007.

MERLO, M.C. **O Tico-Tico um marco nas histórias em quadrinhos no Brasil (1905-1962)**. Disponível em: <https://goo.gl/G8mDzl>. Acesso em: 29 jun. 2016

MOLLO-BOUVIER, Suzanne. Transformação dos modos de socialização das crianças: uma abordagem sociológica. In **Educação & Sociedade: Revista de Ciência e Educação**. Dossiê: sociologia da infância: pesquisas com crianças. Vol. 26, n. 91. Campinas: Cedes, 2005, p. 391-403.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Assembleia Geral das Nações Unidas, 1948. Disponível em: <<http://goo.gl/CHYOMx>>. Acesso em: 22 dez. 2015.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. Comunicação, educação e novas tecnologias: tríade do século XXI. In Citelli, Adílson Odair; Costa, Maria Cristina Castilho (Orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2011, p.159-174.

PAIVA, Flávio. **Eu era assim: infância, cultura e consumismo**. São Paulo: Cortez, 2009.

Quadrinhos da Paraíba: 30 anos de história. João Pessoa. Edição independente, 1993.

Disponível em: <http://www.memorialhqpb.org/publicacoes/revistas/quadrinhospb/quadrinhospb.pdf> Acesso em: 30 jun. 2016.

QVORTRUP, Jens. **A infância enquanto categoria estrutural**. In Educação e Pesquisa, Vol. 36, n. 2, São Paulo, 2010. P. 631-643.

REDE CEP. **Educomunicar** – Comunicação, Educação e Participação para uma educação pública de qualidade. Disponível em www.cidadeescolaaprendiz.org.br/wp-content/uploads/2014/06/educomunicar_rede-cep.pdf Acesso em 4 abr. 2105 15:15.

SALVATIERRA, Eliany. **Ecosistemas Comunicativos**. Universidade de São Paulo, Núcleo de Comunicação e Educação. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/201.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2015.

SÃO PAULO. **EDUCOM** - Educomunicação pelas ondas do rádio. Lei nº 13.941, 28 dez. 2004. Disponível em: <http://www.portalsme.prefeitura.sp.gov.br/anonimo/educom/lei.aspx>. Acesso em: 21 jul. 2015.

SARMENTO, Manuel Jacino. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. In Educação & Sociedade: Revista de Ciência e Educação. **Dossiê: Sociologia da infância**: pesquisas com crianças. Vol. 26, n. 91. Campinas: Cedes, 2005, p. 361-378.

SARTORI, Ademilde Silveira. **Educomunicação e a criação de ecossistemas comunicativos**. Florianópolis: Dioesc, 2014.

SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos** – Proposta de novos critérios de classificação. Covilhã: Labcom, 2009.

SILVA, Elizabeth Olegário Bezerra da. **Correio das Artes**: Breves Anotações para sua história. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica>. Acesso em: 30 jun. 2016.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação – contribuições para a reforma do ensino médio. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. Caminhos da educomunicação: utopias, confrontações, reconhecimentos. In Aparici, Roberto (Org.). **Educomunicação** – Para Além do 2.0. São Paulo: Paulinas, 2014, p. 145-166.

_____. **Educação para a mídia** – O papel da Escola, das Empresas de Comunicação e da Sociedade Civil. Apresentado no Seminário Internacional Infância e Comunicação: Direitos, Democracia e Desenvolvimento. Entre os dias 6 e 8 de março, em Brasília-DF. Disponível em <http://infanciaecomunicacao.andi.org.br>. Acesso em: 3 fev. 2015.

_____. **Conceito de ecossistema**. Universidade de São Paulo, Núcleo de Comunicação e Educação. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/28.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2015.

SOUZA, Danielle Andrade. A perspectiva de uma formação educomunicativa no contexto de uma graduação em comunicação social. In Sartori, Ademilde Silveira. **Educomunicação e a criação de ecossistemas comunicativos**. Florianópolis: Dioesc, 2014.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: Questões, teorias e “estórias”**. 2 ed. Lisboa: Veda, 1999.

_____. **Teorias do Jornalismo. Vol. 1**. Porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular. 2005.

TUCHMAN, Gaye. Contando “estórias”. In Traquina, Nelson. **Jornalismo: Questões, teorias e “estórias”**. 2 ed. Lisboa: Veda, 1999, p. 258-262.

UNICEF. **A infância e os meios de comunicação**. Comitê dos Direitos da Criança das Nações Unidas, 1996. Disponível em:
<[http://www.unhchr.ch/tbs/doc.nsf/898586b1dc7b4043c1256a450044f331/5a7331a09a8b4f3fc1256404003d10bd/\\$FILE/G9618895.pdf](http://www.unhchr.ch/tbs/doc.nsf/898586b1dc7b4043c1256a450044f331/5a7331a09a8b4f3fc1256404003d10bd/$FILE/G9618895.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2015.

VALDERRAMA, Carlos Eduardo. Cidadania e formação cidadã na sociedade da informação - Uma abordagem a partir da comunicação-educação. In Aparici, Roberto (Org.). **Educomunicação – Para Além do 2.0**. São Paulo: Paulinas, 2014, p. 279-316.

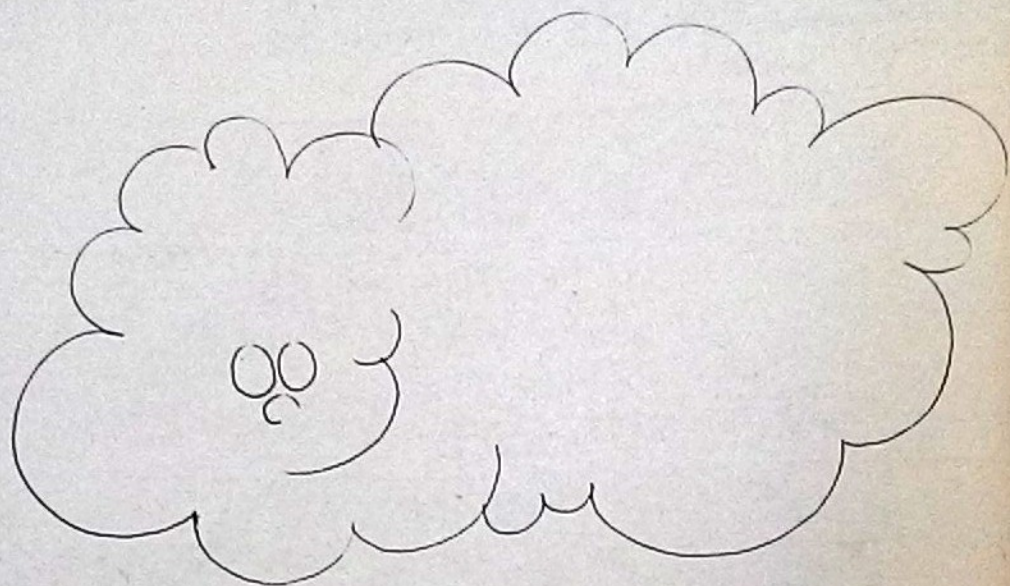
XAVIER, Manassés Moraes; NASCIMENTO, Robéria Nádia Araújo **Jornalismo digital na escola: narrativas de uma prática educomunicativa**. Disponível em:
<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/xavier-nascimento-jornalismo-digital-na-escola.pdf>>. Acesso em: 2 ago. 2015.

WILSON, Carolyn. **Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores** / Carolyn Wilson, Alton Grizzle, Ramon Tuazon, Kwame Akyempong e Chi-Kim Cheung. Brasília: Unesco/UFTM, 2013. Disponível em
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002204/220418por.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2014

WSMCF. World Summit on Media for Children Foundation. **Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes**. Disponível em: <http://www.wsmcf.com/next_summit/next.htm>. Acesso em: 20 jul. 2015.

ANEXO 1 – “O Pirralho”





A Nuvenzinha travessa

Associação Márcio

Lá pelos altos do Céu, onde as nuvens giram e fazem estranhas passeatas, existia uma nuvenzinha bem nova, chamada Nuvecita que era a mais desobediente de todas as nuvens do Universo. Porque, não sei se vocês já sabem, mas as nuvens tomam aquelas formas de carrinhos, velhos barbudos, trenzinhos, carneirinhos e tantas coisas mais, obedecendo às ordens da Nuvem Chefe que faz diariamente a relação das formas que cada nuvem deve tomar.

Mas Nuvecita não queria nada disso. Se a Nuvem Chefe dissesse que naquele dia ela estava escalada pra ser carneirinho à tarde e velho barbudo à noite, ela fazia justamente o contrário, somente por pirraça, somente pra mostrar que era independente, apesar de

ser apenas uma mocinha de dezoito dias o que para uma nuvem é uma idade que nas pessoas humanas corresponde mais ou menos a dezoito anos.

Até Nuveludo, o namorado dela já tinha tentado fazer com que ela modificasse aquele comportamento, mas seus esforços tinham sido totalmente em vão. Ela não queria mesmo obedecer a ninguém. Fazia o que lhe desse na cabeça e pronto... Quem quisesse que desse suas ordens.

Nuveludo tentou, insistiu, ameaçou acabar o namoro se ela não obedecesse, mas de nada adiantou. Ela continuou cabeçuda como sempre, somente fazendo o que lhe vinha à cabeça, sem nem ao menos ler o quadro de ordens que estava pregado nas tabuletas celestiais. E sabem como foi que ela curou-

se dessa feia mania de desobedecer? Sabem não? Com um sonho! Vou contar direitinho pra vocês:

Uma tarde, depois de fazer mil e uma peripécias, Nuvecita procurou a sombra escura de uma nuvem grande para descansar. E estava tão cansada de travessuras, que imediatamente adormeceu e sonhou. Sonhou que estava se derretendo aos poucos, em forma de chuva. No sonho, ela gritava se angustiava, berrava, fazia o maior escândalo, mas via pouco a pouco suas formas se desmancharem.

Quando acordou assustada, e viu que tudo não tinha passado de um sonho, correu prós pés da Nuvem Chefe, prometendo nunca mais desobedecer, e hoje em dia é a primeira a ler as tabuletas celestiais. É a nuvem exemplo de todo o universo das nuvens...

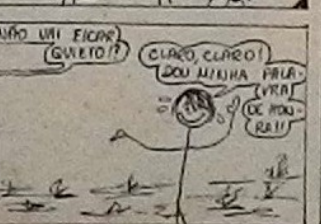
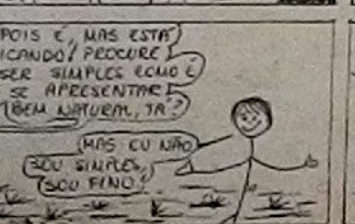
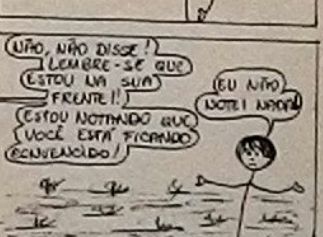
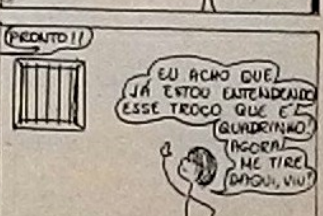
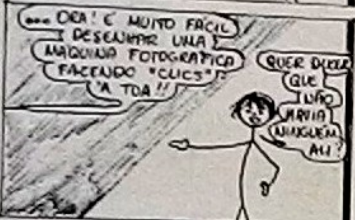
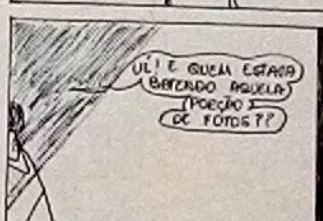
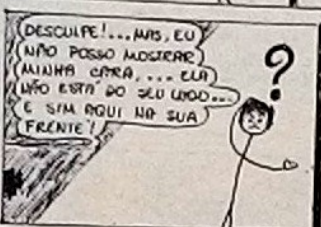
O PIRRALHO

Coordenação: Wilma Wanda
Arte: Rosalvo Fernandes

Repórter
Pires

APRESENTA

PALITO



SEGUIE

DIVERTIMENTOS

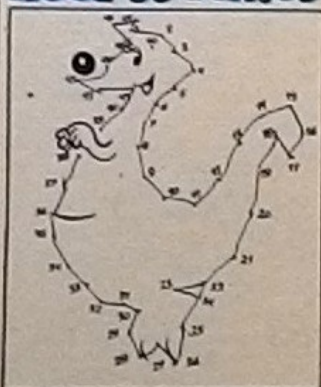
CRUZADINHAS



- 1 - HORIZONTAIS
1. POPULAR 2. NÃO SÃO
MAGARES 3. DINOSSAURINHO 4. COMETEM
PECADO 5. AFIRMATIVA VERTICAIS. 6. POPU-
LAR 7. NÃO SÃO ÍMPARES 8. DINOSSAURINHO
9. COMETEM PECADO 5. AFIRMATIVA
- 2 - HORIZONTAIS E VERTICAIS
1. LIMPA COM ÁGUA 2. RODAS 3. EXERCE
DIREITO DE VOTO 4. PLURAL DE ASA

SPYR VICH 'SOVY' WHIT?
HIS HYPOLY DICHON 'SERBY' JOY
: SYDOLLYR HYS HYPOLY DICHON
'SERBY' GOD : ZOHNY : KSDYSSR

LIGUE OS PONTOS



QUAL A GEMA DIFERENTE?



JOGO DOS SETE ERROS

O DIA ESTÁ BO-
NITO, A TURMINHA
ESTÁ ALEGRE,
MAS NA BRINCA-
DEIRA DE PULA-
PULA, PARECE QUE
O CASCAO ESTÁ
LEVANDO A PIOR.



SOLUÇÃO:
SOL MUODU DE
LUSAR FANTASIA
DA MAGALI, O HOS
DA MÔNICA, EX-
PRESSÃO DO CEBOL
LIMPA, SAOLINHO
PULA, PULA DA
MÔNICA, BOCA DO
CASCAO, CORAÇÃO
DO APITO.

ONDE SERÁ QUE A DONA
BORBOLETA SE ESCONDEU?



QUEM SERÁ QUE
VAI ENCONTRAR O
COELHINHO DA MÔ-
NICA?



GENTE NESSA

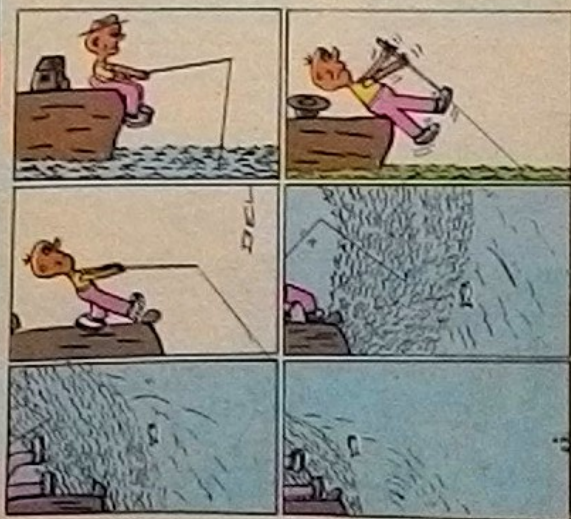
KEB'INHO

DEZ CLOVES
E SANTOS



PIRRALHO

© Danielito

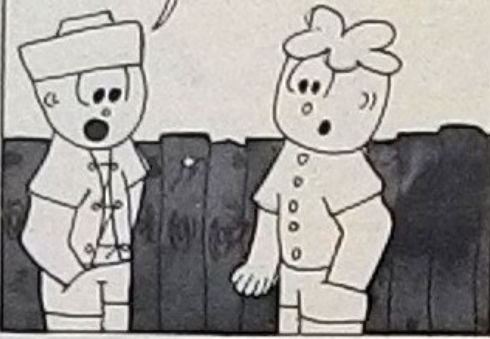




LALÔ

DE JOMAR

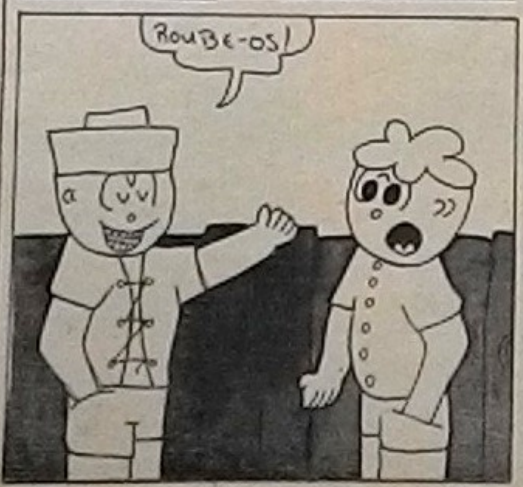
FALA AOS OUTROS QUE OS OUTROS GOSTARIAM DE FALAR COM VOCÊ



MAS O QUE LALÔ?



ROUBE-OS!



ESKELETON-MAN

PO: PERSON

TEM GENTE! VAMOS DAR NO FÊ

DRACULA, VAMOS NOS ESCONDER



ELAS ESTÃO LA DENTRO

VISTA E ENTRE PEI MEIRO.

EI, VÊJA, UMA ROUPA DE HOMEM. CAVEIRA, VOU VESTIR PARA ASSUSTAR ESSAS CARIAS



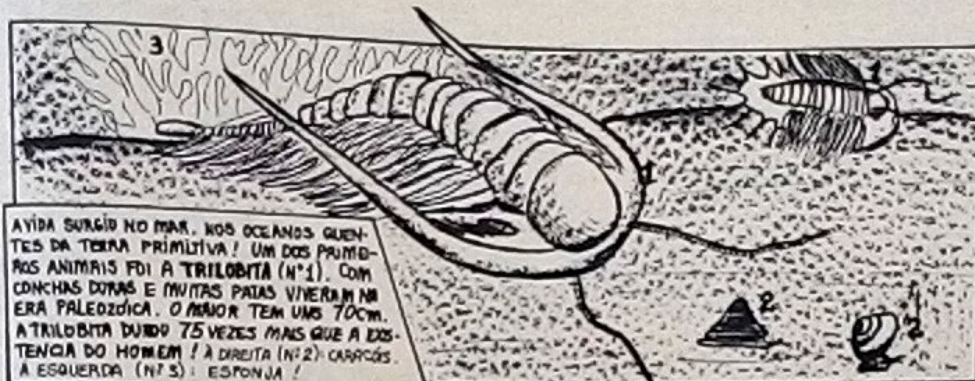
DEPOIS DE VESTIR A ROUPA...



SEQUE

Micro-História da vida

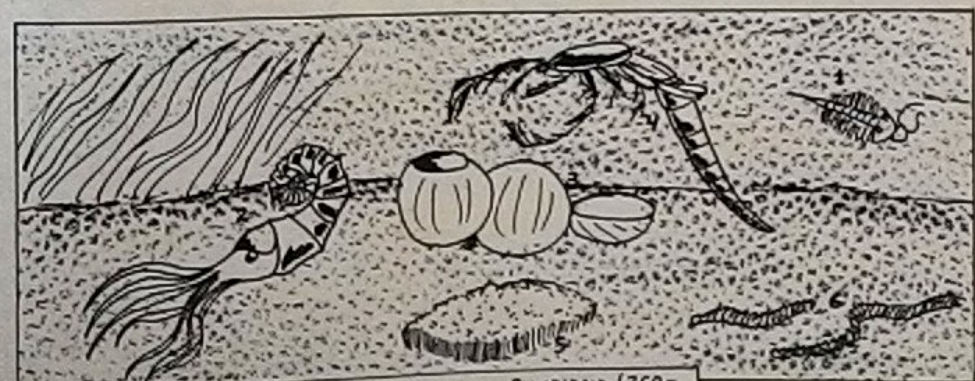
PESQUISA ILUSTRADA
DE
EMIR RIBEIRO - *



AVIDA SURTIU NO MAR, NOS OCEANOS QUENTES DA TERRA PRIMITIVA! UM DOS PRIMEIROS ANIMAIS FOI A TRILOBITA (Nº 1), COM CONCHAS DITAS E MUITAS PATAS VIERAM NA ERA PALEOZOICA. O MAIOR TEM UM 70CM. A TRILOBITA DUPO 75 VEZES MAIS QUE A DENSIDADE DO HOMEM! A DIREITA (Nº 2): CORAIS. A ESQUERDA (Nº 3): ESPONJA!



A TRILOBITA CONTINUA PERDUANDO (1) DESDE O PERÍODO CAMBRIANO (500-425 MILHÕES DE ANOS ATRAS). NO ORDOVICIANO (425-360 MILHÕES) SURTIU O NAUTILÓIDE (2), CUOTAMANHO VARIAVA ATÉ 4,75 METROS. O DA FIGURA É UM NAUTILÓIDE GIGANTE. A SUA DIREITA ESTÁ UMA CARACOL GIGANTE (3).



O PERÍODO QUE VEIO DEPOIS DO ORDOVICIANO FOI O SILURIANO (360-325 MILHÕES DE ANOS ATRAS). OS MESMOS ANIMAIS CONTINUARAM A POVOAR OS MARES! NO ENTANTO, SURTIAM NOVAS ESPÉCIES: É O CAPOVARA DO MAR (4). OS OUTROS SÃO: NAUTILÓIDE ENROLADO (2); ESPONJAS (3); TRILOBITA (1); CORAIS (5) E ANELÍDEOS OU MINhocas MARINHAS (6).

FONTE DE INFORMAÇÕES:
"O MUNDO EM DOIS VOLUMES"
VOL. 1: FORMAÇÃO DA TERRA



ANEXO 2 – “Correinho das Artes”





A UNIÃO

Superintendência de
Imprensa Editorial

Fundada em 2 de fevereiro de 1893 no
Governo de Alvaro Machado

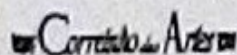
Superintendente
Rui César de Vasconcelos Leite

Diretor-Operacional
Francisco Pontes da Silva

Diretor-Técnico
Nelson Coelho

Diretor-Administrativo
Raimundo Priva Gadelha Filho

Editor-Geral
Antônio Costa



Editores
Vil Linsora
Cláudio Linsora

Editoração Eletrônica
Maurício Barros

Revisão
Gláucia Figueiredo

Correspondência para:
Vil Linsora

Rua Mº Prêmio de Almeida, 102
Castelo Branco I - J. Pessoa/FB
CEP: 58.050-040

Todas as matérias divulgadas
são de responsabilidade exclusiva
dos seus autores. Os direitos
autorais são cedidos para esta
edição, sendo proibida a sua
reprodução no total ou em parte sem
autorização expressa dos autores.

REGISTRO

Nesta edição o "Correio das Artes" participa das homenagens ao escritor e sociólogo pernambucano Gilberto Freyre, por ocasião do centênario do seu nascimento, publicando "O Sobrado da Rua São José".

Ainda neste número divulgamos poemas e textos de Manuel Bandeira, José Américo de Almeida, Cláudio Feidman e Earl Feidman.

Participam desta edição alunos das escolas: Dorotéias, Cata-vento, Ipep, Sesqui, PHD, Hipócrates, Lurdinas, QI - 140, convi- ver e Evolução. L. de Salvador/BA, a colaboração de Laura Car- neiro da Escola Experimental.



Gilberto Freyre

Pernambucano, nasceu no Recife a 15 de março de 1900. Faleceu aos 87 anos em 18 de julho de 1987.

Escritor, sociólogo, aos 18 anos via- jou para os Estados Unidos onde, na Uni- versidade de Columbia veio a defender a tese "Vida Social no Brasil na Metade do Século IX" tema que desenvolveria depois no seu livro mais famoso "Casa Grande & Senzala".

Autor de extensa obra - mais de 50 livros - escreveu entre outros: Sobra- dos e Moçambos, Ordem e Progresso, Nordeste, Dona Sinhá e o Filho Padre, Talvez Poesia, Alhos & Bualhos, Apilucos: Que há num nome? Etc...

O texto que aqui publicamos faz parte do livro: "Assombra- ções do Recife Antigo".



Capa: "SÃO JOÃO", desenho de Ivo Sandro, aluno da 8ª série das Dorotéias.

O sobrado da rua de São José

Gilberto Freyre



Ivo Saadão B. M. - Dorotila

Na rua de São José, bairro do Recife, houve um prédio de dois andares, por muitos anos apontado pelo povo como casa mal-assombrada. Mas, assombrações, por algum tempo, quase de esquecimento. Tanto que a casa esteve quase sempre ocupada.

As famílias não demonstraram no sobrado, é certo. Algumas não passaram nele mais de uma semana. E houve quem abandonasse o prédio às carências, deixando os móveis, os trastes, os baús, com medo de ver, de novo, visagens. Mas sem que essas visagens fossem das bruxas, que fazem diminuir as pessoas muito depressa.

Um dos últimos inquilinos do prédio, nos seus dias de casa mal-assombrada, foi Antônio Letitia, que o ocupou só por quatro dias. Tendo subido para o sobrado numa terça-feira com a esposa, dois filhos e duas criadas, mudou, lá, a guarda do papagaio, na sexta já o desocupara às pressas.

Motivo? As assombrações. Desde o dia em que lá morou no sobrado, não conseguiu. Nem eu nem a mulher nem os filhos nem as negras. Durante o dia acordava dentro da casa toda. À noite, grandes barulhos, como de plantas de casa da vizinhança de pedras para e aí, era um pagode, coqueiros arrastados pelo chão, as portas se abriam, apenas de estancas fechadas com o ferro e chaves. E, portanto, a saída da minha netinha foi apressada do sobrado. Falava de Letitia a um vizinho, que em 1929 foi ouvido pelo repórter policial d'A província no inquérito que organizou no velho jornal sobre casas mal-assombradas da cidade.

Depois de Letitia, ocupou o sobrado ninguém menos que um repórter policial. Casa mal-assombrada? Era com ele. Starbuck por vocação e profissão. De modo que quando o propó-

stário do sobrado lealmente o advertiu: "Olhe, seu filho, o prédio tem fantasmas", o jornalista gracioso. Que não temia fantasmas: seu medo era do aluguel, que fosse muito alto. Guacjava com o assunto, e estava certo de que, uma vez ferido no sono, alma do outro-mundo nenhuma conspurcação acordaria antes do sol alto.

"Por isso, não, as chaves são suas", disse o proprietário do sobrado ao pretenso. "O aluguel é de 50 mil-réis mensais". Aluguel de pal a mão, tratando-se de casa sólida e com muitos cômodos. Quase um palácio embebedado pelo tempo. Menos ruínas do que era pochincha.

O sobrado foi alugado pelo Starbuck com entusiasmo. Chegando à redação do jornal onde trabalhava, gabou-se a honraria de cliente dos companheiros: lá ocupou um prédio que era quase um palácio. Onde? A rua São José. Como tudo era possível, ganhando ele tão pouco? Porque o sobrado era mal-assombrado. E reconheceu para reparo dos seus superstitiosos: "Vou morar neste prédio para retirar dali o diabinho que diz que mata enterrado".

Preparou os móveis e trastes da mudança. Dentro de alguns dias era senhor do tal prédio de dois andares.

Na primeira noite, balançaram-lhe a rede. Quatro assombrações. Barulhos. Móveis espantando-se no chão. Repórter policial, pessoas politicamente: dizem ser gente. Pensando que estava com ladrões em casa, levantou-se, acordou o cardeiro e correu todo o sobrado com a luz de querosene na mão.

Tudo em ordem. Nenhum móvel fora do lugar. Nenhuma porta ou janela aberta. Nenhum gato arde de raiva. Nenhum morcego. Nenhum coruja.

Mudou para a rede. Mas quando se aproximava da sala da frente, dentro-lhe um sopro forte no cardeiro, que se apagou. Não gostou da bruxaria. Mas como não era nenhum bestialão, continuou a dormir a casa, a procurar seu mistério com olhos de polícia e gana de jornalista.

Acima de novo o cardeiro, de novo o apa-

garam com outro sopro. O repórter insidiu. Quis acender o cardeiro pela terceira vez mas não conseguiu: todos os bichos que moram apagam-se.

Deitou-se então na rede e no escuro. Mas não pôde conciliar o sono. Os barulhos no sobrado continuavam cada vez mais fortes: pareciam paredes caindo e não apenas móveis se deslocando como nas assombrações de opereta. Assim era demais. O prédio parecia ter aumentado de mistério só para demonstrar ao Starbuck arrogante e quebrar-lhe o coração.

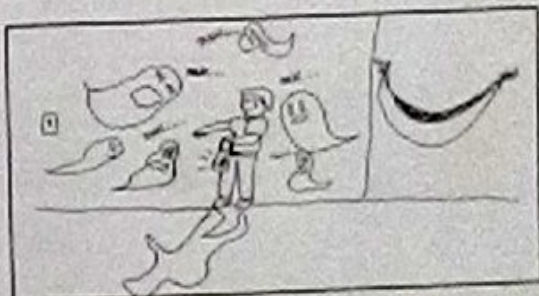
Quando o dia amanheceu, deu o repórter graças a Deus. Mas ficou na casa. Não era um barulho qualquer que se mudasse de uma casa comoda por causa de assombrações.

Mas na segunda noite a coisa foi pior. Injuriaram-se na rede em que ele estava deitado. Sentia passarem-lhe o lençol e os lençóis por cima. Era como se fumesco tivessem tomado os lençóis e a rede.

Ainda assim o repórter persistiu. E dormiu no segundo a terceira noite.

Deixa vez as noites da rede partiam-se e o barulho foi jogado ao vento como uma bola de carne. Sem barulho. Não suportou mais insucessos de um inimigo que não conseguia vencer. Apenas amanheceu o dia, tristes de deixar o sobrado misterioso. À tarde mudaram buscar os trastes. E ficou acreditando em mal-assombrações. Em casas velhas onde vagavam almas do outro-mundo. Em quanta inimigo de quem fosse lhes perturbar a solidão, subido que é visto dos sonhos vagar no interior de casacos em casa a horas mortas.

Essa experiência, comunicou-a o bom repórter a Oscar Melo, quando esse também repórter policial, a serviço d'A província, colaborou consigo no inquérito que em 1929 organizou o velho jornal sobre assombrações do Recife antigo. Recordando a aventura de companheiro, disse-me então Oscar: "Não me lembro de inventar coisa".



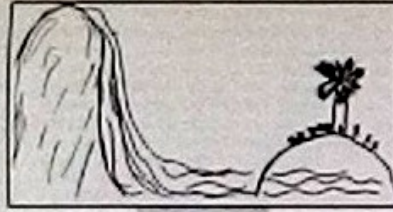
Gilberto Freyre
Fiche - B.
série - C.
- 140

A Água

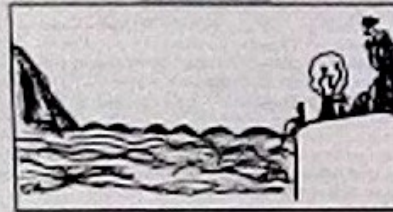
...Era uma vez um rio muito limpo e limpo. Era tão limpo que dava para a gente ver os peixes.

Mas aí chegaram uns homens maus e sujaram o pobre rio.

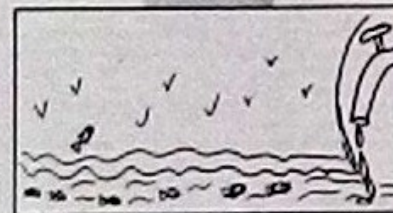
Só que, naquele dia mesmo, quando os homens maus foram dormir, a mãe natureza fez eles ficarem infelizes.



Angelo



Rodolfo



Tâmisa

...Sem água
a gente morre
Não desperdice água

Sem água limpa
Os peixinhos morrem
Não polua os rios
Não suje o mar

Pablo Anderson

...Era um lindo rio que corria na frente das casas... A água dele era bem limpa e as pessoas bebiam muito da água do rio.

Um dia um homem mau veio e começou a jogar lixo no rio. Jogou tanto que a água estava acabando. As pessoas ficaram tristes. Mas o homem mau ficou com tanta sede que se arrependeu do que fez. Limpou a água e o rio voltou a correr e todo mundo ficou feliz.

Kleber Maux Filho.

...A água é boa
Não polua a água

A água é nossa salvação
Não polua a água

Você gosta da água?
Então não polua ela

Fernanda

Textos e desenhos de alunos da 2ª série do Catavento

Uma amiga muito bela

A minha prima Vera é amiga e compreensiva. Em certa época do ano ela deixa as suas cheias de flores, as árvores cheias de frutos e os pássaros muito felizes a cantar suas músicas.

Fazendo em flores, elas são muito amigas minhas. Uma dão cor, alegria a vida da gente. E as árvores? Estão ali de nos dar sombra, nos dar um lugar agradável sem o qual não nós, nem os animais – que são tão bonitos e amigos – poderíamos viver.

De uma coisa eu tenho certeza: a minha prima Vera – primavera mesmo – sempre será bela!

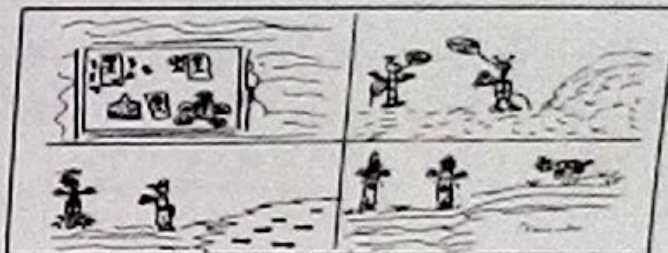
Aretha V. Bezerra
6ª série – PBD



Filipe
Cavalcanti
- 8ª série -
PBD

A Centopéia

Cláudio Feldman*



Amanda

Uma formiga, um gafanhoto e uma centopéia decidiram reunir-se na casa da primeira. Mas como a centopéia estava demorando para aparecer, a formiga e o gafanhoto ficaram contando piadas para se distraírem. Uma delas foi a seguinte:

Um ladrão acaba de roubar uma galinha e está a depená-la junto ao rio, quando vê um guarda a se aproximar. Surpreendido, joga a galinha no rio.

-Você está preso! - diz o guarda - Acabou de roubar uma galinha.

-Eu? - fala o ladrão - Nunca roubei nada em minha vida.

-Ah é! Então o que é este montinho de penas aí aos seus pés?

-Isso? Foi a galinha que entrou no banho e me pediu para tomar conta da roupa...

A outra piada era:

Dois homens dão de cara com uma onça numa floresta e ficam apavorados.

-Não tenham medo - diz a onça - Da última vez que comi dois homens tive uma bruta indigestão. Portanto, só vou comer um de vocês.

-Eu não - exclama um dos homens - Tenho que cuidar de minha mãe que tem setenta anos.

-A minha tem oitenta anos e ainda por cima é parálitica - diz o outro.

-Eu acabo de ser pai pela quinta vez - suplica o primeiro - Tenho uma família muito grande para sustentar.

-Tenho oito filhos - diz o segundo.

-Eu também sustento os meus sogros - fala o primeiro.

-E eu, além dos meus sogros, sustento a faculdade de meu afilhado caelbo.

A onça, já aborrecida com tanta enrolação, conclui:

-Acho que vou comer os dois. Afinal de contas vocês vão morrer mesmo de cansaço de uma hora pra outra.

A formiga e o gafanhoto ficaram preocupados: afinal, onde estaria a centopéia?

E, para se distraírem, contaram ainda outra piada:

Um rapaz desabafa com um amigo:

-Não posso continuar a viver assim. Mero

com os meus três irmãos no mesmo

Um deles tem sete gatos, o outro cin

e o terceiro um esquilo. O cheiro é lu

-Mas por que você não abre a

sempre que possível?

-Porque aí os meus quarenta e oito p

saem voando!

Nessa altura, dos acontecimen

centopéia aparece toda banhada em su

-Mas o que é que você estava fazen

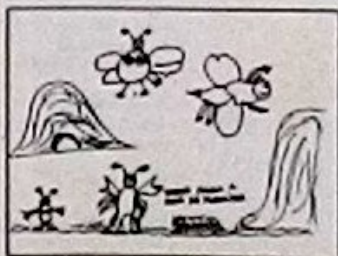
perguntaram a formiga e o gafanhoto, on

-Estive fazendo o que o capacho ped

fora: "É favor limpar os pés..."



Renan



Diego



Edja Camila

* Poeta e escritor paulista. Autor de vários livros, inclusive infantis.

Viva São João!!! Viva!!!

Na rua do sabão

Manoel Bandeira



Guilherme Filho - 8ª série - Q3 - 140

Cal cal baloi
Cal cal baloi
Na rua do Sabão

O que quatro atraiam aquele baloi-
rê de papel?

Um que trabalhava na composição do

compra o papel de seda, costuro

com amor, compôs os gemos

oblongos...

Depois ajustou o mundo de pé ao

baloi de azeit.

E-lo agora que sobe - pequena col-
sa incante na encanção do céu.

Cal cal baloi

Um tempo para dar fôlego

via de fora, tremia todo e muda-

A melancolia da rua do Sabão

Gravou com maldade:

Cal cal baloi

Sobretudo, porém, emisso, enfi-

hou-se e avançou das ruas que o

água para do mal alto.



Im São João 8ª série - Desenhada

Im São João 8ª série - Desenhada

E lá subindo...

serenamente...

Como se enchesse o sorpilhio ri-

sico de José.

Cal cal baloi

A melancolia subiu-o com afadado

auspícios

apropos

pendada

Cal cal baloi

Um senso adventiu que os balões são

proibidos pelas posturas municipais.

Um, foi subindo

muito serenamente...

para muito longe...

Não cala no rua do Sabão.

Cal muito longe... Cal no mal - nas

água para do mal alto.



Matheus 2ª série - PBD

O São João e a alegria

Com harmonização e fôro

Costo do São João

E lambe-lambe da fogueira

Prado e Francisco

São João, São João
mãe no mesmo coração

São João só com fogueira

E com muita harmonia

São João, São João

Tem e muita alegria

E com muita harmonia

Para nossa adoração

Alma e Lúcia

São João, São João

Festa e animação

Muito fôro, muita harmonia

Quer não grata densa festa

De alegria, divertimento

E fôro no salão?

Todos cantam

Com o fôro e São João



Brenda Jurek 2ª série - PBD

São João

Fogueira, festa e fôro

Sobretudo com muita harmonia

São João, São João

E festa e harmonização

Vem cá, vem cá, vem cá

São João, São João

São João, São João



Júlia Lucet - 3ª série - Desenhada

São João

Fogueira, festa e fôro

Sobretudo com muita harmonia

São João, São João

E festa e harmonização

Vem cá, vem cá, vem cá

São João, São João

São João, São João



Alfonso - 2ª série - PBD

São João, São João

Fogueira, festa e fôro

Sobretudo com muita harmonia

São João, São João

E festa e harmonização

Vem cá, vem cá, vem cá

São João, São João

São João, São João

A festa e o folguedo

José Américo de Almeida



Daniel Elzer - 8ª série - Desenhada

São João

Fogueira, festa e fôro

Sobretudo com muita harmonia

São João, São João

E festa e harmonização

Vem cá, vem cá, vem cá

São João, São João

São João, São João

Mes por não era fôro, fôro...

do, como vida, fôro fôro fôro...

Na festa de São João era quando...

na festa de São João era quando...

a festa e a harmonia se a festa...

seu para a festa, fôro fôro fôro...

para e fôro fôro fôro fôro fôro...

que festa e fôro fôro fôro fôro...

que festa e fôro fôro fôro fôro...

que festa e fôro fôro fôro fôro...

que festa e fôro fôro fôro fôro...

que festa e fôro fôro fôro fôro...

que festa e fôro fôro fôro fôro...

que festa e fôro fôro fôro fôro...

que festa e fôro fôro fôro fôro...

que festa e fôro fôro fôro fôro...

que festa e fôro fôro fôro fôro...

que festa e fôro fôro fôro fôro...

que festa e fôro fôro fôro fôro...

que festa e fôro fôro fôro fôro...

que festa e fôro fôro fôro fôro...

que festa e fôro fôro fôro fôro...

que festa e fôro fôro fôro fôro...

que festa e fôro fôro fôro fôro...

que festa e fôro fôro fôro fôro...

que festa e fôro fôro fôro fôro...

que festa e fôro fôro fôro fôro...

que festa e fôro fôro fôro fôro...

que festa e fôro fôro fôro fôro...

que festa e fôro fôro fôro fôro...

que festa e fôro fôro fôro fôro...

que festa e fôro fôro fôro fôro...

que festa e fôro fôro fôro fôro...

que festa e fôro fôro fôro fôro...

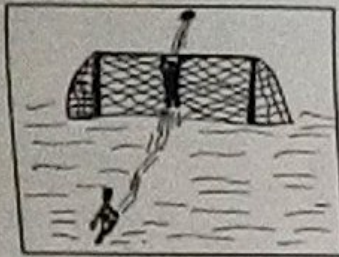
que festa e fôro fôro fôro fôro...

que festa e fôro fôro fôro fôro...

que festa e fôro fôro fôro fôro...

que festa e fôro fôro fôro fôro...

que festa e fôro fôro fôro fôro...



O sonho de ser jogador

Bola na mão
Não altera

Bola na área
Mas ninguém
Pia cabecear

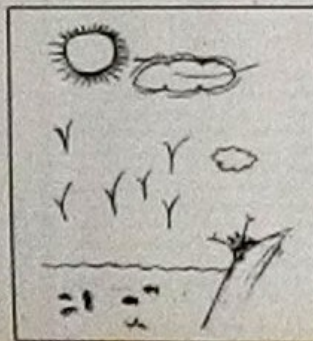
Bola na rede
É a hora
Do gol

Quem nunca sonhou em ser um dia
Jogador
De futebol?

O caranguejo briguento

Não sei de onde ele veio, mas brigou e
brigou bem feio.
Encontrei até caranguejo espiado, ma-
chucado, lá na praia.
Mas mesmo assim, ele ainda me deu uma
picada.

Daniel Wesley



A natureza e eu

Participo da natureza
Tenho minha parte
Na natureza

E com muito, e muito amor
Tenho orgulho de ser, ser
Um defensor da natureza

Neto

O ódio será tristeza
A tristeza será infelicidade

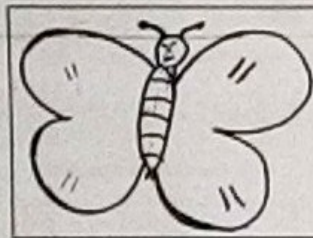
Arthur

Bequinho

Um casal escondidinho
Lá no fundo do bequinho

Namorado, namorado
Depois de um tempo
Casou

Bruna



A borboleta

A borboleta faz careta
Quando cai, faz besteira
Quando voa, faz iselira
Quando pira
Só faz patuayada

Nathalie

Azul do mar

O mar é azul
O azul é do mar
É a memória
Quando chora
Começa a lacrimar

Rosani

* Textos e ilustrações de alunos da 2ª, 3ª e 5ª séries do Sistema de Ensino Coimbra

O amor

O amor é assim
Vem de dentro de mim

O amor é tão bom
Está no meu coração

Amor em mim
Amor em ti

Amor em nós
Amor em todos

Enfim, amor

Ana Menna

A cachoeira

Olha a cachoeira
Que vai
E que vem...
Como ela é linda!

Olha a água
Como rola
Como embela
Na descida
Da cascata!

E os raios de sol
Fax o dia
Cada vez
Mais bonito!

Jaci

Um dia vi um galinho muito alegre. O
nome dele era Jaci e Jaci quer dizer Lua. Mas Jaci, o
galinho, nunca viu a lua, só sabia que existia por-
que seus pais lhe contavam.

Um dia seus pais acharam que Jaci devia
aprender a viver sozinho. As vezes Jaci chorava
porque a lua nunca aparecia por lá.

Uma noite o galinho resolveu dar uma vol-
ta, porque sempre ele só ouvira de lá. Ai ele viu
a lua e pediu para lá onde ele morava.

A lua atendeu o pedido de Jaci e nunca mais
os dois se separaram.

Carmem Karine



O lápis da imaginação

Fani Feldman*

Um lápis é feito apenas
De madeira e de grafite,
Mas também é um convite
Pra fantasiar as cenas.

Se este lápis contornasse
Minhas imaginações,
O mundo teria a face
De formosas invenções.

Vida seria aventura,
Como vôo de borboleta,
Todo dia na procura
De um brinquedo no planeta.

As mil cores de aquarela,
Que existem na natureza,
Encheriam de beleza
Todo o espaço da janela.

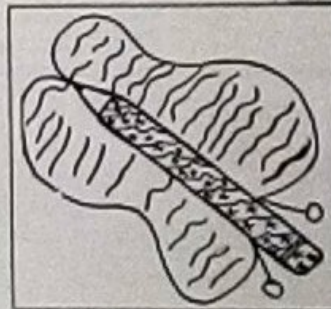
Se este lápis existisse,
Com seu risco de alegria,
Adeus, mundo de chaticel
Viva o reino da magia!

Voar, o lápis gulando,
Em cambalhotas ligeiras,
Vendo, sob as brincadeiras,
A terra ao longe passando.

Navegar na imensidão:
Existe mais diversão?
Que bom seria brincar
Com os pássaros do ar!



Gabriella Leite



Jéssica Kaline



Giovanna Costa

Apostar muitas corridas
Com os pombos e a andorinha,
E depois de voltas e idas,
Aprender o vôo sozinha.

Eu iria com minha capa
Ventar as cores do mapa,
Porém capa de menina,
Pra eu ser super-heróina.

Com o lápis ao meu lado
Desceria lá num monte
Pra beber água da fonte
E gritar ao eco um bocão.

Com lápis escreveria
Esta mensagem no monte:
**NÃO SUJEM DE PORCARIA
O REFÚGIO DO HORIZONTE!**

Depois, retomando ao chão,
Com lápis eu traçaria
Um circo, que só teria
Uma platêla sem tostão.

No fim de um extenso dia
Para o meu nêpho eu iria
Comer e então descansar,
Na doce paz do luar.

* poeta e atriz paulista. Este poema faz parte do livro *homônimo*.

* Ilustrações de alunos da 3ª série do Hipocritas.

Recriando...

o poema "Lápis da imaginação"



Juliana
Kalline

Eu gosto do meu lápis,
com ele vejo coisas que
algos sempre não vejo
como aquela casa e o rio.

O meu lápis é mágico,
pinta o que eu quero,
pinta o mundo e o céu,
desenha o que eu quero.

Quando vejo coisas novas lápis,
desenho tudo ao redor,
desenho o mundo todo,
como é bom desenhar assim.

Juliana Kalline

Meu lápis da imaginação
faz muitas coisas, lápis
Um desenho

Ele transforma o papel
Em coisas lindas e doces
Como um

Tudo fica colorido
Vermelho, azul, amarelo
E até o céu

Muitas vezes meu lápis
É até um amigo
Que faz coisas maravilhosas
Como

Enfim, ele é um amigo
Muito importante
Que me faz feliz
Muito feliz

Amanda Patrícia

Com o lápis da imaginação
Muitas coisas eu vejo
Se quiserem da imaginação
É que lápis! Sempre com minha alegria

Se eu tivesse um lápis
Contaria do meu
Desenho com os lápis
Agradeceria a todos

De um mundo lá dentro
La com o lápis
Muito feliz, que posso
Muito feliz, eu a todos

Marcelo M.



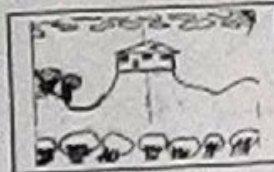
Gabriela
Brito

* Textos e desenhos de alunos da 1ª série
da Hipocrates

O menino e o gato

Um dia um menino que não gostava de gatos,
até que um dia tudo mudou, quando ele viu um gato
e resolveu cuidar dele e cuidar dele com carinho e até
com carinho. Um dia ele viu um gato e resolveu
cuidar dele e cuidar dele com carinho e até com
carinho. Um dia ele viu um gato e resolveu
cuidar dele e cuidar dele com carinho e até com
carinho.

Marcelo M. - 1ª série



O homem da selva

O homem da selva vive com seus amigos no
seu mundo e ele é muito feliz.

O homem da selva é muito feliz e ele é muito
feliz. Um dia ele viu um gato e resolveu
cuidar dele e cuidar dele com carinho e até com
carinho. Um dia ele viu um gato e resolveu
cuidar dele e cuidar dele com carinho e até com
carinho.

Um dia ele viu um gato e resolveu
cuidar dele e cuidar dele com carinho e até com
carinho. Um dia ele viu um gato e resolveu
cuidar dele e cuidar dele com carinho e até com
carinho.

Gabriel, Emanuel, Samuel e Tereza - 1ª série



O grande elefante

Um grande elefante vivia na selva. Um dia
ele viu um gato e resolveu cuidar dele e cuidar
dele com carinho e até com carinho. Um dia
ele viu um gato e resolveu cuidar dele e cuidar
dele com carinho e até com carinho. Um dia
ele viu um gato e resolveu cuidar dele e cuidar
dele com carinho e até com carinho.

Marcelo M. - 1ª série

O amigo

Um dia David, um menino muito feliz, viu um
gato e resolveu cuidar dele e cuidar dele com
carinho e até com carinho.

David é um menino muito feliz e ele é muito
feliz. Um dia ele viu um gato e resolveu
cuidar dele e cuidar dele com carinho e até com
carinho. Um dia ele viu um gato e resolveu
cuidar dele e cuidar dele com carinho e até com
carinho.

Um dia ele viu um gato e resolveu
cuidar dele e cuidar dele com carinho e até com
carinho. Um dia ele viu um gato e resolveu
cuidar dele e cuidar dele com carinho e até com
carinho. Um dia ele viu um gato e resolveu
cuidar dele e cuidar dele com carinho e até com
carinho.

Marcelo M. - 1ª série

* Textos e desenhos de alunos
da Hipocrates

O prazer da leitura: o melhor para ler (8)

(Nelide Medeiros Santos)

Exercícios do ver Criança. Manuel de Barros, Bordados de Antônia Cruz, Argenta, Maria, Martha e Sylvia Dumont sobre desenhos de Desvassures. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

O poeta Manuel de Barros que já tentou o leitor adulto com *Gramática Esportiva do Odo* (1966), *Uma das Preceitos* (1985), *Uma sobre Nada* (1996) e, mais recentemente, *Exercícios Fotográficos* (2002), não se esquece também do leitor infantil. O belo livro *Exercícios de um Criança* (1999) é uma prova de sua sempre em preparação. Os dois poemas que integram o livro — *O menino que carregava água na panela* e *A menina cuada levava que a poesia* — o *Exercício Infantil* caminha juntos quando se trata de inventar "despreocupados" e "preocupados".

Se, nos poemas do *Exercícios Fotográficos*, Manuel de Barros nos fala da fotografia do cotidiano, do perfume e do perfume, nos dois poemas infantis aliamos imagens inventadas, do menino que carregava água na panela e da menina que levava que a poesia em um vaso feito com rodas de lata de gelatina. Juntos, os dois atravessam dois inventados.

São essas imagens poéticas e despreocupadas que tornam Manuel de Barros um poeta singular. A sua poesia é um mergulho na imaginação do humano primitivo e na imaginação da criança.

É o que diz nos bordados indígenas realizados pela família Dumont, com desenhos de Desvassures? Como será ler um livro inventado? É possível ler um livro na poesia? Talvez a leitura de livro permita uma resposta. Fica a convite.

Bia, Bia, Bia Bel, Ana



Maria Machado. 2 ed. Rio: Regina Yolanda, Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

Em boa hora, surge uma 2ª edição da premiadíssima obra de Ana Maria Machado — *Bia Bia, Bia Bel*. Condição brasileira que, recentemente, Ana Maria Machado ganhou o prêmio Hans Christian Andersen, o Nobel da Literatura Infanto-Juvenil.

Bia Bia, Bia Bel é uma história que procura resgatar o passado e antecipar o futuro. A protagonista, uma garota moderna, convive fraternamente com a bisavó (Bia Bia), revivida através de um retrato encontrado no fundo do baú, e com a futura bisneta (Bia Bel). De passado, mistos as lembranças da república política, o choro do pequeno Vitor. Do presente e do futuro, a esperança de um país sem corrupção, sem exclusão, a esperança de dias melhores.

Regina Yolanda fez as ilustrações, enfatizando as cenas verdadeiras, os baús, as armálias, as cenas de antigamente.

Elementos históricos, psicológicos, linguísticos fluem com muita naturalidade. É um livro que indicamos para os leitores mais experientes.

Sem cabeça nem pé. Poemas de Edward Lear.

tradução por José Paulo Fares e ilustrações por Laila Maria. São Paulo: Ática, 1992.

José Paulo Fares traduziu e adaptou para a língua portuguesa alguns poemas de Edward Lear, um poeta inglês famoso e muito querido das crianças de toda a Inglaterra. A edição é bilingue, português/inglês e os desenhos de Laila Maria são engraçados e exagerados.

Os versos, os narradores, são sempre sujeitos de graça e dão margem a poemas despreocupados, como este que se segue:

Fazia um sol de longa face
Que se lamentava: 'Tudo diferente!
Pardal, andorinha,
Coruja, galinha,
Tudo se andava na minha frente'.

Que cantavam outros poemas de Edward Lear? Leia sem cabeça nem pé.

A Caminho da escola. Fábila Terra, ilustr. Nichele Jacova. São Paulo: Salamandra, 1997.

A Caminho da escola é um livro formado por pequenos poemas que procuram destacar os meios de transporte utilizados pelas crianças brasileiras para ir à escola (ônibus, trem, metrô, bicicleta, moto, etc.).

Os poemas são curtos e cheios de humor, Nichele Jacova utiliza a técnica da sequência, e cada poema tem relação com o livro. A linguagem é simples e direta.

O livro é indicado para crianças que estão na fase de alfabetização.



Comentando... os livros

• Simbad, o marujo de Eunice Bralado

Esta história fala de um menino que ficou sem pai e começou a trabalhar.

Ele foi se tornando, trabalhando no mar, um pouco. De vez em quando o chefe o chamava Bia, mas não era uma Bia, era uma bisneta. Então se chamava mais Simbad, porque o menino precisava se salvar pelo pé de uma ave.

Depois, quando Bia de verdade, ele encontrou muitos desafios. Encontrou leões, lobos, um pirata e fez uma grande viagem. Simbad ganhou a esposa, ficou com o navio e foi embora para a terra onde Bia nasceu.

Esta história é muito boa porque é cheia de aventuras.

Daniel Santos - 3ª série

• O tapa

de Chico e Zélio
- Editora FTD -

O livro conta a história de um menino que estava muito triste e quando estava triste, armava uma bagunça e jogava com uma cartolina para um colega muito distante.

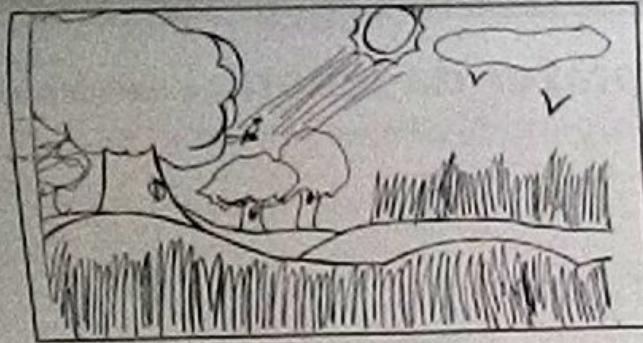
Ele constrói e joga com o amigo, trabalha, se chama de tapa e destrói tudo.

Com o tempo, ele vai se tornando um menino e vai se tornando um menino.

É um livro muito bom porque conta uma história muito bonita. É um livro de muito prazer para ler.

Alison de Souza

Camille Fernandes - 3ª série



Matheus
Gonçalves
3ª série -
Sesqui

Festa na floresta

Em uma floresta
Distante, um velho
Sabá começa a cantar.

Os rios correm
sem parar
Os animais são inocentes.
Eles seguem em
busca de comida.

Tome cuidado
gatinho, para o
cachorro não te pegar.
Tome cuidado
cariacinho,
para o leão
não te devorar.

É assim na floresta,
todo dia tem festa.
O sabá é o cantor,
A sua voz é uma beleza.
Todos aplaudem,
Com alegria e com clareza.

Vamos todos participar
desta festa.
Não é uma festa com bolo,
salgadinho e docinho.
É sim uma festa com paz,
alegria e carinho.

Camila Araújo
Colégio Nossa Senhora de Lourdes
10 anos - 4ª D

O mundo mágico

No mundo mágico
eu te abraço com
muito carinho

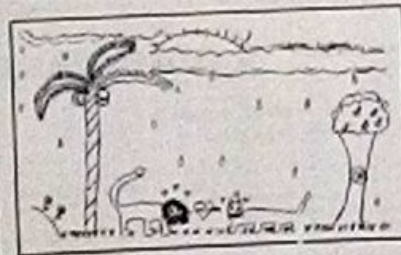
Carinho que sinto
quando te vejo
passar por mim no
mundo mágico

Mágico é o prazer
de estudar, cantar
e estar na escola
com todos os meus amigos

Amigos são como irmãos
e irmãs
que vivem junto da gente
dando amizade para todos.

Laura Benevides Carneiro
9 anos - aluna da 3ª série da
Escola Experimental
Salvador, 15-04-2000

O Leão valentão



Desenhos de Evelyn Oishi - 7 anos - Colégio Evolução

ANEXO 3 – “Correio Criança”



CORREIO CRIANÇA

2

FOQUINHA

Participa do Correio Criança. Mostra o seu talento e ganha prêmios!

Correio Criança

Se quiser ser publicado neste espaço.

Maria Azevedo Gabrielly Vale Moreira, 10 anos - Colégio Intensivo

Sonhos da Vida

A vida é cheia de missões e objetivos, acreditar é um deles: comer, dormir, amar, rezar... O conhecimento é uma parte, quando crescemos escolhemos o nosso caminho.

Eu nasci e meu primeiro passo foi sorrir, falar, andar e sonhar. A vida tem muitas obstáculos, sofrer é um deles e chorar também.

No meu primeiro momento de vida sonhei como seria o mundo. E eu vi a realidade: Sonho em cantar, por isso, eu creio e busco a felicidade da minha família como no Mágico de Oz.

O João Miguel Santos Arancibia vai fazer 3 anos, nasceu no Recife mas mora em Buenos Aires! A mamãe dele mandou esse desenho lindo pra nós e disse que sempre lê com ele o Correio Criança pelo Facebook!



Você pode também enviar suas produções para: Correio Criança - Av. Dom Pedro II, 623 - Centro, João Pessoa - PB, 58013-420. (Ou deixe-os diretamente na portaria)

O BOUNTY AFUNDOU. E AGORA, JACK SPARROW?



Foto: reprodução internet

Quando o furacão Sandy passou pela Carolina do Norte, dia 30 do mês passado, nos Estados Unidos, atingiu a réplica do navio HMS Bounty e provocou seu naufrágio. Ela foi construída em 1962 para o filme "O Grande Motim" e apareceu em vários documentários e filmes, incluindo "Piratas do Caribe", com Johnny Depp.

O navio estava indo para a Flórida quando afundou com 16 pessoas a bordo. Uma delas permanece desaparecida, o capitão do navio, Robin Walbridge. A guarda-costeira americana não soube informar porque o capitão decidiu fazer a viagem com ameaça de furacão.

O Bounty original existiu em 1789, era um navio britânico e ficou famoso por participar de um motim, no Taiti.

Fonte: cnn.com

Foto: Arquivo pessoal



BELLA SANTIAGO PINTOU A "MULHER DE BRANCO"

Na edição passada, o Correio Criança informou que o quadro "Mulher de Branco", havia sido pintado por Nivalson Miranda. Mas, precisamos pedir desculpas, pois nos enganamos. O quadro foi pintado por Bella Santiago, escritora e artista plástica paraibana. Ele nos contou sua inspiração para pintar o quadro:

"Essas histórias chegaram primeiro na minha infância, contadas pelos meus parentes e alguns dos velhos empregados doengenho do meu avô materno. Elas me inspiraram a escrever o livro "Histórias da Arca da Velha", publicado em 1998.

Depois, em 2003, lembrei o mito e então pintei o quadro sobre Branca, o fantasma da forte, que era provavelmente o da minha infância, a jovem mulher que perdera tudo: os pais, os irmãos, o noivo e, por último, o juízo. Branca enlouqueceu de dor e o espectro do infortúnio, que aparece atrás de Branca no meu quadro, a perseguiu mesmo depois de morta."

Editor Geral: Walter Galvão | Coordenação e textos: Márcia Demershtuk | Revisão: Marianna Vieira
Fotos: Manoel de Carvalho | Comercial: Glícia Rangel | Programação visual e diagramação: Klécio Bezerra
Conselho Editorial: Professores Francisco Fernandes, Alessio Toni, Ana Paula Holanda, Kay Francis, Sérgio Gino
Psicólogo: João Bezerra Guedes Jr. | Crianças: Pedro Lins, Caio Lucas Nobrega
Contato: correiocrianca@correioparaiba.com.br

Apoio:

Zarina
Centro de
Cultura





De 1º de novembro
até 9 de dezembro

A Cidade Fantasma foi um povoado do século XIX, no Velho Oeste americano. Um lugar cheio de mistérios e que esconde segredos

do passado. Um velho xerife comanda o bando conhecido como Os Caveiras. Conheça esse lugar... Vai ser terrível!

www.mirabilandia.com.br

O ganhador de dois ingressos para o Mirabilandia foi:
Italo Pedro

Com a frase aterrorizante:

**"Você nem sempre está sozinho, há algo que não pode ser visto.
Seja isto bom ou ruim..."**

O ganhador deverá retirar os ingressos na recepção do Sistema Correio, a partir do dia 12/11 até o dia 16/12, das 9h às 12h e das 14h às 17h.

Complexo de Salgadinho,
em Olinda (PE).
Horários:
Sexta: das 14h às 20h
Sábados, domingos e
feriados: das 15h às 21h.

EXPOSIÇÃO



COLEÇÃO DO ITAÚ CULTURAL "ARTE CIBERNÉTICA"

O público experimentará sensações incríveis proporcionadas pelos trabalhos exibidos.

Na galeria da Estação das Artes, novo prédio da Estação Cabo Branco, até o dia 25 de novembro, sempre de terça a sexta-feira, das 9h às 21h, e sábados, domingos e feriados das 10h às 21h.



MÁGICO DE OZ

NO EDNALDO DO EGYPTO

Curta temporada do espetáculo que encanta pais e filhos.

Teatro Ednaldo do Egypto
Rua Maria Rosa, 284 - Manaira

Sábados e domingos
do mês de novembro
Sempre às 17h

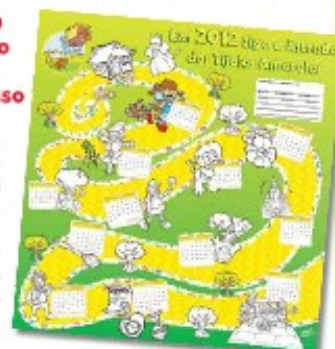


CALENDÁRIO INTERATIVO MÁGICO DE OZ

Você completou seu
calendário interativo
do Mágico de Oz?
Troque por um ingresso

Entregue seu calendário completo na bilheteria do teatro e troque por um ingresso para assistir ao Mágico de Oz!

Ou então, traga para a equipe do Correio Criança, na recepção do Sistema Correio.



O Correio Criança vai premiar o trabalho mais bonito! Caso esteja faltando alguma lâmina para você, baixe pelo Facebook/Correio Criança - Em albums.

CORREIO CRISTINA

4

VO PICADEIRO É O MEU LAR

5

Está em João Pessoa o Le Cirque, trazendo um grande espetáculo para todas as idades. Tem coreógrafos, globos da morte, malabaristas, acrobatas, artistas de rua e muito mais. Para divertir a platéia os artistas trabalham e treinam muito. Vida de circo não é tão fácil como todo mundo pensa!

Durante as apresentações o circo está repleto de alegria e emoção. "tô aqui!", disse João Paulo, mostrando o artista para o público, e vice-versa. Em outros momentos, o

Por Reporter Teen
Luiza Maria Sousa
11 anos

CONDOMÍNIO AMBULANTE

O circo é como um condomínio ambulante onde vivem várias famílias de diferentes nacionalidades. Mauro Castilho (foto), promotor do circo, disse que desde os 14 anos trabalha com isso. "Eu não me lembro por quantas cidades eu passei. Nós vivemos em trailers que são a nossa casa, nós comarim e também o meio de transporte", contou.



Outro artista é o Bryan Slevanovich, ele é a sétima geração de uma família circense. "Meu pai foi artista de circo, meu avô, meu bisavô, meu tataravô... Todos amavam o circo", contou Bryan, num português encolado. Nasceu na Espanha, ele já trabalhou na Europa, nos Estados Unidos, na Itália

NA CORDA BAMBÁ SEM TRUQUES!

Bryan subiu no cordão da bomba, um cabo de lura e as pernas firmes e aco esticado a 11 metros de altura, calçando uma sapatinha e a roupa de muito, faz no mínimo 2 horas de musculação por apresentação. "Não tem nada que nos dia. É muito suor antes e depois", disse Bryan.

Os jovens do circo têm uma vida saudável: Como precisam de força, eles têm que manter o corpo saudável e por isso não fumam, não bebem álcool e comem muitas frutas e verduras.

EOS ESTUDOS?

Para Bryan, os circenses são mais sábios! "A gente conhece muitos lugares, línguas diferentes e sempre frequentamos o circo durante a temporada na cidade", disse.

O Le Cirque está no Recife de Mafra
Horários: Sexta: 20h30 | Sabados: 18h e 20h30 |
Domingos e Feriados: 16h30, 18h e 20h30

Foto: Divulgação

CORREIO **ERIANÇA**

6


**POEMA VENCEDOR DO
ANO CULTURAL DA
PMJP HEBERT VIANNA
USA ACRÓSTICO**

Caio Nobrega e Pedro Lins

Neste ano o projeto "Ano Cultural", realizado pela Prefeitura Municipal de João Pessoa, homenageou o cantor e compositor paraibano Herbert Vianna, vocalista da banda Paralamas do Sucesso.

Um concurso sobre poemas foi realizado em todas as escolas municipais da Capital, cujo o tema era a vida de Herbert Vianna.

Um dos vencedores foi Teles Galdino, do 8º ano, da Escola Municipal Fenelon Câmara. Ele criou o poema Re-compor, que fala um pouco da história de vida e de superação do cantor. Seu poema foi em forma de acróstico, ou seja, as iniciais de cada verso formam a frase: "Ano Cultural Herbert Vianna".

Veja como ficou:

RE-compor

Teles Galdino dos Santos

Apesar das fatalidades ocorridas em sua vida
Não foi fácil continuar e suportar,
Os fatos que lhe deixaram as marcas das feridas.

Cantor, crítico e compositor,
Um grande músico paraibano,
Lápida em seus versos sua dor,
Transpassa seus limites ano após ano.
Ultrapassa o caminho da escuridão
Resgata suas forças para RE-compor
As belas melodias e canções
Lindas mensagens: "Cuide bem do seu amor".

Homem de força, fé e inteligência,
Enfrentou situações desfavoráveis
Reagiu e recuperou sua ascendência
Brilhante em seus sucessos implacáveis
Embalados por sua luta e
Resistência
Triunfa composições inexoráveis.

Vigora seu desejo de vencer
Impressiona a sua recuperação
Anuncia o seu mais novo CD
No "Som do Sim da continuação"
Narrando em versos musicais
Amores, temores e conflitos sociais.

del
LijAssociação de
Jornalistas e Escritores
do Rio Grande do Norte
**CONVITE
ANIMAL**

Da tarde, já avista, o calendário: É aniversário do dromedário!

Ele faz um ano. Assim como o amigo tuano.

Todos estão em festa! Na toca do leão, está a maior confusão:

Os bichos preparam a surpresa. Empilham as cadeiras, amecam uma grande mesa.

Pra lá e pra cá, sem saber o que fazer, caminha o tamanduá.

A girafa com seu pescoço comprido, pendura mais um balão colorido.

Tantas cores, uma para cada um de seus amores...

Nos ninhos, os passaros encolam os docinhos.

O jacaré? Ora, prepara o picolé!

Alguém esgotou no bolo! E agora D. Coruja? Ficou toda suja!

Saindo quentinha da toca, sinto o cheiro da pipoca.

Cada bicho com sua função, alegria a festa na toca do leão.

O canguru, apesar de doente, traz o cachorro-quente.

Sempre brincando de equilibista, adivinha o que o macaco escolheu de lista?

O leão, que pensa que é o chefe, não traz nem um saco de pão.

Anda meio irritado, pensando que tudo vai dar errado.

Lá fora, o tatu, encarregado da diversão, prepara a recreação.

Tartaruga, cedo madrugada. Preocupada, não quer chegar atrasada.

O elefante sorri ao se olhar no espelho. Se acha tão elegante!

Samba, funk, pagode...que nada! O DJ Onangotango só quer saber de tango!

Com tudo isso, atarralhado e pendurado num cipó, o Tarzan fica preso num grande nó.

Pra lá de contente, a serpente, adivinhe o que traz? Acertou quem ariscou: "presente!".

É chegada a hora! Os convidados estão todos do lado de fora. E

agora, o que resta? Só falta você para essa festa!



Sandra Ranco

É ilustradora e escritora e nasceu no Rio de Janeiro. Tem 16 livros publicados. Adora crianças, natureza e animais. O livro lançado este ano, foi "O sumiço do O" pela Editora Prumo. Conta a história de Mariana que se depara com a fuga da letra "O" no momento da leitura. Que confusão! Sem o "O" não há leitura! Para conhecer mais sobre seu trabalho, acesse o site www.sandraranco.com.br.



**PASSA
TEMPO**

**DESAFIO
DE HOJE:**

DOMINÓ DA MULTIPLICAÇÃO

7



Divirta-se com seus amigos e
fique crânio em matemática!

Cole em um papel mais
grosso, recorte e...

Divirta-se!!!

Recorte os dominós:

2x2	CORREIO	VANTAGEM	49	2x3	CORREIO	VANTAGEM	4	2x4	CORREIO	VANTAGEM	9	2x5	CORREIO	VANTAGEM	8
2x7	CORREIO	VANTAGEM	10	2x8	CORREIO	VANTAGEM	14	2x10	CORREIO	VANTAGEM	91	3x1	CORREIO	VANTAGEM	20
3x4	CORREIO	VANTAGEM	3	3x5	CORREIO	VANTAGEM	21	3x10	CORREIO	VANTAGEM	51	3x7	CORREIO	VANTAGEM	18
3x9	CORREIO	VANTAGEM	21	3x10	CORREIO	VANTAGEM	27	3x6	CORREIO	VANTAGEM	30	4x7	CORREIO	VANTAGEM	24
4x8	CORREIO	VANTAGEM	28	4x9	CORREIO	VANTAGEM	32	4x6	CORREIO	VANTAGEM	36	5x5	CORREIO	VANTAGEM	5
5x7	CORREIO	VANTAGEM	25	5x8	CORREIO	VANTAGEM	35	5x1	CORREIO	VANTAGEM	93				
6x8	CORREIO	VANTAGEM	42	6x9	CORREIO	VANTAGEM	48								
4x9	CORREIO	VANTAGEM	40	6x7	CORREIO	VANTAGEM	45								
6x10	CORREIO	VANTAGEM	54	7x7	CORREIO	VANTAGEM	60								

**EDUCAÇÃO INFANTIL, ENSINO
FUNDAMENTAL E MÉDIO.**

Colégio Intensivo
Intensificando seus
conhecimentos

UNIDADE I - Costa e Silva
UNIDADE II - Cruz das Armas
Fones: 3233.4420 / 3242.2194
www.colégiointensivo.net



CORREIO CRIANÇA

8

COMO NASCE UM BEBÊ?

Foto: Diego Nobrega

Ricardo Augusto Fernandes e Stephany Lima Oliveira, ambos com 10 anos, estiveram envolvidos e participaram. "A gente sabia que seria difícil ser pai ou mãe, mas foi divertido aprender sobre a vida..."

Muita gente já estudou isso na escola e aprendeu que os seres vivos possuem um aparelho reprodutor. Até mesmo as plantas! Arianne Menezes, professora de Ciências do Colégio Geo Sul, explicou como é no homem e na mulher:

"O corpo humano tem um sistema feito para reproduzir. É o sistema genital. O homem produz os esperma-

tozoides que, entrando em contato com o óvulo que está dentro da mulher, fecundam e dá origem a uma nova vida", ensinou a professora.

Mas, cada coisa a seu tempo. É melhor os filhos nascerem quando o casal estiver maduro e for grande o suficiente para assumir as responsabilidades de ter um filho.

Todos trabalharam bastante para fazer o "filho" para mostrar para os colegas como a professora Arianne Menezes.

Foto: Arquivo

COMO SERIA SUA VIDA SE VOCÊ TIVESSE UM FILHO AGORA?

Os alunos da professora Arianne, do 5º ano, fizeram uma experiência diferente. Eles "cuidaram" de um filho fictício: um ovo de galinha!

Por 1 semana, cerca de 150 alunos descobriram como é difícil criar um filho. A proposta era cuidar do ovo durante uma semana, carregando-o por onde quer se andasse (na escola, no esporte, na aula de música, nos passeios, no recreio, para estudar...), não podia deixar quebrar!

Mesmo com toda a atenção, uns 20 ovos quebraram, disse a professora Arianne. "Eles viram como é difícil ter um filho, dar atenção, cuidar, não deixar sozinho... Andavam com os ovos por todos os lugares. Quando o ovo quebrava, eles chegavam a chorar, mas como era uma experiência, a gente amava outro ovo e continuava o exercício", contou Arianne.

POETA LANÇA SEU PRIMEIRO LIVRO

Foto: Arquivo

Victor Nóbrega, aluno do Geo Tambaú, lançou seu primeiro livro "Anatomia do Amor". É uma coletânea de poemas que exploram as várias faces do verdadeiro amor, que se apresenta afagando e maltratando pessoas no decorrer da vida, segundo o autor.

Ele trocou muita experiência durante o projeto do Colégio Geo, Provocação Cultural. Leia um dos poemas:

A Noite

Tudo tem que ter um fim
Para poder existir um
começo
Perdoe-me se
cheguei a hora de partir
Mas não se esqueça de mim
Quando a lua surgir
Ou Amanhecer.

APÊNDICE A – Entrevista com Yolanda Limeira, editora de “Correinho das Artes”

Entrevista realizada por e-mail, dia 25 de junho de 2013.

1. Como surgiu o projeto do “Correinho das Artes”?

Em princípio nasceu da necessidade de preencher a lacuna que existia no jornalismo paraibano de uma publicação infanto-juvenil. Em termos práticos sua criação está ligada ao meu envolvimento com o “Correio das Artes”, quando Sérgio de Castro Pinto voltou a editá-lo em setembro de 1992, ao lado de Cláudio Limeira. Foi a partir daí, desse envolvimento, que amadureci a ideia de uma publicação que não fosse apenas um estímulo para as crianças se iniciarem na leitura de jornais, mas, principalmente, fosse um incentivo à leitura do texto literário. Queria mais do que um jornal com jogos e outros itens atrativos para a meninada. Queria um jornalzinho literário, onde os pequenos fossem não apenas leitores, mas parte “ativa” na elaboração do jornal, através de ilustrações, comentários, recriações de textos. E, além de todo este trabalho feito com a leitura de poemas e contos de escritores consagrados, eles divulgassem também suas próprias criações, suas historinhas, etc.

2. Foi fácil para o editor geral aceitar e autorizar a publicação?

A aceitação e a autorização para a circulação do “Correinho” veio diretamente do superintendente de “A União”, à época Itamar da Rocha Cândido. Logo que colocamos nossa ideia para sua apreciação ele acatou, autorizando de imediato sua publicação.

3. Quando iniciou, quando foi a primeira publicação?

O primeiro número circulou no dia 25 de dezembro de 1992. O último, quase 10 anos depois, no dia 04 de maio de 2002.

4. Era um suplemento, ou era uma editoria do Jornal?

Era um suplemento. Aliás era uma espécie de suplemento do suplemento literário de “A União”, o “Correio das Artes”. E era distribuído encartado nele, que por sua vez vinha encartado em “A União”. O “Correinho” era tão, digamos assim, “vinculado” ao “Correio das Artes” que só a partir do quinto número, em 17.10.1993, constava impresso nele seu próprio expediente, com nosso nome na editoria. Nos números anteriores figurava o expediente do “Correio das Artes”.

5. Circulava em qual dia? Semanal, quinzenal?

Durante os cinco primeiros anos tinha circulação trimestral. Só em agosto de 1997, quando “A União” foi dirigida por Zélio Marques, conseguimos que o “Correinho” fosse veiculado mensalmente.

6. Qual era a proposta editorial da publicação?

Era de uma publicação cultural, baseada num trabalho didático-pedagógico, destinada a incentivar nas crianças e adolescentes o gosto pelas artes em geral e pela literatura em particular.

7. Era destinada ao público de que cidade?

João Pessoa.

8. De que forma as crianças participavam?

De duas formas: Primeiramente selecionávamos textos de poetas e escritores. Estes textos eram entregues nos colégios, com as devidas orientações. As coordenadoras repassavam para as professoras para que trabalhassem os textos com seus alunos.

Paralelamente estas escolas passavam para mim o que era produzido pelas crianças e que fazia parte da programação específica de cada colégio.

9. Qual era o retorno da participação das crianças em termos de aprendizado com relação aos meios de comunicação?

Com relação a este item, confesso que não posso dimensionar este “retorno”. Posso dizer apenas que a meninada vibrava com a publicação, conforme depoimentos das professoras. Pude também constatar a empolgação das crianças, nas vezes que tive contato direto com elas.

10. Você tem notícias de algumas delas hoje? Sabe o destino de algumas delas?

Pouquíssimas. Também depois de mais de 10 anos, seria difícilimo, quase impossível acompanhá-las.

11. “A União” pertence ao Governo do Estado: havia alguma espécie de anúncio na publicação?

A exemplo do “Correio das Artes”, também não havia nenhum anúncio.

12. Quando e por que o projeto encerrou?

Encerrou na edição de 04/05 de maio de 2002. Encerrou pelo desinteresse autoritário do Superintendente de plantão.

13. De que forma o suplemento era mantido?

“A União” mantinha seus suplementos. Certamente, com os anúncios [no jornal diário] que o jornal diário divulgava.

14. Quanto à equipe, quantas pessoas trabalhavam?

Além dos editores (Yó e Cláudio Limeira), dois funcionários de “A União”: um responsável pela editoração eletrônica e um revisor.

15. A revista Verdes Anos surgiu em função do encerramento do “Correinho”? Uma espécie de continuidade?

Sim. No editorial da primeira edição dizíamos: “Verdes Anos é a retomada de um trabalho que vinha sendo desenvolvido ao longo de quase dez anos em nossas escolas públicas e privadas. Esta revista continuará com o mesmo propósito de despertar nas crianças e adolescentes o gosto pela leitura e pelas artes em geral, abrindo para elas mais uma porta para o mundo da criatividade.”

16. Quando iniciou, quando encerrou e por quê?

Iniciou em maio/julho de 2003 e encerrou em junho/dezembro de 2004.

APÊNDICE B – Entrevista com Wilma Wanda, editora de “O Pirralho”

Entrevista realizada por e-mail dia 9 de julho 2013.

1. Como surgiu o projeto “d’O Pirralho”?

“O Pirralho” surgiu da vontade do diretor técnico do Jornal “A União”, Barreto Neto (um jornalista de texto maravilhoso, grande amigo e de caráter indiscutível), de oferecer à meninada um espaço para publicar desenhos, em sua maioria quadrinhos, que chegavam à redação com muita frequência, com pedido para publicação. Não fizemos projeto nenhum. Tudo foi muito rápido. Era uma época em que o jornal mantinha um corpo de redatores da melhor qualidade vivia uma situação financeira muito boa. Depois de uma rápida reunião para definir o que íamos fazer, ficou decidido: vamos abrir espaço para os novos talentos em QH na Paraíba.

2. Quando iniciou, quando foi a primeira publicação?

Imagino que tenha sido em abril de 1982 (tem que conferir) e circulou durante uns quatro anos.

3. Era um suplemento ou era uma editoria do jornal?

Era um suplemento que circulava a cada quinze dias, aos domingos.

4. Circulava em qual dia da semana? Tinha quantas páginas e qual o formato?

Há muita coisa que não vou te responder com segurança, porque na verdade eu trabalhava no arquivo do Jornal. Numa sala grande. Era um tempo de muito papel, muita pasta, muito arquivo, muita gaveta para abrir e fechar até encontrar o que a redação pedia. Toda pesquisa era feita a mão, folheando papeis velhos e datilografando numa máquina que imagino você nunca tenha usado. Então a minha função era essa e Barreto não me cobrava muito mas acompanhava toda a edição do suplemento. Não havia equipe para editar “O Pirralho”. Lembro que começamos timidamente. Circulamos inicialmente com formato bem pequeno e só depois fomos para o tamanho tabloide.

5. Qual era a proposta editorial da publicação? Era destinado ao público de qual idade? As crianças participavam da produção da publicação? De que forma?

A nossa proposta era divulgar quadrinhos e revelar novos talentos. Os meninos (entre seis e 15 anos) apareciam aos montes no jornal com suas tirinhas. Em sua maioria eram meninos pobres. Da periferia. De escolas públicas, porque divulgávamos o suplemento nas escolas. Fizemos concurso de redação. É bom lembrar que numa época sem vídeo game, sem internet e de pouquíssimos aparelhos de TV nas casas, os meninos e meninas liam revistas, liam livros e usavam e abusavam de lápis e papel.

6. De que forma era mantido? Quanto à equipe: quantas pessoas trabalhavam?

Você não faz ideia da alegria dos meninos ao ver seus trabalhos publicados. Era uma algazarra só dentro da minha sala. E cada vez mais a turma de desenhistas aumentava. Todo mundo queria aparecer... Não fiz nenhum trabalho para o jornal “Correio”. O suplemento deixou de circular porque mudou o governo e consequentemente a direção do jornal. A nova equipe chegou com outros interesses.

APÊNDICE C – Entrevista com Marta Gleich, editora de Zero Hora

Entrevista realizada presencialmente, dia 11 de fevereiro de 2015.

1. Como é feita a distribuição dos conteúdos jornalísticos nas plataformas?

Os conteúdos de ZH são distribuídos em diferentes plataformas. Às vezes, a mesma informação se repete em diversas plataformas, mas “empacotada” de maneira diferente para ser bem consumido naquela plataforma. Às vezes, é disponibilizado só em uma plataforma. “Empacotar” é o fechamento da matéria na plataforma depois de entregue pelo repórter: editor, diagramador, designer gráfico, pessoas que trabalham com arte (infografistas, ilustradores), editor de vídeo, editor de foto, etc. A gente sempre pensa a partir da necessidade do público, como é a melhor forma para o público receber aquela notícia. Assim, buscamos o formato. O jeito como a gente conta a história no papel, ou como a contamos na internet ou no aplicativo, são jeitos diferentes. Os públicos estão lendo aquilo de uma maneira diferente e em horários diferentes.

2. Como são tratadas as informações que chegam?

ZH tem informações que são enviadas por “Push” (Sistema Push – pelo qual se envia informações em meio digital) para os usuários, pelo aplicativo – A prioridade são manchetes pela manhã e à noite – Ao longo do dia, se faz o acompanhamento dessas manchetes ou dão-se novas informações de novos fatos. Essas novas informações do dia dadas pelo digital são pequenas. A interpretação da notícia é dada no papel, pelo jornal impresso, publicado no dia seguinte, e vai também pra internet. Colunistas e blogs também comentam. Elegemos sete assuntos básicos que vão pelo celular às 7h da manhã: noticiário internacional, noticiário nacional, duas de noticiário local, previsão do tempo/aeroporto, Grêmio, Inter. Com texto, foto e às vezes vídeo. Outro formato para o digital é o ZH Explica, enviado à noite, sobre um assunto que é difícil de entender. Atrai muito estudantes, especialmente os que vão prestar vestibular. O “ZH Explica” de 11 de fevereiro de 2015 era: “Entenda a 9ª fase da “Operação Lava à Jato”. Mas os assuntos são os mais variados.

3. Como é feita a produção da notícia?

O repórter faz o conteúdo independente da plataforma. É na plataforma que ela recebe o tratamento diferenciado. Quem apura essas notícias são as mesmas pessoas (os repórteres) e

quem “empacota” são pessoas diferentes. O editor que empacota a notícia local no papel é diferente do editor que empacota pro aplicativo, para as mídias sociais e para o site. Temos publicado cada vez mais vídeo. É uma loucura como o público tem abertura para assistir a vídeos. Temos vídeos enviados pelo público, vídeos feitos pelos fotógrafos, pelos repórteres... Publicamos cerca de 20 vídeos por dia – editados no jornal. A notícia é empacotada de forma diferente, nas diferentes plataformas, com equipes diferentes, específicas de cada plataforma. Os Infográficos usados na internet são comumente originados em sites gratuitos, tipo o infogr.am.

4. Como é a participação do público pelas redes sociais?

O público participa pelos canais de comunicação com o leitor, que são muitos hoje em dia: e-mail, Twitter, Facebook, What's app. (O público) Envia vídeos, informações, que são checadas por equipes que fazem o “Fact-checking”. Temos uma equipe de redes sociais que trabalha todos os conteúdos em rede social, com linguagem própria, e não é qualquer matéria que vai para as redes. É outro público ainda. A informação ganha outro empacotamento. E outra dimensão de multiplicação. Ela é replicada e visualizada inúmeras vezes.

5. E o lucro da empresa de comunicação, vem (ou virá) de onde?

Não se ganha mais dinheiro com venda de jornais, nem em banca, nem por assinatura. Hoje, o produto é a distribuição da informação multiplataforma. A empresa que conseguir deixar o seu cliente mais bem informado, pela plataforma que ele está optando usar, esta vai ser líder de mercado. Terão anunciantes e patrocinadores, pois estes estarão respaldados pelo número de visualizações que têm. Eu não tenho nenhuma dúvida de que quem é criança e adolescente hoje em dia não vai assinar um jornal de papel. Não vai. Vai assinar um conteúdo digital, consumido cada vez mais pelo mobile. Não adianta amarrar uma criança no pé de uma cadeira e obrigá-la a ler um livro em papel.

6. Como está a audiência *mobile* de ZH?

A nossa (de ZH) audiência *mobile* está chegando a 50%. As pessoas estão nos consumindo pelos smartphones. Nem tanto pelo desktop quanto mobile. E vídeo será a linguagem por excelência. E é isso que vai “pegar” a gurizada. Depois de assistira o vídeo, pode ser que eles tenham interesse em buscar mais informação, o que, então, virá pelo texto escrito. Considero o

texto escrito superimportante, mas não podemos impor o comportamento, as tendências. Elas acontecem. Não posso agora oferecer apenas o texto escrito para o meu consumidor que está a cada dia mais me buscando pelo smartphone.

7. Está havendo uma mudança de comportamento?

O fato é que existe uma mudança de comportamento absurda, veloz, que é inexorável e, por mais se queira colocar crianças em sala de aula lendo um livro em papel, não é desse jeito que elas irão comprar a informação daqui alguns anos. O mundo está mudando. Ou a gente fornece informação do jeito que o consumidor está consumindo ou a gente fornece uma informação que vai ser consumida por pouquíssimas pessoas. O leitor vai deixar de consumir esse veículo e vai consumir outro que esteja fornecendo no formato, ou no aparelho que ele optou para ler, assistir ou ouvir).

8. E como a criança atua nessa mudança?

A criança pode receber a informação digital. A escola está mega-híper defasada em termos de tecnologia e de estar adaptada ao jeito em que hoje as crianças estão se desenvolvendo. A escola está afastando as crianças porque ignora que a criança está consumindo as coisas nos meios digitais. Tenta amarrar no pé da cadeira e fazer com que ela leia o livro no meio papel. Esse conteúdo que estaria impresso deve estar em meio digital. Temos que ter em mente que se consome alguma coisa quando se precisa daquilo. Quando o adolescente vai estudar pro Enem ele começa a se interessar pelo jornal. Antes de o professor cobrar que o estudante leia Política ou Economia. Ele começa a ler Esportes ou Entretenimento, aquilo que interessa a ele. Na internet temos muitas informações de outros assuntos e daí está uma das grandes oportunidades de jornais de marcas com credibilidade, de informação confiável, informação bacana e entretenimento, desses jovens se aproximarem das marcas de jornais a partir das coisas diferentes que se pode fazer. Temos uma secção, por exemplo, que se chama Planeta Ciência, que é um caderno mensal no jornal de 08 páginas, mas é uma seção atualizada com muito mais frequência no site, e traz temas como aquecimento global, Aids, proteção solar, arqueologia, água... E pode ser explorado bastante pela internet.

9. Como foi a trajetória de integração das plataformas?

Nessa trajetória, especialmente a partir de 2011, muitos projetos deram certo, mas vários deram errado. Estamos sempre na “tentativa-e-erro”, experimentando e verificando. Tivemos, uma época, uma agenda cultural bem “Cult” no fim de semana, programas elitizados, que não deu certo, não havia acesso. Era na sexta-feira, pelo celular. Trocamos para uma agenda mais popular e estourou. Temos muito olhar na audiência, vendo o que a audiência está aceitando. Os editores que estão na web, especializados na web, ficam de olho no retorno, quem faz no papel, fica atento para o retorno em papel. Assim vamos identificando as preferências.

10. Quais os desafios para os grupos de comunicação?

Aí está a dificuldade dos meios de comunicação, de falar com diferentes públicos, nas diferentes plataformas e em diferentes formatos e entender que este é o caminho e não terá volta. Temos que nos modificar para atender esse público sob pena de afastá-lo da empresa. Não adianta copiar e colar o assunto no Face. A gente posta no Face coisas que se identificam com o Face, escritas do jeito que o Face está habituado a usar, que funcionam no Face, e não necessariamente funcionarão no papel. O Grupo RBS desenvolveu o estudo “The Communication (R)Evolution”, pelo qual levantou as tendências da área de comunicação, especialmente entre os meios de informação, para entender o mercado atual e assimilar a reinvenção do mundo. Sintetizou a nova atuação do mercado em 11 premissas: “ser verdadeiro”; “ser confiável”; “ser participativo”; “ser plural”; “ser móvel”; “ser beta”; “pensar à frente”; “pensar mais alto”; “ser colaborativo”; “ser intuitivo”; “ter utilidade”. Este estudo foi apresentado em dezembro de 2014 no evento Vox, em Porto Alegre e são as diretrizes do Grupo RBS para curto prazo”.

A entrevistada fala dos dilemas da comunicação contemporânea, e ressalta o conflito maior: falar com diferentes públicos. Eles se apresentam de formas distintas nas plataformas usadas pela empresa e estão, cada vez mais, definindo um formato consumível de notícia, o digital. Gleich salienta o comportamento do futuro leitor/consumidor de notícias, as crianças e adolescentes de hoje que começam a entrar em contato com a informação pelo meio digital. De acordo com sua opinião, estes futuros leitores não assinarão um jornal impresso.

Com 25 anos de experiência em jornalismo, todos eles passados no Grupo RBS, Marta Gleich, participou do início da evolução para o meio digital. Ela integrou a equipe de desenvolvimento de projetos em comunicação digital no centro de referência em pesquisa nessa

área, criado pelo Grupo RBS em parceria com o Parque Científico e Tecnológico da Pontifícia Universidade Católica (PUC/RS), em 2011 (Tecnopuc).

O centro é formado por profissionais da RBS e acadêmicos da instituição e desenvolvem em conjunto projetos em comunicação digital. A equipe é responsável pela produção de sites, mobile sites, aplicativos e outras ferramentas digitais para produtos como clicRBS, hagah, Guia da Semana, Oba Oba, Pense Imóveis, Pense Carros, Eu Comparo, Desejomania e sites dos jornais e rádios da RBS1.

Estes produtos digitais formam a arquitetura de distribuição de notícias do Grupo RBS sendo que o Portal clicRBS, reúne todas as mídias, de onde podem ser acessados os programas de televisão, de rádio, o jornal impresso, os aplicativos mobile e a interatividade pelas redes sociais. E ainda disponibiliza uma ampla ferramenta de classificados digital, sabidamente a principal estratégia do jornal impresso para a geração de receita.

Estando pronto e testado o pano de fundo tecnológico, deu-se início ao processo de produção de conteúdo e atualização. Nesse ponto entrou a reformulação da sistemática de trabalho dentro da redação, quando repórteres passaram a produzir matérias tanto para o meio impresso quanto para o digital, e fotógrafos começaram a fazer vídeos, além de fotografias.

A roupagem que este conteúdo ganhava em cada meio é diferente. Então, Gleich explica que foi necessária a formação de editores específicos para cada meio, além dos técnicos em designer, edição de vídeo, webdesinger, infografistas, entre outros. Isso para que o “empacotamento” da notícia ganhasse a característica da plataforma veiculada.